

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

IGOR FERNANDO MALLMANN

**GUERRA RUSSO-UCRANIANA EM CIRCULAÇÃO:
um conflito midiaticizado nas dimensões do imaginário, real e simbólico**

**São Leopoldo
2023**

IGOR FERNANDO MALLMANN

**GUERRA RUSSO-UCRANIANA EM CIRCULAÇÃO:
um conflito midiaticizado nas dimensões do imaginário, real e simbólico**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula da Rosa
Coorientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira

São Leopoldo
2023

M254g

Mallmann, Igor Fernando.

Guerra Russo-Ucraniana em circulação : um conflito midiaticizado nas dimensões do imaginário, real e simbólico / Igor Fernando Mallmann. – 2023.

135 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2023.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula da Rosa
Coorientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira.”

1. Midiaticização. 2. Circulação. 3. Guerra Russo-Ucraniana.
4. Conflito midiaticizado. 5. Imaginário. 6. Disputa de sentidos.
I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

IGOR FERNANDO MALMANN

**GUERRA RUSSO-UCRANIANA EM CIRCULAÇÃO: UM CONFLITO
MIDIATIZADO NAS DIMENSÕES DO IMAGINÁRIO, REAL E SIMBÓLICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

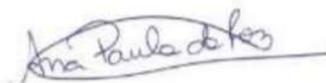
APROVADO EM 22 DE MAIO DE 2023.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. ADA MACHADO – UFRR
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. SÉRGIO ENDLER - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF.DR. JAIRO FERREIRA - UFSM
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UNISINOS

Av. Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-750 São Leopoldo Rio Grande do Sul Brasil
Fone: (51) 3590-8450 Fax: (51) 3590-8132 <http://www.unisinos.br>

AGRADECIMENTOS AO CNPq

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação foi um processo que me levou a um caminho cheio de transformações, questionamentos, incertezas, emoções e alegrias. Graças às pessoas que estiveram comigo, essa jornada ganhou muitos significados e inspirações, mesmo nos momentos de maior dúvida. Por isso, escreverei algumas palavras dirigidas a essas pessoas às quais sou grato.

Agradeço a minha família. Meus pais, Remi e Patrícia, e minha irmã, Ingrid, que sempre apoiaram e admiraram meu interesse pelos estudos, nunca questionando as escolhas que tive que fazer para seguir o caminho do mestrado.

A minha namorada, Maria, que foi o maior presente que ganhei da vida e do meu período no PPG Unisinos. Ela chegou no momento certo para ser uma inspiração e companheira na pesquisa, assim como na vida. Essa mulher de inteligência brilhante e determinação firme foi um suporte essencial, tanto nos afetos como nas trocas acadêmicas. Esteve ao meu lado, apoiando e incentivando nos momentos críticos. Enriqueceu imensamente essa pesquisa com leituras atentas e sugestões certeiras. Como sempre digo a ela, Maria, doutora em Ciências da Comunicação, já é uma pesquisadora fascinante e grande teórica da Mídiação.

Aos demais familiares de sangue e também à família que ganhei em Pelotas, sou grato por todo carinho e apoio.

A Ana Paula, minha orientadora, que me acolheu e aceitou embarcar nessa jornada “com o bonde andando”, em meio à turbulência do anúncio do fechamento de nosso PPG em Ciências da Comunicação. Da mesma forma compreensiva que foi desde nosso primeiro contato, em uma disciplina de Teorias da Comunicação na graduação, Ana jamais questionou ou se queixou de atrasos ou insuficiências na pesquisa cuja orientação teve de assumir já na fase posterior à Qualificação. Pelo contrário: ela sempre buscou tirar o máximo potencial da pesquisa, do que poderia ser feito no tempo que restava. Por toda essa história, passando por graduação, Iniciação Científica, TCC e agora mestrado, considero Ana uma grande amiga que a academia me deu.

A Jairo, orientador dessa pesquisa desde seu início, com quem tive uma grande identificação. Esse professor cheio de afetos e abduções sobre os mais variados temas ajudou-me muito, principalmente estimulando meu interesse no debate teórico. Infelizmente, uma decisão da Universidade, que até hoje nos deixa incrédulos, de

fechamento de um PPG de altíssimo nível e de demissão deste pesquisador que tanto fez pela linhagem de pesquisa em Mídiação desestabilizou o andamento deste e outros trabalhos. De qualquer forma, este documento ainda tem muito das sempre amigáveis e enriquecedoras trocas com Jairo.

Aos demais professores da Linha de Pesquisa em Mídiação e Processos Sociais e do PPGCC Unisinos em geral. Seja como aluno ou como leitor de seus trabalhos, muito aprendi com esses pesquisadores. Também ao professor Sergio Endler, que muito contribuiu com sua brilhante participação na banca de qualificação.

Aos colegas de PPG, especialmente às amigas Martina e Grazi, com as quais compartilhei os desafios da pesquisa e, também, boas risadas ao longo do mestrado.

Aos colegas dos dois grupos de pesquisa nos quais tive a honra de participar ao longo deste mestrado, Epistecom e Lacim. Os debates e trocas nessas reuniões foram de enorme valor para realização desta dissertação.

RESUMO

A Guerra Russo-Ucraniana, além dos combates bélicos em larga escala, provocou embates nas esferas midiática, cultural, política, econômica, entre outras. A proposta desta dissertação é compreender como esses embates dos sentidos sobre a guerra se deram no contexto brasileiro – marcado por questões históricas e ideológicas profundas, como o anticomunismo que se atualiza e no discurso político. Assim, o problema de pesquisa se configura da seguinte forma: De que forma ocorrem as disputas de sentido sobre a Guerra Russo-Ucraniana sob o prisma ideológico e sociocultural brasileiro, a partir das dimensões do Imaginário, Real e Simbólico? A partir da ambiência da midiatização da sociedade, o estudo se guia pelo objetivo de investigar as disputas de sentido na circulação subjacente às publicações referentes à guerra da Ucrânia na plataforma Twitter, com foco nas disputas ideológicas e no contexto sociocultural brasileiro. A discussão teórica traz, como eixos principais: a tríade Imaginário, Real e Simbólico (LACAN, 2009) aplicada à semiose midiatizada (FERREIRA, 2022); a relação entre imaginário midiático e social (ROSA, 2019a) na circulação (FAUSTO NETO, 2008); lutas simbólicas; desrealização (SODRÉ, 2021) e eufemização; problematização da guerra na Ucrânia como conflito midiatizado. Os corpora de observáveis são compostos de três conjuntos de postagens de perfis no Twitter, incluindo comentários/respostas: Conjunto 1 – aparições da bandeira soviética no campo de batalha; Conjunto 2 – a figura de Vladimir Putin associada ao passado soviético; Conjunto 3 – Relatos do cerco a Mariupol, incluindo associações do Batalhão Azov ao nazismo. O objeto de pesquisa foi abordado a partir de movimentos inferenciais abduativos, dedutivos e indutivos, além da reflexão do paradigma indiciário e do caso midiatizado. Para a análise dos observáveis, construiu-se uma experimentação metodológica que trabalha a circulação como operações de atribuição de valor, entre produção e reconhecimento, nas dimensões do Imaginário, Real e Simbólico. Dentre os resultados, pode-se citar a constatação de que as imagens e relatos do conflito que chegam têm um grande poder de mobilização, mas é igualmente relevante aquilo que retroage sobre a discussão da guerra a partir do tecido social, de embates que estão ocorrendo em outros circuitos. As operações dos agentes debatedores mobilizam imaginários sociais, trazendo imprevisibilidade à circulação, transbordando os sentidos, com recontextualizações e agenciamentos.

Palavras-chave: Mídia; circulação; Guerra Russo-Ucraniana; conflito midiático; imaginário; disputa de sentidos

ABSTRACT

The Russian-Ukrainian war, in addition to large-scale war conflicts, provoked clashes in the media, cultural, political, economic spheres, among others. The proposal of this dissertation is to comprehend how this dispute of meanings about the war took place in the Brazilian context- marked by deep historical and ideological questions, as political discourse and the anticommunism that updates itself. Thereby, the question of this research sets up in this way: How the dispute of meanings about the Russian-Ukrainian war occurs under the Brazilian ideological and sociocultural perspective, from the Imaginary, Real and Symbolic dimensions? Through the ambience of mediatization, this study is guided by the objective of investigating the meaning disputes in the circulation underlying the posts referring to the Russian-Ukrainian war on Twitter, focusing the ideological clashes and the Brazilian sociocultural context. The theoretical discussion, brings, as the main frameworks: the triad Imaginary, Real and Symbolic (LACAN, 2009), applied to the mediatized semiosis (FERREIRA, 2016); the relation between media and social imaginary (ROSA, 2019a), in circulation (FAUSTO NETO, 2008); symbolic conflict; derealization (SODRÉ, 2021) and euphemization; problematization of the Russian-Ukrainian war as a mediatized conflict. The corpora of observables are composed of three set of posts from Twitter profiles, including comments/ responses: Set 1- apparitions of the soviet flag on the battlefield; Set 2 – the character of Vladimir Putin associated with the soviet past; Set 3 – reports of Mariupol siege, including associations of Azov battalion to the Nazism. The research object was approached from abductive, deductive and inductive inferential movements, besides the reflection of evidentiary paradigm and mediatized case. To analyze the observables, a methodological experimentation which works the circulation as value assignments operations, between production and recognition, in the Imaginary, Real and Symbolic dimensions was built. Among the results, we can highlight the finding that the incoming images and reports of the war have a great power of mobilization, however the retroaction about the discussion regarding the war through the social tissue, the conflicts that are occurring in other circuits are equally relevant. The operations of debating agents mobilize social imaginaries, bringing unpredictability to circulation, overflowing the meanings, with recontextualizations and assemblages.

Keywords: Mediatization, circulation, Russian-Ukrainian war; mediatized conflict; imaginary; meaning disputes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO E PROBLEMATIZAÇÃO	17
2.1 Experiência soviética e anticomunismo no Brasil	17
2.2 Guerra da Ucrânia e origens do conflito	20
2.3 Mídia e inventividade social: uma perspectiva crítica	23
3 CONSTRUÇÃO DO CASO DE PESQUISA	30
4 INTERFACES TEÓRICAS	36
4.1 Tríade Imaginário, Real e Simbólico	36
4.2 Imaginários e agenciamentos em circulação	41
4.2.1 Imaginários sociais e midiáticos	41
4.2.2 As lutas pelas classificações sociais em circulação	45
4.2.3 Desrealização e operações de eufemização	47
4.3 Conflitos midiáticos	50
5 PERCURSO METODOLÓGICO: UM EXERCÍCIO TENTATIVO	55
5.1 Discussões de método	55
5.2 Procedimentos metodológicos	61
6 ANÁLISE E INFERÊNCIAS EMPÍRICAS	65
6.1 Conjunto 1: aparições da bandeira soviética	66
6.1.1 Postagem do Hoje no Mundo Militar	66
6.1.2 Postagem do Pensar a História.....	76
6.1.3 Postagem do Antagonista	81
6.1.4 Sistematização do Conjunto 1	85
6.2 Conjunto 2: a figura de Vladimir Putin	88
6.2.1 Postagem do Hoje no Mundo Militar	88
6.2.2 Postagem do Jornal Brasil Sem Medo	93
6.2.3 Postagem da BBC News Brasil	97
6.2.4 Sistematização do Conjunto 2.....	101
6.3 Conjunto 3: cerco a Mariupol	103
6.3.1 Postagem de Hoje no Mundo Militar	103
6.3.2 Postagem de Pensar a História.....	108
6.3.3 Postagem da DW Brasil	115
6.3.4 Sistematização do Conjunto 3.....	119

6.4 Análises transversais	121
7 CONSIDERAÇÕES.....	128
REFERÊNCIAS.....	133

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos armados ao longo das eras são eventos traumáticos a nível humano – baixas militares e civis – e material – destruição das infraestruturas e economias. Não obstante, há também fortes traumas do ponto de vista comunicacional e societário. A midiaticização da sociedade, especialmente no seu estágio atual, favorece a efervescência de disputas de sentido sobre os grandes tópicos de querelas contemporâneas. As estratégias midiáticas e agenciamentos espraiam os conflitos e desavenças para muito além do campo de batalha geograficamente delimitado. Os estudos na perspectiva da midiaticização permitem investigar muito além das mudanças midiáticas e tecnológicas, adentrando as complexificações existentes no tecido social, nos grandes dilemas societários.

A atual guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, é evento complexo, com um emaranhado em interesses geopolíticos em jogo, muito divulgado midiaticamente e ao mesmo tempo rodeado de desinformação. Em grande medida, esse conflito, conforme a problematização proposta pela presente pesquisa, se configura como mais um capítulo naquilo que Igor Sacramento (2020) articula como dinâmicas de representação do inimigo em relação a países e povos não alinhados ao chamado Ocidente. No contexto da pandemia de Covid-19, como atesta o trabalho de Sacramento, esse inimigo era predominantemente a China. Agora, em 2022, a Rússia assume também este posto de inimigo do Ocidente de forma contundente. As tensões com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) vinham aumentando há anos, mas de fato o que catapultou a Rússia ao centro dos holofotes midiáticos e das subsequentes disputas de sentido foi o início das operações militares na Ucrânia em fevereiro do decorrente ano. Mas as dinâmicas da circulação midiática decorrente superam a noção de representação, resultando em amplas lutas simbólicas.

O caso da Rússia é muito interessante e rico, pois a memória da era soviética e da Guerra Fria é ainda muito presente na esfera da cultura, da política e dos imaginários sociais no Brasil, mesmo considerando uma certa limitação nas informações às quais temos acesso. É também uma memória em muitos aspectos traumática e com fortes reflexos na atualidade do país, sendo que uma ditadura militar cheia de atrocidades foi aqui estabelecida se justificando, em parte, em nome do combate à propagação do comunismo. É uma memória em disputa, com muitos

setores querendo seu apagamento ou distorção. Em um momento atual de polarização e dificuldades comunicativas entre setores que se antagonizam, o anticomunismo está novamente em evidência nas lutas simbólicas, com suas várias nuances conspiratórias e acusatórias, desde as interações mais cotidianas entre sujeitos até discursos de figuras públicas e governos. Um dos agentes que mais capitalizou essa efervescência do anticomunismo é o próprio ex-presidente Jair Bolsonaro, antes de fracassar na tentativa de reeleição em 2022, sempre deixando claro seu asco em relação à simbologia da bandeira vermelha do Partido dos Trabalhadores (PT).

Aí que o caso da guerra e da Rússia nas lutas simbólicas fica ainda mais interessante, pois alguns setores do movimento bolsonarista passaram a simpatizar - ao menos no início da guerra - com a causa da Rússia. Isso em função de eventos como trocas de palavras amistosas entre os líderes das duas nações, a visita de Bolsonaro à Rússia em fevereiro de 2022 e as posições conservadoras de Vladimir Putin em assuntos como sexualidade e família. Então, temos aí posições conflitantes nos setores à direita ideológica, com alguns apoiados no anticomunismo e no discurso pró-ocidental, enquanto outros enfatizam uma identificação pessoal entre Putin e Bolsonaro. É de se imaginar que do outro lado do espectro ideológico, à esquerda, esses fatores também provoquem opiniões contrárias. Há os que seguem pela via do enfrentamento ao imperialismo e intervencionismo estadunidense, enquanto outros buscaram subsídios na identificação Putin-Bolsonaro para antagonizar o então presidente brasileiro na disputa eleitoral contra o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Putin, aliás, é essa figura envolta em imaginários de todo tipo. Ele é representado midiaticamente, muitas vezes, como uma espécie de herança viva do período soviético, esse ex-agente da KGB¹ que traz na sua linguagem corporal reflexos de seu antigo ofício. Aparece também como um autocrata que restringe direitos civis e gostaria de reconstruir o poder da União Soviética. Em alguns ambientes, tem suas falas conservadoras postas em evidência; em outros, é lembrado por sua ferrenha posição de resistência aos ditames estadunidenses e da OTAN, afirmando a soberania do povo russo.

Todos esses ingredientes contribuem para um cenário complexo e, não raro, confuso nas lutas simbólicas que se pretende investigar neste trabalho. Por isso, creio

¹ Sigla que se refere ao antigo serviço secreto de inteligência da União Soviética.

ser importante conduzir as análises sempre tendo em conta o contexto, as condições históricas – culturais, políticas e econômicas – nas quais se dá a produção de sentido.

O problema de pesquisa que orienta essa dissertação está formulado da seguinte forma: **De que forma ocorrem as disputas de sentido sobre a Guerra Russo-Ucraniana sob o prisma ideológico e sociocultural brasileiro, a partir das dimensões do Imaginário, Real e Simbólico?**

Para operacionalizar a pesquisa e apresentar respostas possíveis a essa pergunta, o **objetivo geral** se constitui assim: *Investigar as disputas de sentido na circulação subjacente às publicações referentes à guerra da Ucrânia na plataforma Twitter, com foco nas disputas ideológicas e no contexto sociocultural brasileiro.* Já os **objetivos específicos** são os seguintes: a) Articular perspectivas teóricas desenvolvidas sobre a produção de sentido e teorias psicossociais sobre imaginário, real e o simbólico; b) Problematizar a questão do anticomunismo no Brasil nas dimensões comunicacional e histórica; c) Identificar os movimentos de circulação subjacentes às publicações sobre a guerra no Twitter, em perfis e circuitos de diferentes matrizes ideológicas e editoriais, para compreender a semiose midiaticizada como processo de disputas simbólicas; d) Operacionalizar a perspectiva teórico-epistemológica da tríade Imaginário, Real e Simbólico para elaboração experimental de um caminho metodológico para análise da circulação de sentidos.

Esta pesquisa tem como eixo teórico-epistemológico o tensionamento da tríade Real, Imaginário e Simbólico (RSI), referenciada em Jacques Lacan, no contexto comunicacional da semiose midiaticizada, dialogando com a tríade de signos de Peirce – Ícone, Índice e Símbolo. A escolha desta abordagem se justifica pelo fato de que a produção de sentido não se resume, individualmente, aos elementos simbólicos, aos imaginários postos em circulação ou à mera concretude do real; a produção de sentido abarca todas essas dimensões, especialmente em eventos multifacetados como guerras. Associados à tríade citada, também se discutirá eixos como: as lutas pelas classificações sociais; a midiaticização da sociedade – nas perspectivas teóricas que se entendem adequadas a esse trabalho; a circulação midiática e seus agenciamentos; o tensionamento entre imaginários sociais e midiáticos; desrealização e eufemização; conflitos midiaticizados.

Do ponto de vista metodológico, trabalhar-se-á com uma experimentação que relaciona a análise de circulação (produção e reconhecimento) com a tríade proposta para compreender a semiose (imaginário, real e simbólico), levando em conta a

reflexão sobre a construção de casos midiáticos. Também se trabalha uma reflexão sobre três formas de inferência (abdução, dedutiva e abdução) e do paradigma indiciário como forma de conhecimento. A escolha dos observáveis elenca materiais em três conjuntos, sendo que cada um é composto por três postagens (tweets), incluindo comentários e interações:

- a) Aparição da bandeira soviética na atual Guerra Russo-Ucraniana, levantando imaginários e embates sobre anticomunismo e passado soviético;
- b) Representações do presidente russo Vladimir Putin que ressaltam ligação com passado soviético e suposto desejo expansionista;
- c) Combates no cerco a Mariupol, envolvendo o Batalhão Azov, apresentados de forma a associar o atual conflito armado com outros anteriores, além de discussões sobre nazismo.

As postagens foram selecionadas a partir da ferramenta de busca avançada do Twitter, sendo que os critérios serão explicitados nos capítulos posteriores. A partir desses materiais, serão analisados, em cada postagem, os textos, imagens, inter-relações entre os elementos, comentários e respostas dos sujeitos que interagem e quaisquer outras marcas possíveis de serem identificadas, desde que contribuam para os objetivos elencados para a pesquisa. O que une os três conjuntos é sua potência para investigação dos temas de disputas ideológicas que emergem da guerra no contexto comunicacional brasileiro.

Além da atualidade do tema da Guerra Russo-Ucraniana, um evento que marca um estágio de reconfiguração das forças geopolíticas no mundo, esta pesquisa encontra justificativa, também, em outros âmbitos. Trata-se de um esforço de compreender a permanência, entre apagamentos e inserções, de certos imaginários e construtos sócio-simbólicos ligados ao anticomunismo, especialmente no Brasil. De forma pessoal, há tempos me intriga a emergência de contendas e discursos centrados na imperatividade de combater uma suposta ameaça comunista. Para os movimentos políticos situados mais à direita ideológica, adversários, artistas, instituições e qualquer pessoa que discordem de seu ideário podem acabar sendo acusados de serem comunistas. Aliás, para esses grupos, o conceito de comunismo é sinônimo de uma conduta imoral, criminosa e até demoníaca. Esse, por si só, já é um indício de algo que está entranhado no tecido social, com raízes profundas na história e nos imaginários sociais. Assim, tentar compreender um pouco do forte apelo

à retórica anticomunista, na atualidade brasileira, é um dos fatos que motivam esta dissertação.

A isso se soma um interesse por história, especialmente de guerras e assuntos bélicos, que remonta à minha adolescência. De forma específica, a rica história da Rússia e da União Soviética sempre me fascinaram, com todas suas reviravoltas, nuances e eventos colossais – tais como a vitória sobre os Nazistas na Segunda Guerra Mundial. Interessa-me investigar como essa carga histórica e societária, em tensionamento com o Ocidente, manifesta-se – ou é contrariada, quem sabe? - no atual conflito com a Ucrânia.

Por fim, esta pesquisa busca, ainda que de forma modesta e incipiente, trazer uma contribuição às teorias associadas ao conceito de Mídiação, especificamente no que diz respeito à produção de sentido. Tento, com este trabalho, colocar em inter-relação elementos que desde a graduação e o Trabalho de Conclusão de Curso instigam meus questionamentos epistemológicos: a necessidade de valorizar o papel dos imaginários sociais na circulação midiática, as lutas no campo simbólico e o lugar do real – com todas suas facetas e construções sociais.

A estrutura da dissertação está organizada da seguinte forma: o capítulo 2 traz o contexto e a problematização de aspectos sociais atuais e históricos centrais para a pesquisa, como o anticomunismo, as origens do conflito na Ucrânia e uma discussão da perspectiva de mídiação a ser adotada; o capítulo 3 explicita os movimentos de construção do caso de pesquisa; o capítulo 4 é dedicado às interfaces teóricas, como a tríade Imaginário, Real e Simbólico, imaginários midiáticos e sociais, lutas simbólicas, circulação, desrealização e conflitos midiaticizados; o capítulo 5 apresenta o percurso metodológico da pesquisa; o capítulo 6 consiste no trabalho analítico e inferencial com os observáveis; o capítulo 7 traz considerações sobre o trabalho realizado, discutindo contribuições e resultados, além de novos horizontes abertos pela pesquisa.

2 CONTEXTO E PROBLEMATIZAÇÃO

Ao se pesquisar a produção de sentido que tem como elemento os imaginários sociais construídos ao longo do tempo, penso ser fundamental um resgate histórico. Dessa forma, trago, neste capítulo, questões-chave para compreender o anticomunismo no Brasil e o contexto da Guerra Fria no século XX, assim como os fatos que levaram ao atual conflito armado na Ucrânia. Também será problematizado o conceito de Mídiação, especialmente em seu estágio atual, essencial para compreender a produção de sentido que ocorre na inter-relação dos processos sociais com a comunicação e o ambiente midiático.

2.1 Experiência soviética e anticomunismo no Brasil

O século XX, ao mesmo tempo fascinante e traumático, está profundamente marcado pelos eventos relacionados à Rússia e à experiência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A vitória dos bolcheviques em 1917 inaugurou, a nível mundial, embates culturais, ideológicos, políticos, econômicos e militares que transcorreram por décadas, com reflexos profundos na maneira pela qual compreendemos o mundo atualmente. Sob o lema “Paz, pão e terra”, a revolução se concretizou em meio à ampla insatisfação de um povo com seu czar, com a miséria, com a participação russa na Grande Guerra e muitos outros graves problemas sociais e políticos. Inspirado ideologicamente no marxismo-leninismo (tendo a liderança do próprio Vladimir Lenin), o estado soviético nasceu com a promessa de colocar em prática aquilo que seria um estado proletário, combatendo a exploração capitalista.

A União Soviética deve seu nome, aliás, à palavra *soviet*, que na língua russa significa conselho. A constituição de conselhos populares de trabalhadores, camponeses e soldados foi um movimento experimental de democracia que teve lugar na efervescência da revolução. A mensagem de transformação social profunda e radical não atraiu apenas a adesão de grandes parcelas da população russa da época, mas também de estrangeiros, como é o caso do jornalista estadunidense John Reed, que narrou a revolução em seu livro *Dez dias que abalaram o mundo*. Mas, ao mesmo tempo, o novo governo que emergia das cinzas do Império Russo e da Primeira Guerra Mundial encontrou uma oposição imediata, materializada em uma sangrenta

guerra civil nos anos posteriores à revolução. O Exército Branco (opositor ao regime soviético) contou com forte apoio das potências ocidentais na luta contra o recém formado Exército Vermelho².

No campo militar, a vitória foi das forças soviéticas, mas na esfera ideológica e informacional, o rechaço à Moscou se consolidou no Ocidente, cujos governos temiam movimentos revolucionários inspirados na experiência russa. É preciso notar que na década de 30 o nazifascismo também despontou no cenário geopolítico como ideologia concorrente à hegemonia na Europa. Em um primeiro momento as democracias liberais ocidentais viram na Alemanha e na Itália forças que poderiam se digladiar com os soviéticos – como ocorreu, indiretamente, na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) -, com ambos os lados se enfraquecendo mutuamente. Porém, com o início e desenrolar inicial da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido recebeu com alívio³ a notícia da invasão alemã da União Soviética, em 1941. Os britânicos – após a derrota francesa e temendo o avanço da máquina de guerra alemã – precisavam mais do que nunca da aliança com os soviéticos. Essa aliança, que logo recebeu a adesão dos Estados Unidos, se manteve até o fim da guerra, apesar das diferenças ideológicas de seus membros.

O Exército Vermelho não apenas foi a força militar que conquistou Berlim, mas também aquela que absorveu a maior parte do esforço de guerra alemão. As maiores e mais bem equipadas unidades de combate do Eixo foram alocadas na Frente Oriental, resultando em milhões de baixas civis e militares entre os russos – também as maiores da guerra. Não obstante, são comparativamente poucos os filmes de Hollywood que retratam a contribuição soviética, em relação às produções focadas nos feitos estadunidenses e britânicos – os quais, apesar de relevantes para a vitória aliada, têm seu significado incompleto sem levar em conta as batalhas de proporções colossais que decorriam na Frente Oriental.

Essa constatação advinda dos produtos culturais que consumimos já é um sintoma das décadas da chamada Guerra Fria que tiveram lugar após a Segunda Guerra. Emergindo como potência vitoriosa e com influência sobre vastos territórios, a União Soviética passou a ser antagonizada pelos seus antigos aliados ocidentais,

² Mais informações sobre a Guerra Civil Russa em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/17863/hoje-na-historia-1920-guerra-civil-russa-termina-com-a-tomada-de-sebastopol-pelos-bolcheviques>. Acesso em: 14 jan. 2023.

³ Mais informações sobre a aliança entre Reino Unido e URSS em 1941: <https://www.dw.com/pt-br/1941-londres-e-moscou-se-unem-contra-alemanha-nazista/a-319569>. Acesso em: 14 jan. 2023.

liderados pelos EUA, com cada polo tendo seus próprios objetivos estratégicos de poder. Além das chamadas “guerras por procuração” - por exemplo, Guerra da Coréia (1951-1953) - que marcaram o período desde 1945 até a dissolução da URSS em 1991, o embate entre o bloco capitalista e o bloco socialista se fez presente em vários aspectos da vida cotidiana, tema recorrente na imprensa e nos imaginários sociais que circulavam. Obviamente, o Brasil não ficou de fora dessas disputas. Um dos episódios mais traumáticos da história política do país, o golpe e a instalação da ditadura militar em 1964, teve relação direta com anticomunismo que era disseminado na época. O reformismo defendido pelo presidente antes do golpe, João Goulart, era encarado como um prelúdio de ideias revolucionárias que poderiam tomar conta da nação. Assim como nos últimos anos – principalmente após a contestação, por parte da oposição, da reeleição de Dilma Rousseff em 2014 – palavras como “comunismo” e “comunista” aparecem não apenas em discursos de políticos, mas em conversas corriqueiras de amplas faixas da população. O que potencializa isso no contexto da atualidade é o avanço da midiaticização da sociedade – que será discutida mais adiante neste capítulo –, permitindo a formação de variados circuitos de interação. No entanto, a questão do anticomunismo no Brasil hoje tem em seu cerne uma herança perceptível do imaginário que povoava a sociedade brasileira no período do golpe militar e da Guerra Fria.

Na lógica particular da classe média brasileira, a ascensão dos de “de baixo” é sempre vista como ameaça aos que estão nos andares de cima do edifício social. Como os que estão na cobertura têm mais recursos para se proteger, quem está mais perto da base da pirâmide social se sente mais ameaçado. Não por acaso, o fantasma do comunismo encontrou mais eco nesses segmentos médios. As classes médias bombardeadas pelos discursos anticomunistas da imprensa e de várias entidades civis e religiosas reacionárias acreditaram piamente que Moscou tramava para conquistar o Brasil, ameaçando a civilização cristã, as hierarquias “naturais” da sociedade e a liberdade individual (NAPOLITANO, 2014, p. 48).

Tal construção de um “fantasma do comunismo” não era apenas um enredo engendrado espontaneamente no tecido social, mas um projeto que fazia parte do embate com o bloco soviético. Da mesma forma que o governo dos Estados Unidos deu apoio logístico, militar e de inteligência para a concretização do golpe no Brasil, também houve uma preocupação de Washington em preparar o terreno do imaginário e das crenças para o combate à “perversão comunista”:

O ano de 1962 parece ser o marco zero das efetivas preocupações norte-americanas com o comunismo no Brasil. Neste ano, a grande estrela do anticomunismo católico chegou ao Brasil, com pompa e circunstância. Sob o lema “A família que reza unida permanece unida”, o padre Patrick Peyton veio ensinar como a família brasileira deveria esconjurar o demônio de Moscou apenas com o rosário nas mãos. Foi bem recebido pelas autoridades, teve facilidades de transporte pelo território brasileiro e reuniu multidões. A técnica do rosário contra o comunismo foi incorporada pelas classes médias em terras tropicais (NAPOLITANO, 2014, p. 59).

Os temas da religião e da moralidade, a propósito, estão intimamente ligados ao imaginário gerado em torno do movimento conservador no Brasil, materializado atualmente no bolsonarismo, que advoga para si a tarefa de saltar a pátria e a família cristã do comunismo e da perversão.

2.2 Guerra da Ucrânia e origens do conflito

O atual território da Ucrânia já foi controlado por diferentes nações, tais como o Império Otomano, Polônia e o próprio Império Russo⁴. De fato, os povos de Rússia e Ucrânia compartilham muitos aspectos culturais, tendo um passado em comum que os confunde, por vezes. Essa ligação chega ao ponto de servir como base para um dos argumentos pró-Rússia na guerra – aquele segundo o qual a Ucrânia seria um estado criado artificialmente.

No século XX, após a Primeira Guerra Mundial, os territórios ucranianos ficaram divididos principalmente sob os domínios polonês e soviético. Na Segunda Guerra Mundial, a Ucrânia foi ocupada pelos exércitos do Eixo. Quando os soviéticos repeliram os alemães e venceram a guerra, a parte ocidental da Ucrânia – antes sob controle polonês – e áreas adjacentes foram incluídas na República Socialista Soviética da Ucrânia.

Um capítulo pouco retratado midiaticamente é o que ocorreu na esteira da Operação Barbarossa – a invasão alemã da União Soviética em 1941. O sentimento antissoviético tinha considerável influência entre a população ucraniana, o que levou a Wehrmacht (exército alemão) a ser recebida, em muitos locais da Ucrânia, como uma força libertadora. Muitos ucranianos, inclusive, foram recrutados pelos alemães

⁴ Informações complementares sobre as origens históricas das relações russo-ucranianas em <https://www.youtube.com/watch?v=DC03uDjzG58>. Acesso em 03 dez. 2022.

para integrar suas fileiras⁵ - mesmo com os inúmeros crimes contra a humanidade perpetrados pelos nazistas em solo ucraniano. Essa é uma memória que certamente não orgulha o povo ucraniano – ao menos a maioria dele – nem seus representantes. Porém, apesar do passar das décadas, as simbologias e referências a esse posicionamento antissoviético e pró-fascismo ainda estão presentes em alguns grupos nacionalistas mais extremados na Ucrânia. Um exemplo é o Batalhão Azov⁶, organização paramilitar que entrou na guerra ao lado do governo de Kiev. Esse grupo tem lutado contra os separatistas pró-russos no leste ucraniano desde 2014, sendo que uma parcela de seus membros apresenta ideário declaradamente neonazista. Esse fato é raramente mencionado na cobertura midiática ocidental da guerra, mas certamente ajuda a entender melhor as rachaduras históricas entre Ucrânia e Rússia. Como é recorrente em conflitos que opõem interesses de potências rivais, as narrativas tendem a eleger um dos lados como o mocinho e o outro como vilão, excluindo as nuances situadas entre um e outro extremo.

A Ucrânia declarou sua independência em 1991, em um contexto de desmoronamento da União Soviética. A disputa política interna na nação independente foi marcada, nos anos seguintes, por uma divisão entre políticos defendendo a aproximação com o Ocidente e outros apoiando a manutenção da influência russa sobre a antiga república soviética. Esta situação chegou a um ponto de ruptura em 2014, quando violentas manifestações levaram à remoção do presidente eleito Viktor Yanukovich, que tinha uma aproximação com a Rússia. Conforme Moscou, aquelas manifestações foram fomentadas e patrocinadas pelos Estados Unidos e aliados. Seguiram-se, na Ucrânia, governos pró-Ocidente, apoiados por segmentos desde a centro-direita até extrema-direita, com apelo anticomunista. A resposta russa, em 2014, foi rápida e arrojada. A região da Criméia foi anexada à Federação Russa, após um referendo – questionado pela Ucrânia. O Kremlin também passou a apoiar os grupos identificados culturalmente com a Rússia que iniciaram uma guerra separatista contra Kiev. A manutenção desse conflito interessava à Rússia, pois representava uma garantia contra a entrada da Ucrânia na OTAN,

⁵ Mais informações sobre soldados ucranianos nas forças alemãs na Segunda Guerra: <https://www.youtube.com/watch?v=bQTXaWTmQE4>. Acesso em: 18 out. 2022. Também em: <https://historiamilitaremdebate.com.br/a-relacao-ucrania-e-alemanha-o-governo-colaboracionista-na-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

⁶ Vídeo sobre a presença de neonazistas na Guerra da Ucrânia: <https://www.youtube.com/watch?v=6Rhpq6lLc48>. Acesso em: 01 dez. 2022.

mesmo que esse fosse o desejo do governo ucraniano. Isso porque a aliança tem uma cláusula que impede a adesão de membros que estejam em estado de guerra no momento do ingresso.

As tensões foram alimentadas e escaladas ao longo dos anos seguintes, com crescentes desconfianças e acusações trocadas entre Rússia e o Ocidente, culminando na eclosão do atual conflito em larga escala, a Operação Militar Especial – na definição do Kremlin –, uma invasão ilegal – na visão da Ucrânia e seus aliados ocidentais. Dentre outras demandas não atendidas e denúncias, nas justificativas russas para o início das hostilidades, estão: a gradativa aproximação da OTAN às suas fronteiras, não honrado promessas de contenção feitas no passado; a necessidade de parar o que Moscou chama de genocídio cometido por Kiev contra a população de falantes de russo nas regiões do leste do país; desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia. Já os países ocidentais defendem a soberania ucraniana frente ao que seria um desejo de Putin de reestabelecer a zona de influência da União Soviética. É provável que um objetivo menos explícito dos aliados ocidentais seja o desgaste e o enfraquecimento das capacidades militares russas com uma guerra longa, impopular e custosa. Essa teoria pode ser atestada pelos envios constantes de ajudas militares por parte de Estados Unidos e seus aliados, o que de fato está permitindo a resistência do exército ucraniano.

Nos primeiros dias de operações militares, com o avanço das tropas russas no terreno, com manobras ágeis, e a precisão dos seus mísseis, chegou-se a pensar que a capital Kiev poderia estar na iminência de ser capturada rapidamente. Porém, a resistência dos ucranianos, somada aos infindáveis apoios materiais vindos do Ocidente, fizeram com que os russos se retirassem das imediações da capital. O foco dos combates foi redirecionado para o leste e sul da Ucrânia. De fato, em setembro Moscou anexou formalmente regiões ocupadas no país. A guerra se arrastou ao longo do ano de 2022 sem sinais de alguma vitória conclusiva no horizonte. O governo da Ucrânia foi apoiado com pacotes de ajuda cada vez mais completos, recebendo equipamentos modernos, como o sistema estadunidense de lançamento múltiplo de foguetes HIMARS⁷. Essa e outras adições ao inventário bélico ucraniano permitiram diminuir a importante vantagem que a Rússia detinha na área de artilharia. Ainda assim, os russos possuem reservas maiores em blindados e soldados, por exemplo,

⁷ M142 High Mobility Artillery Rocket System (HIMARS).

podendo sustentar mais baixas e perdas materiais. Um dos principais tópicos dos noticiários sobre a guerra, especialmente no último trimestre de 2022, dá conta dos ataques com mísseis levados a cabo pela Rússia e as ocasiões em que atingem áreas residenciais. Moscou, por seu lado, denuncia ataques ucranianos contra civis das áreas separatistas, além de uma suposta campanha de desinformação para prejudicar a Rússia. Mas certamente, após vários meses de guerra, a cobertura midiática no Ocidente construiu um consenso em torno da causa ucraniana e um forte sentimento anti-Rússia, sendo que as dissidências existem, porém estão restritas a certos circuitos da sociedade.

As questões econômicas relacionadas à guerra também são inúmeras. Como exemplo, pode-se citar as sanções impostas à Rússia, que tiveram efeitos negativos para os próprios membros da OTAN, expondo a dependência energética da Europa em relação ao gás russo – e a complexidade dos impactos de uma guerra dessa proporção na atualidade. Até mesmo no Brasil ressoaram preocupações econômicas relacionadas ao conflito, com o receio sobre um eventual corte do fornecimento de fertilizantes vindos da Rússia.

Os motivos que levam à guerra são muitos e eleger apenas um ou dois me parece um reducionismo imprudente. Há razões econômicas, políticas, culturais, diplomáticas, militares, de segurança nacional, entre outras. Também por isso parece importante a proposta epistemológica proposta nesta dissertação, a de analisar os observáveis a partir de dimensões distintas da produção de sentido – imaginário, real e simbólico. O foco do trabalho não é assumir uma postura nem pró nem contra os países em guerra, mas observar a processualidade comunicacional acessível a partir do prisma do Brasil. Certamente isso implica em um recorte e em lacunas, que são amalgamadas com o fazer científico marcado pela incompletude da observação de fenômenos que ainda estão em curso, o que é típico dos estudos de midiatização

2.3 Midiatização e inventividade social: uma perspectiva crítica

Entendo ser relevante delinear – além dos contornos sociais, históricos e políticos – o contexto especificamente comunicacional no qual se insere essa pesquisa. Esse contexto é o da midiatização da sociedade. Uma primeira aproximação sobre a acepção adotada do conceito de midiatização pode ser buscada já no nome

da Linha de Pesquisa à qual essa dissertação é filiada: **Midiatização e Processos Sociais**. Isso é bastante significativo, pois permite localizar a midiatização como um fenômeno social e, portanto, histórico – fugindo das visões tecnicistas e/ou funcionalistas de Comunicação, as quais este trabalho rechaça. Nesse sentido, proponho-me a pensar e operacionalizar a midiatização de uma forma crítica – não em tom “comemorativo” ou integrado, tampouco em tom refratário e apocalíptico.

Se aceitamos que a midiatização está intimamente ligada aos processos sociais, de pronto se excluem as noções que a definem pelo componente tecnológico. Como será discutido mais adiante, as atuais plataformas digitais são parte integrante do atual estágio de midiatização da sociedade, porém estão longe de conferir, por si, sentido ao conceito. Na verdade, parto de uma noção muito mais básica e fundamental: “A capacidade semiótica de nossa espécie se expressa na produção do que chamarei de *fenômenos midiáticos*, consistindo da exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais” (VERÓN, 2014, p. 14). Essa capacidade de semiose é, para o autor, uma característica intrínseca do ser humano. Porém, apesar de essa potencialidade semiótica ser universal, a midiatização vai se manifestar de forma diferente em cada sociedade ao longo da história. Aliás, a midiatização deve, para Verón, ser pensada a partir de uma perspectiva histórica de longa duração, “quanto mais longa, melhor” (VERÓN, 2014, p. 14). As variações dependem também dos propósitos e interesses atrelados às mídias em cada temporalidade e espaço geográfico:

essas variações não podem ser precisamente mapeadas nos limites de nações específicas ou de culturas nacionais (Hepp, 2015, p. 28-34), pois as mídias, como recursos de poder simbólico, estão inevitavelmente atreladas ao desenvolvimento das elites, em particular das elites urbanas. Nós rejeitamos também qualquer vinculação simplória da midiatização à modernidade (europeia) (COULDRY; HEPP, 2020, p. 55).

O momento atual de midiatização, portanto, é produto de todo esse caldo histórico e comunicacional. A ênfase crescente de pesquisas em midiatização não é arbitrária; de fato, não se trata de uma processualidade linear. A possibilidade de materializar a semiose por meio dos dispositivos técnicos provoca o que Verón (2014, p. 16) classifica como “aceleração do tempo histórico”. O progressivo desenvolvimento dos meios de comunicação, culminando na proliferação de dispositivos que viabilizam a interação e compartilhamento de conteúdo, seguramente se constitui em um

momento importante de aceleração do tempo histórico. Neste contexto que a midiatização se configura como conceito potente para pensar a comunicação – como dito anteriormente, não recaindo em uma visão tecnicista, mas com foco nos usos e estratégias engendradas pela sociedade nos meios e dispositivos:

Não se trata de um conceito de “efeitos das mídias”, mas sim de um conceito dialético – de mão dupla – para compreender como as transformações da cultura e da sociedade se entrelaçam às transformações específicas nas mídias e nas comunicações. Não podemos teorizar as mídias e as comunicações como influências “externas” sobre a cultura e a sociedade, pela simples razão de constituírem uma parte integrante delas (COULDRY; HEPP, 2020, p. 54).

Essas transformações concomitantes nas mídias/comunicações e cultura/sociedade, no compasso da aceleração do tempo histórico da qual nos fala Verón, compõem aquilo que Gomes (2017, p. 55) denomina de “nova ambiência” e “um salto qualitativo, uma viragem fundamental no modo de ser e atuar”. É discutível, certamente, o quão “nova” é, de fato, essa ambiência. Isso porque é difícil – tangenciando o arbitrário – fixar um ponto no qual se iniciaria a “novidade” em um processo histórico no qual a conformação tecno-comunicacional e socio-simbólica tem um desenvolvimento cumulativo de longa duração. Uma perspectiva mais prudente – ao invés de delimitar o “novo” e o “velho” – é compreender o estágio atual de midiatização da sociedade tanto em termos de continuidades como de rupturas:

É precipitado, nesse sentido, falar em ausência de continuidades com a indústria cultural massiva anterior às redes. Mas é válido falar em novos usos, práticas e interações. Novos rituais se instalam, afetando a subjetividade dos interagentes ativando seus sistemas classificatórios, produzindo espaços socioantropológicos emergentes. Nesse sentido, é observável também a ocorrência de rupturas (FERREIRA, 2019, p. 155).

Tendo isso em conta, as pesquisas em midiatização ganham refinamento na medida em que estão, ao mesmo tempo, abertas à inventividade social das interações e atentas às estratégias e agenciamentos pelo poder de atribuir sentido. A potência da noção de ambiência reside, então, não em sua caracterização de novidade – de inovações tecno-comunicacionais recentes -, mas na sua capacidade de relacionar e explicar elementos de uma realidade em complexificação. Concordo com a afirmação de Falchi (2021) de que a midiatização da sociedade:

é marcada por transformações em diversos níveis: na inter-relação entre os campos, na diluição das fronteiras entre as gramáticas de produção e de reconhecimento, assim como na forma de ordenamento da sociedade e na complexificação das relações existentes em todos os âmbitos. Essas mudanças ocorrem de forma processual, ou seja, vão se dando de acordo com a intensidade da intercambialidade entre as ações dos sujeitos e a interpenetração dos dispositivos midiáticos (FALCHI, 2021, p. 7-8).

Essa intercambialidade entre as ações dos sujeitos e os dispositivos midiáticos pode ser observada nos mais variados âmbitos e episódios, tais como na atual Guerra Russo-Ucraniana – da qual advêm o tema-problema desta pesquisa. Como fenômeno midiático, esse conflito apresenta uma série de elementos que são particulares ao estágio atual de midiaticização e seus processos. Claro que existe toda uma bagagem de referências simbólicas da cobertura midiática de conflitos pregressos que são reproduzidas, mas novas dinâmicas passam a se imbricar na semiose. Os vídeos, fotografias e demais conteúdos produzidos na Ucrânia – muitos deles diretamente do front – se proliferam em um ritmo quantitativo que seria tecnicamente impensável nas guerras do século XX. Cabe discutir, obviamente, o nível qualitativo destas imagens e relatos que chegam às nossas telas, em um fluxo ininterrupto, imparável, o qual somos compelidos a consumir – ou devorar – com celeridade. Não obstante, sempre há mais para ver do que nossos olhos conseguem enxergar e nossa mente é capaz de explicar. Essa é a conjuntura de uma guerra midiaticizada – ideia que desenvolveremos melhor mais à frente nesta dissertação.

A questão colocada acima – a não automática correspondência entre quantitativo e qualitativo – me parece importante para pensar a semiose midiaticizada. As possibilidades técnicas de produção e circulação de conteúdos midiáticos não podem, penso, ser analisadas unicamente em perspectiva micro – usos de funcionalidades como curtir, comentar e compartilhar. Parece-me mais acertado ter em consideração o processo social mais amplo e profundo. Por isso, não concordo por completo com a proposição de Gomes (2017, p. 68), segundo a qual “o estupendo desenvolvimento das tecnologias digitais configura outro salto quântico, fazendo com que a humanidade atinja um patamar superior, experimentando uma mudança radical no seu modo de pensar e de agir”. É fato que, a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais, passamos a pensar e agir sobre o mundo de forma diferente. Mas não creio que essas inovações, por si, nos elevem a um patamar superior enquanto

humanidade. Sobre isso, corroboro a ponderação de Braga (2012), que situa as invenções sociais como centrais para compreender a midiatização:

não restringimos o termo a essa penetração tecnológica. É claro que se trata de um insumo relevante, merecedor de pesquisa e reflexão – mas entendemos que os processos comunicacionais associados não decorrem simplesmente da invenção tecnológica. É preciso um componente diretamente social no processo. Sobre a tecnologia disponibilizada é preciso ainda que se desenvolvam invenções sociais de direcionamento interacional. Essas invenções são, talvez, a parte mais importante da questão (BRAGA, 2012, p. 36).

O foco desta pesquisa, está, justamente nessas invenções sociais, nas formas pelas quais os sujeitos protagonizam disputas de sentidos, mesclando que é da esfera do midiático com aquilo que é da ordem do social – imagens da guerra associadas a imaginários sociais diversos, por exemplo. Cabe, porém, um breve apontamento sobre o meio, o ambiente comunicacional estabelecido nas plataformas digitais, espaço importante das interações da atualidade. O avanço e ampliação da possibilidade de reprodutibilidade técnica para novos campos é, para Kiriya (2020), uma das chaves para compreender a midiatização, especialmente o papel das plataformas digitais na produção social de sentido. Essa ideia, aliás, é passível de analogias com o fluxo ininterrupto de conteúdos produzidos e compartilhados – em escala industrial? – de que se falou anteriormente. Para o autor:

Do lado da economia política, a midiatização do processo social poderia ser considerada uma industrialização progressiva da cultura. Tal industrialização altera consideravelmente o equilíbrio do poder de mercado entre os diferentes atores do campo e fortalece especialmente as chamadas plataformas (KIRIYA, 2020, p. 83).

É fácil pensar em casos empíricos exemplificando como as plataformas se posicionaram e buscaram agenciar ou mesmo bloquear determinada produção de sentidos sobre a Guerra Russo-Ucraniana. Canais e perfis de notícias russos foram banidos de diferentes redes digitais a nível internacional e aqui no Brasil, como foi o caso do canal Sputnik Brasil no YouTube. Essas medidas acompanham as sanções impostas pelos países ocidentais à Rússia. Assim, vemos que a guerra se desenrola fortemente em todas as dimensões, na cultura, economia e política – para além de qualquer juízo de valor sobre os entes que se digladiam nesta guerra, algo que não é objeto ou intenção desta dissertação. Interessante que neste caso da exclusão completa dos canais vinculados a Moscou houve um movimento de realmente

bloquear um determinado sentido, um impedimento à circulação e seus embates. Isso demonstra a multiplicidade de facetas da midiatização, sendo que se misturam estratégias sutis, como eufemizações, mas também medidas enérgicas, traçando fronteiras do que é aceitável ou não de estar em circulação.

É importante, para este trabalho, pensar criticamente os movimentos característicos da sociedade midiatizada como ligados ao processo histórico do capitalismo. As disputas de sentido que perfazem o objeto e os observáveis estão diretamente ligados a como o ocidente capitalista se vê enquanto civilização e como engendra os papéis atribuídos à comunicação. Ao traçar um paralelo entre midiatização e a financeirização do capitalismo, Muniz Sodré problematiza a produção e circulação do valor (simbólico e econômico) na atualidade:

O fato é que capitalismo financeiro e comunicação constituem, no mundo globalizado, um par indissolúvel. A comunicação é fundamental à totalidade do capital desde o momento de produção do valor até as diferentes etapas de circulação, que desembocam hoje na criação fictícia do valor por meio de finanças. Financeirização e midiatização (*o bios virtual ou midiático*) são as duas faces de uma moeda chamada sociedade neoliberal avançada, essa mesma a que se vem apondo o prefixo 'pós' (Pós-industrialismo, Pós-modernidade etc.) (SODRÉ, 2021, p. 60).

Ao relacionar diretamente a criação de valores fictícios por meio de finanças e a comunicação na sociedade neoliberal, Sodré nos ajuda a compreender as formas de produção de sentido nas plataformas digitais como inerentes às necessidades do capital na atualidade. Disso, pode-se inferir que notícias falsas, compartilhamento de conteúdos fora de contexto e tentativas de ressignificações históricas incoerentes não são movimentos isolados de certos agentes. São estratégias de alcance sistêmico que encontram um terreno propício para serem disseminadas nos diferentes meios de comunicação. As representações da guerra, da Rússia ou do anticomunismo não fogem desse contexto. Não são construções elaboradas apenas de forma espontânea nos meios e nas interações, mas recebem uma carga simbólica oriunda de lógicas de poder que preexistem em relação ao fenômeno midiático atual. Entram em jogo agenciamentos e interesses originários de outros campos – militar, geopolítico, econômico, entre outros.

Por fim, assinalo, sobre o contexto da midiatização, justamente essa questão de interpenetração entre o campo midiático e os demais campos sociais. A emergência dessa questão se origina no fato de que “A chamada crise dos grandes

relatos produz uma outra que é a da inexistência de legitimidade de um discurso que pudesse sozinho articular fundamentos que viessem a ser aceitos pelos campos sociais” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93). Assim, o discurso midiático – o jornalismo tradicional, por exemplo – já não detém, sozinho, a condição de referência principal no relato e na legitimação dos acontecimentos. Na Guerra Russo-Ucraniana, como em outros episódios da atualidade, diversos sujeitos e instituições não midiáticas dividem esse papel com o campo midiático-jornalístico. Os próprios soldados no front já não cumprem apenas seu dever bélico, mas o transmitem para o mundo por meio das plataformas digitais. O próprio conflito é pensado, nas estratégias de propaganda de ambos os beligerantes, para circular, para se integrar perfeitamente na ambiência da midiatização.

Conforme Braga (2012), essa diversificação de modos de interagir gera fricções e necessidade de articulações entre os campos, que antes se orientavam principalmente por suas lógicas próprias:

Na prática social encontramos, então, sobretudo circuitos. Cada setor ou processo de sociedade participa de circuitos múltiplos. Com a midiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos (BRAGA, 2012, p. 44).

Na pesquisa da presente dissertação, cuja análise empírica se ambienta no fluxo da circulação, os circuitos aparecem como centrais. A Guerra Russo-Ucraniana, especificamente as representações da Rússia sob o prisma do anticomunismo no Brasil, apresenta a formação de uma série de circuitos, em processos experimentais de intensa disputa, com tensionamentos, rearranjos e constantes readequações de estratégias.

3 CONSTRUÇÃO DO CASO DE PESQUISA

Escrever uma dissertação de mestrado cujos observáveis se encontram na circulação de sentidos sobre um conflito de grandes proporções – militares e midiáticas – como a Guerra Russo-Ucraniana seria tarefa impraticável sem um recorte e objetivos de investigação muito bem especificados. Entendo que é sempre um risco à pesquisa – especialmente se a sua realização está limitada temporalmente – estabelecer um corpus demasiado grande ou perguntas e objetivos ambiciosos demais. Tendo essa ideia muito em mente, as incursões iniciais, em caráter exploratório, nos materiais empíricos, foram seguidas por um período de busca por critérios, de escolhas e de muitos exercícios reflexivos.

Desde a escolha da atual guerra entre Rússia e Ucrânia como fenômeno midiático a ser trabalhado, já estavam claros alguns interesses de pesquisa: analisar as disputas de sentido sobre a guerra, sob o prisma ideológico e sociocultural brasileiro – incluindo temas como o anticomunismo; trabalhar essas disputas em circulação nas dimensões do imaginário, real e simbólico.

Importante assinalar que desde o início daquilo que o governo russo chamou de Operação Militar Especial acompanhei as atualizações do conflito, além de portais noticiosos mais tradicionais, em um perfil específico do Twitter: *Hoje no Mundo Militar*. Como o foco do perfil é em temas bélicos, a guerra na Ucrânia se tornou assunto prioritário, com compartilhamento diário de informações e conteúdos audiovisuais de fontes variadas. Esse perfil também conta com um canal no YouTube, mas, para a análise, optou-se por utilizar o Twitter, em vista de dois aspectos principais: a) a seção de respostas/comentários, na pesquisa exploratória, mostrou-se mais rica em interações que contenham discussões entre os sujeitos; b) a ferramenta de busca avançada⁸ do Twitter permite uma filtragem bastante específica em relação a palavras-chave, espaço de tempo e fluxo de publicações, propiciando um mapeamento mais preciso em relação aos tópicos que interessam à pesquisa.

⁸ Painel da Busca Avançada do Twitter: <https://twitter.com/search-advanced?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Outra informação relevante é que o mesmo produtor de conteúdo que gerencia o Hoje no Mundo Militar já tinha um reconhecimento significativo no nicho de interessados por história de conflitos bélicos com outro canal no YouTube, o *Hoje na Segunda Guerra Mundial*⁹. Eu já tinha conhecimento de ambos os canais previamente à realização da pesquisa de dissertação – algo que facilitou a compreensão das dinâmicas de produção do Hoje no Mundo Militar.

Durante o acompanhamento da cobertura midiática da guerra, alguns tipos de postagem chamaram atenção pelas interações e associação de sentido que desencadearam. Um grupo de postagens em específico se mostrou bastante produtivo para a proposta dessa dissertação: relatos de aparições da bandeira soviética em veículos militares russos e hasteada em prédios conquistados pelos russos e separatistas na Ucrânia. A Figura 1 traz um exemplo dessas postagens – e é justamente oriunda do perfil Hoje no Mundo Militar. Esse tipo de publicação sobre relatos da bandeira soviética – especialmente a Bandeira Soviética da Vitória – também foram observados em outros perfis e portais noticiosos.

⁹ Link para o canal Hoje na Segunda Guerra Mundial, que no momento desta visita estava com 798 mil inscritos: <https://www.youtube.com/c/hojenasegundaguerramundial>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Figura 1 – Tweet sobre aparição de bandeira soviética, pesquisa exploratória

Hoje no Mundo Militar
@hoje_no

Um veículo russo lançador múltiplo de foguetes visto aqui c/a chamada "Bandeira Soviética da Vitória", uma representação da mesma bandeira que o Exército Vermelho hasteou no Reichstag após a conquista de Berlim em 1945.

0:05 51,2 mil visualizações

9:09 AM · 10 de mar de 2022 · Twitter Web App

149 Retweets 15 Tweets com comentário 2.579 Curtidas

Sequência

Em resposta a @hoje_no
Socialismo/comunismo acabou em 91 com a queda do muro de Berlim sim amiguinhos

MAYUKE19 @MAYUKE191 · 10 de mar
Em resposta a @hoje_no
Eis o momento onde estudantes de história da USP têm orgasmos.

Mais respostas

Thiago Paes @tpaes23 · 10 de mar
Em resposta a @hoje_no
É porque estão vencendo o nazismo de novo.

... @LileTaxus · 10 de mar
Em resposta a @hoje_no
Os nazistas tremem só de ver!

Thiago @ThiagoS30785975 · 10 de mar
Verdade é da fome só de olhar para essa bandeira também

Leo Oliveira @Leoliveira_foz · 10 de mar
Em resposta a @hoje_no
Comunismo mil vezes pior que o nazismo.

Jin @AnarkFuel · 10 de mar
Estude História, adquira mais conhecimento, vc pode ser contra os 2 tenho certeza

Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Este post do Hoje no Mundo Militar apresenta um vídeo de veículo militar russo com a bandeira soviética na Ucrânia, acompanhado de uma legenda que dá um breve contexto histórico do uso da bandeira em questão na vitória da URSS na Segunda Guerra Mundial. As interações nas respostas trazem inúmeras associações com disputas de sentido envolvendo temas relacionados aos imaginários ligados ao anticomunismo e aos embates próprios da realidade social e política brasileira.

A partir destas postagens sobre o relato de bandeiras soviéticas na Guerra Russo-Ucraniana se constituiu o primeiro conjunto para compor os corpora de observáveis desta dissertação. A escolha por utilizar a ideia de “conjuntos” veio após uma reflexão sobre as características dos materiais observados. Ficou evidente, desde o início, que em se tratando de uma pesquisa ambientada no fluxo da circulação e da semiose midiática seria difícil limitar os observáveis a um único caso ou a um único meio/perfil/portal. Inicialmente, cogitou-se trabalhar com a noção de episódios.

Porém, episódio demarca uma temporalidade restrita, eventos específicos. O que se pretende investigar nesta dissertação não são eventos com duração delimitada, mas eventos que se repetem e têm desdobramentos ao longo do período dos conflitos na Ucrânia – como é o caso das aparições da bandeira soviética, relatadas em diferentes momentos da guerra.

Além desse primeiro conjunto, formulou-se outros dois para compor a seção de inferências empíricas da dissertação. O segundo conjunto a ser elencado é o que dá conta de postagens nas quais o presidente russo, Vladimir Putin, aparece como elemento que conecta o passado da Rússia Soviética com a Rússia do presente. Por vezes, como ex-agente do serviço secreto soviético KGB; em outras ocasiões, é retratado como um líder que tem anseios de reconstruir, pela força militar e tirania, o poder da URSS.

Adicionalmente, um tópico interessante que a pesquisa exploratória revelou foi o dos embates de sentido em torno da associação entre Putin e o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, que nos primeiros meses da Guerra Russo-Ucraniana estava em campanha para tentar sua reeleição no pleito presidencial de 2022. A visita de Bolsonaro a Moscou em fevereiro de 2022, pouco antes do início das hostilidades, e seus elogios a Putin desencadearam várias operações de sentido por parte dos sujeitos em publicações que falavam sobre Putin e a guerra. A associação entre os dois líderes foi capitalizada pelos agentes tanto para atacar Bolsonaro quanto para o defender, a depender da representação de Putin que era escolhida. O ideário anticomunista teve parte importante nessas disputas de sentido, pois alguns descrevem Putin como um líder genuinamente conservador da atualidade, enquanto outros o consideram uma herança viva e vingativa do legado do comunismo soviético.

A partir da identificação da pertinência desses dois primeiros conjuntos, surgiu, de forma intuitiva, mais um critério para configurar esses observáveis: em cada um desses conjuntos se manifesta com mais força uma das dimensões da tríade Imaginário, Real e Simbólico, eixo teórico importante nesta dissertação. As três dimensões estão sempre presentes na semiose, mas o que se quer dizer é que, eventualmente, as características de uma delas se tornam mais marcante nos sentidos que circulam em determinado circuito.

Dessa forma, os relatos sobre a bandeira soviética apresentam um forte apelo da dimensão do imaginário, já que evocam muitas imagens mentais, sensações e emoções dos sujeitos em relação ao que seria o comunismo. A bandeira, em si, é um símbolo, mas ao ser inscrita na circulação sob certo viés, passa a desencadear a emergência de imaginários sociais diversos. Por sua vez, o conjunto que trata da representação de Putin – na guerra e associado ao passado soviético – tem uma decisiva presença da dimensão do simbólico. Isso se deve ao fato de que essas postagens desencadeiam as discussões mais propriamente políticas e de poder, tratando dos líderes políticos, suas agendas programáticas e disputas eleitorais. Como trabalharemos mais à frente, no capítulo de interfaces teóricas, a dimensão do simbólico é precisamente aquela das disputas pelo poder, pela distinção, pela legitimação e pela atribuição de valor.

Tendo estabelecido esses dois conjuntos relacionados a duas dimensões – registros da bandeira soviética na Guerra Russo-Ucraniana (imaginário) e associações entre Putin e passado soviético (simbólico) –, buscou-se um terceiro conjunto que pudesse se relacionar à dimensão do real, para completar os corpos da pesquisa. A solução encontrada foi de analisar publicações que trouxessem a materialidade dos registros do conflito em si – as mortes, a destruição, os relatos dos resultados concretos dos combates. O recorte escolhido foi o cerco a Mariupol e o último foco de resistência ucraniana na cidade – a fábrica Azovstal. A justificativa para essa escolha se baseia no fato de que nas instalações da Azovstal estavam combatendo os soldados da unidade conhecida como Batalhão de Azov (ou Regimento Azov), que se originou como grupo paramilitar e hoje integra as forças de defesa do Exército da Ucrânia. Esse grupo é controverso por ter em suas fileiras combatentes identificados com o neonazismo e a extrema direita ucraniana. Por esse motivo, a sua emergência ao cenário midiático a partir dos combates em Mariupol trouxe um interessante fluxo na circulação de sentido. Assim, ativam-se nas interações, novamente, os componentes ideológicos – como o anticomunismo, antifascismo etc.

O diferencial desse terceiro conjunto é uma forte disputa na dimensão do real – discussões sobre a veracidade dos fatos, idoneidade dos perfis que interagem e desvelamento dos interesses práticos e estratégicos dos agentes participantes das disputas de sentido. Como dito sobre os demais conjuntos, não obstante as

características do real serem as mais proeminentes aqui, as dimensões do simbólico e do imaginário seguramente também estão imbricadas na semiose.

Com os três conjuntos configurados, estabeleceu-se que serão analisadas três postagens (tweets) e respectivas respostas em cada um desses conjuntos. A ideia é investir em um aprofundamento qualitativo e inventivo, em detrimento de um volume quantitativo maior. As postagens foram selecionadas a partir da ferramenta de busca avançada do Twitter, com parâmetros e procedimentos que serão explicados no capítulo dedicado ao percurso metodológico. Cada um dos conjuntos teve selecionada uma postagem do Hoje no Mundo Militar, em função de se tratar do perfil que serviu de ponto de partida para a pesquisa exploratória e pelo fato de ser aquele cujos tweets e interações aparecem em maior abundância nas buscas de coleta dos observáveis. Para a seleção das outras duas postagens de cada conjunto se obedeceu ao critério de trazer diversidade de matrizes ideológicas e editoriais dos perfis.

4 INTERFACES TEÓRICAS

As interfaces teóricas que serão aqui apresentadas não almejam esgotar a discussão dos eixos escolhidos, até porque se trata de tópicos cheios de possibilidades e abordagens. A ideia, portanto, é de propor o tensionamento de alguns conceitos e autores que, em nosso entendimento, podem ser de grande valor para viabilizar e enriquecer as inferências acerca dos materiais empíricos, em toda complexidade envolvida nas disputas de sentido a partir da guerra da Ucrânia, pela ótica da circulação no contexto brasileiro.

Este capítulo teórico está organizado nos seguintes eixos de discussão: a tríade Imaginário, Real e Simbólico, Imaginários e agenciamentos em circulação (incluindo a questão dos imaginários sociais e midiáticos, lutas pelas classificações sociais, disputas de sentido e desrealização/eufemização) e, por fim, uma seção sobre conflitos midiáticos.

4.1 Tríade Imaginário, Real e Simbólico

A partir do tema-problema, percebeu-se a necessidade de encontrar uma matriz teórica que colocasse em diálogo as diferentes dimensões envolvidas na semiose aqui investigada: a questão dos imaginários, as realidades sociais e as lutas simbólicas. A guerra na Ucrânia é um conflito extremamente complexo e desafiador para quem o tenta compreender e analisar. O aspecto comunicacional tem se mostrado central na guerra de informações e narrativas disseminadas por ambos os países beligerantes. Sendo assim, parece ser importante ter uma problematização plurívoca das questões comunicacionais, levando em conta as querelas políticas, os constructos socioculturais, os efeitos práticos da guerra, entre outros.

Para tanto, propõem-se uma interface entre a tríade de signos de Peirce (2017) – Ícone, Índice e Símbolo – e as teorizações de Jacques Lacan (2007) sobre os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário (RSI) – interface elaborada em conjunto com Jairo Ferreira (2022). De fato, o próprio Lacan afirma textualmente uma afinidade de suas formulações com a semiótica de Peirce:

Um tal de Charles Sanders Peirce construiu sua lógica sobre isso, o que, devido à ênfase que ele atribui à relação, o leva a fazer uma lógica trinitária. É exatamente a mesma via que percorro, com a diferença de que chamo as

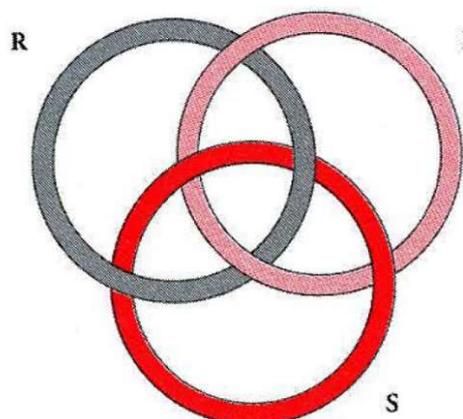
coisas em questão pelo nome que têm - simbólico, imaginário e real (LACAN, 2007, p. 117).

Nesse sentido, Lucia Santaella (1999) ressalta as relações entre os três registros lacanianos e as três categorias de Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade). Na presente pesquisa, relacionamos os registros de Lacan à tríade de signos (ícone, índice e símbolo) de Peirce, trabalhando com os signos envolvidos na produção de sentido sobre a guerra russo-ucraniana¹⁰.

Uma primeira noção formulada por Lacan que destaco é a de que o imaginário é aquilo que dá consistência à nossa experiência com nós mesmos e com o mundo. Pegando essa ideia emprestada da Psicanálise para usá-la na Comunicação, parece-me que, de fato, os imaginários sociais desempenham esse papel de dar consistência à experiência dos sujeitos em contato com os signos em circulação. Por meio do imaginário, os tópicos em disputa no âmbito simbólico afetam e provocam o engajamento dos sujeitos. O que se observa no caso do anticomunismo, por exemplo, é que por meio da atualização das imagens e dos discursos sobre o tema os sujeitos se sentem diretamente tocados pelas questões em jogo no campo político e social. Uma guerra que ocorre em outro continente pode certamente trazer efeitos bastante concretos para nossa vida, como o encarecimento de produtos ou restrições de viagens. Mas por meio do imaginário midiático o impacto extrapola a esfera econômica, passando a mexer com as sensações, medos, sonhos e crenças dos sujeitos, imersos em uma constante oferta de fotografias, vídeos, memes, informações (verdadeiras e falsas), entre outros conteúdos sobre o conflito. Assim, aquilo que está na dimensão do imaginário acaba também atuando na realidade mais corriqueira dos indivíduos, na medida em que contribui na forma pela qual damos sentido às coisas do mundo ao nosso redor.

¹⁰ Essa interface entre a semiótica e os três registros lacanianos é uma hipótese oriunda do grupo de pesquisa Epistecom, sob orientação do professor Jairo Ferreira, na seção do grupo dedicada à semiótica midiática.

Figura 2 – O nó borromeano



Fonte: Reprodução do livro “O Seminário, livro 23: o sintoma”

Esta reflexão proposta não é estranha ao que diz Lacan, pois para o autor o sentido “se produz na articulação do campo planejado do círculo do simbólico com o círculo do imaginário” (LACAN, 2007, p. 54). Importante destacar que a representação gráfica de como Lacan pensa a tríade Imaginário, Real e Simbólico é o nó borromeano (Figura 2) – uma configuração na qual se um dos elementos (fios) é cortado, todo o nó se desfaz. Ou seja, não há hierarquia ou uma ordem imperativa para pensar os três registros em relação, eles são interdependentes. Na representação desse nó, Lacan situa o sentido justamente na intersecção do imaginário e do simbólico. Não no real, pois, como se debaterá logo adiante, o real é aquilo que não é capturado pelo sentido, aquilo que não pode ser simbolizado.

A noção de imaginário na tríade leva à reflexão sobre suas características icônicas, tendo em vista que um ícone “é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal Objeto realmente exista ou não” (PEIRCE, 20217, p. 52). De fato, o imaginário pode ser identificado com signos que são ícones, como no caso de imagens (sejam técnicas ou mentais), representações que guardam semelhanças e qualidades comuns aos objetos aos quais se referem. O que se pretende investigar a fundo – e por isso importa muito o esquema RSI – são as relações, na semiose, dos imaginários e seus signos icônicos em interação com outros signos. Em muitos casos, aquilo que é da ordem do imaginário entra em complexos movimentos de agenciamento com as dimensões do real e do simbólico. Determinados imaginários

podem, conforme a problematização proposta aqui, serem evocados a partir do exercício de certa mediação simbólica – por exemplo, alguma norma vigente que se legitime em função de um imaginário social atrelado.

Uma segunda questão que me interessa é o lugar daquilo que é nominado na tríade lacaniana como Real. Lembrando que não parece produtivo pensar o real como oposto ao imaginário – como o senso comum poderia sugerir. São dimensões em constante interação e com as quais lidamos permanentemente, da mesma maneira que estamos perenemente rodeados de ícones, índices e símbolos. Para Lacan (2007), o real não é a realidade em si - “a realidade não se reduz nem deve ser confundida com o real; a realidade é real, simbólica e imaginariamente constituída” (FARIA, 2019, p. 9). O real, diz Lacan, resiste a ser simbolizado. Aí a coisa fica interessante e é onde se abre um campo a ser explorado. Entendo as disputas de sentido que se originam a partir das publicações sobre a guerra na Ucrânia como lutas pelas classificações sociais (BOURDIEU, 2011), nas quais há sempre uma dimensão do real que não está diretamente simbolizada (representada em textos e imagens), mas eventualmente pode ser percebida por certos indícios. É uma espécie de não-dito, algo que por algum motivo se quer deixar encoberto, mas não deixa de estar presente. Pergunto: fariam parte desse real as contradições da estrutura social, os conflitos econômicos, as condições objetivas de vida dos sujeitos na sociedade? Em termos do tema desta pesquisa, penso que quando se fala nas disputas de sentido pelo prisma do anticomunismo e outros embates ideológicos há certamente vários movimentos de eufemização. As discussões sobre a guerra vão além daqueles acontecimentos retratados nas notícias e postagens, deixando indícios de como os sujeitos que ali interagem enxergam o ambiente social mais imediato e como nele agem concretamente. Parece ser produtivo pensar, então, que a dimensão do real abriga elementos de diferentes ordens, desde aquilo é um não dito até os efeitos práticos e concretos de ações e acontecimentos.

Nesse sentido, o real proposto por Lacan tem afinidades com os signos classificados como índices, na medida em que tem uma ligação direta, física com o seu objeto: “um *Índice* é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto” (PEIRCE, 20217, p. 52). O real resiste a ser simbolizado, é aquilo que se manifesta por indícios. Logo, é necessário que a análise dos casos investigados leve em consideração que a produção de sentido não está

separada da dimensão do real, ainda que aquilo que nos aparece de forma mais perceptível são as camadas simbólicas e imaginárias. Conforme Lacan (2007), imaginário e simbólico estão em uma relação de resistência, de retenção, para com o real – “o real é sem lei. O verdadeiro real implica a ausência de lei. O real não tem ordem” (LACAN, 2007, p. 133). Compreender esse real que nos escapa parece tarefa importante para pensar as disputas de sentido, que, de fato, possuem contradições e conflitos que frequentemente não se fazem presentes de forma explícita nos textos e imagens que circulam.

Por fim, o registro do simbólico lacaniano está em direta relação com o signo símbolo, “que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto” (PEIRCE, 20217, p. 53). A dimensão simbólica aparece, portanto, como aquela da linguagem, das mediações, das leis, regras interpretativas e do poder. Essas convenções e classificações sociais estão em constante disputa. É por isso que ao pensar sobre essa dimensão, enfatiza-se a centralidade do conceito de lutas simbólicas para a presente pesquisa.

Na dimensão do simbólico, estão situadas, segundo nossa leitura, os embates pelos diferentes tipos de poder – de legitimar, de validar, de restringir, agenciar, manipular, entre outros. É o campo de batalha do estabelecimento das leis e formas de dar significados ao mundo a nossa volta. Por isso, manifesta-se muito fortemente por meio das querelas políticas, de figuras públicas, autoridades e interesses conflitantes.

A semiose midiaticizada se caracteriza por uma luta constante dos agentes pelo acúmulo de capital simbólico, o qual passa por caminhos e estratégias cada vez mais complexas. A multiplicidade de dispositivos e agentes se alçando à produção de conteúdo implica uma volatilidade na disposição de forças nos diferentes circuitos, exigindo uma reafirmação e validação constante daqueles que buscam o agenciamento no âmbito comunicacional. É possível perceber, por exemplo, que para os agentes que buscam passar certa imagem sobre Ucrânia ou Rússia não basta simplesmente produzir o conteúdo e o compartilhar nas plataformas digitais – para qualquer ação midiática nesse sentido é requerido um trabalho contínuo de embate e legitimação frente as operações que serão engendradas nas interações da circulação.

Para dar sequência e operacionalizar essa discussão da tríade Imaginário, Real e simbólico, passo agora a trabalhar mais propriamente sobre esses agenciamentos que ocorrem na circulação, iniciando pela temática dos imaginários, os quais são indispensáveis para a construção dessa pesquisa.

4.2 Imaginários e agenciamentos em circulação

4.2.1 Imaginários sociais e midiáticos

Na seção anterior, sobre a tríade, trabalhou-se a ideia de que, para Lacan (2007), o imaginário é algo que contribui para dar consistência à nossa experiência com o mundo. Propôs-se que o imaginário tem características afins com os signos icônicos. Porém, como ele está relacionado às outras dimensões (real e simbólico), trabalha-se com o entendimento de que o imaginário não transita na semiose unicamente na forma de ícones: ele tem a si acoplados índices e símbolos. O mesmo raciocínio vale para outras dimensões. Isso permite compreender o fato de que um imaginário social não se constitui exclusivamente de imagens icônicas, representações de um objeto retratado. O imaginário integra índices de realidades concretas (de uma situação social historicamente constituída) e elementos que são simbólicos para determinado povo ou grupo.

Agora, proponho numa discussão que trate do imaginário de forma mais específica em seus aspectos comunicacionais e atrelados à midiaticização da sociedade. Nesse sentido, trabalho com a ideia de refletir sobre as inter-relações entre os imaginários que circulam midiaticamente e os imaginários entranhados no social. Adota-se a noção de que imaginário midiático é:

aquele composto por um conjunto de imagens apresentadas e reapresentadas na mídia, mas que para além de sua característica como representação, passam a constituir ou a convocar um conjunto de imagens e de relações interiores que nos permite estabelecer sentidos (ROSA, 2019a, p.156).

Quer dizer, as representações que compõem o imaginário midiático não apenas retratam eventos ou ideias; elas também provocam e convocam os agentes à ação. Isso se manifesta no âmbito individual, com os processos mentais de associação de ideias, como também na materialização dessa experiência mental nas interações com

outros sujeitos, naquilo que é a produção social do sentido. Portanto, a característica icônica, de semelhança e representação, deriva para afetações reais e simbólicas. As representações midiáticas e disputas atreladas à guerra, por exemplo, não têm propósito de meramente “mostrar” ou “dar visibilidade” ao que está acontecendo. As imagens e textos que nos chegam estão carregados de convocações a associações com imagens mentais – especialmente quando se trata de representações construídas sob a ótica do anticomunismo, como é o caso de boa parte dos observáveis desta pesquisa.

Entende-se, dessa forma, que a circulação se configura em uma disputa pela valorização de certas imagens e textos, pela visibilidade e legitimidade das diversas representações. Para Rosa (2019a), essas lutas por valor e visibilidade resultam também em seus opostos – não-valor e invisibilidades. Formam-se, segundo a autora, sombreamentos, o que nos leva ao conceito de imagem-sombra:

A ideia de imagem-sombra vincula-se à percepção da existência de imagens que se instauram no imaginário coletivo, de tal forma que, mesmo quando não estão presentes, elas ressurgem em nossa memória, fantasmáticas (ROSA, 2019a, p.162).

Para Rosa (2019a), nas disputas de atribuição de valor ocorridas na circulação, algumas imagens se perpetuam no imaginário social e, mesmo materialmente ausentes nos meios, continuam se aderindo a novos desdobramentos dos acontecimentos no imaginário midiático – imagens-sombra. Há também imagens materiais que se autonomizam em relação ao acontecimento que representam e servem como uma espécie de barreira para a valorização de novas imagens que surgem na circulação – são as imagens-totens, conforme a autora.

Certamente, os imaginários sociais no ocidente estão impregnados com narrativas antissoviéticas e anti-Rússia (renovadas com a invasão da Ucrânia), sendo que narrativas dissidentes que tragam outros olhares sobre a experiência soviética estão restritas a certos grupos com afinidades ideológicas. A exploração empírica realizada para esta pesquisa mostra que mesmo entre sujeitos identificados com a esquerda política existe um certo constrangimento em discutir a memória soviética ou de outras experiências com aspirações socialistas. Isso pode ser um reflexo, em parte, da potência dos imaginários que circundam o anticomunismo, fortemente enraizados e cotidianamente atualizados no âmbito midiático, ainda que de formas sutis.

É válida, nesse caso também, a metáfora da fantasmagoria utilizada por Rosa (2019a), pois a ameaça imaginária do comunismo parece estar sempre a assombrar. Podemos falar, ainda, que há paralelo com o conceito de imagens-sombra, já que quando pensamos nos “russos” ou “comunistas” não estamos pensando em uma imagem material específica, mas em um conjunto de signos. “O que nossa mão procura ver, ante o imaginário midiático, é aquilo que nosso olho já parece tocar mesmo quando não há nada para ser visto exceto a sombra” (ROSA, 2019a, p. 170).

Interessante se questionar a respeito dessa função do imaginário, cujos elementos podem se autonomizar em relação ao objeto do qual eram ícones, passando a assombrar outras realidades. Por exemplo, o que se imaginava e se dizia a respeito dos soviéticos no século XX segue influenciando a produção de sentido sobre atual guerra na Ucrânia ou mesmo outros acontecimentos políticos mais próximos a nós. Isso, penso, não deve ser encarado como um movimento aleatório da esfera da cultura, mas como um jogo de agenciamentos, no qual os imaginários aderem a uma função simbólica de poder. É, ao fim das contas, uma forma de legitimação da ordem social e um agenciamento do imaginário que visa intervir no real.

Vale lembrar, porém, que tudo aquilo que recebe uma valorização, em especial esta, ao longo do tempo, acaba por gerar um não valor. Desta forma, ao valorizar, nos intervalos, uma imagem-sombra, impedimos a luminosidade de atingir outras imagens, inclusive uma diversidade de imagens materiais (ROSA, 2019a, p.169).

Dessa forma, mesmo que as plataformas digitais sejam inundadas por imagens (no sentido material e também de imagens mentais externalizadas por outras formas de expressão) produzidas e compartilhadas continuamente, a “luminosidade” certamente não atinge igualmente a todas. Há seguramente áreas bastante escuras, opacas e de contornos confusos para o olhar. Em um contexto de intensificação da midiática da sociedade, existem aqueles conjuntos de imagens que acabam por se destacar e receber luminosidade. Esse fenômeno se dá em uma temporalidade e em ciclos que não são definidos por um único agente – como a instituição jornalística, por exemplo –, mas pelo conjunto de agentes que interagem na circulação midiática:

Significa dizer que estamos imersos em sequências descontínuas, em intervalos de tempo que não resultam somente em apagamentos, mas em imagens-potência, imagens em espiral, uma vez que tais imagens têm condições de aparecer, reaparecer e de acionar a circulação de um modo cíclico, mesmo quando são apenas uma evocação por meio de uma

manchete ou de legenda. Cabe destacar que não é o jornalismo o responsável pela evocação ou pela gestão dos intervalos, mas é a própria sociedade quem convoca imagens já vistas, imagens estas com laços profundos (ROSA, 2019a, p.169).

As guerras parecem ser eventos que carregam consigo muitas dessas imagens que acionam a circulação de modo cíclico, imagens que retornam de tempos em tempos e têm a capacidade de dinamizar a produção de sentido em diferentes circuitos. No contexto da presente pesquisa, não se trata tanto de imagens materiais, mas de conjuntos de imagens mentais, imaginários sociais propriamente. As disputas de sentido na atual guerra passam por associações diversas com conflitos e entes beligerantes pregressos. Certamente a guerra é discutida pelos seus motivos e implicações atuais, mas os imaginários que foram abastecidos com elementos de embates da Guerra Fria, por exemplo, estão sempre disponíveis para serem evocados e acionados como parte integrante das narrativas sobre o conflito que começou em fevereiro de 2022 na Ucrânia (ou já em 2014, se assim desejarmos considerar). Tudo depende de como os agentes envolvidos na circulação construírem e disputarem os sentidos dessas representações, conforme as relações de poder, de valor e capitais simbólicos em jogo.

Ao fim do artigo que venho trabalhando nesta seção, a constatação de Ana Paula da Rosa é de que “os imaginários sociais são permeados pelo imaginário midiático e vice-versa. O risco é a preponderância do segundo sobre a capacidade criativa mais profunda do primeiro, de organizar e ligar as imagens simbólicas que nos cercam” (ROSA. 2019a, p. 174-175). Resta analisar e construir inferências sobre como essa dinâmica entre imaginário midiático e imaginário social se desenrola especificamente nos materiais empíricos aqui abordados sobre a representação da Rússia na guerra da Ucrânia sob a ótica do anticomunismo no Brasil. Essa parece uma questão cara aos estudos de Mídiação e também para dar mais robustez à operacionalização da tríade imaginário, real e simbólico.

Dando continuidade às interfaces teóricas, debruço-me, agora, na discussão acerca das lutas pelas classificações sociais no âmbito da circulação midiática. A questão do poder simbólico se afigura como importante em nossa construção teórica, tendo já sendo citada de passagem anteriormente.

4.2.2 As lutas pelas classificações sociais em circulação

Partindo de uma perspectiva crítica, este trabalho compreende a comunicação e a produção de sentidos como sendo compostos de disputas entre grupos, classes, interesses e visões de mundo diversas. Assim, o conceito de lutas simbólicas é mobilizado para problematizar a semiose que ocorre a partir das publicações tematizadas pela representação da guerra russo-ucraniana.

O pretexto das lutas a propósito do sentido do mundo social é o poder sobre os esquemas classificatórios e os sistemas de classificação que se encontram na origem das representações e, por conseguinte, da mobilização e desmobilização dos grupos (BOURDIEU, 2011, p. 444).

Essas lutas no campo simbólico – aqui observadas no âmbito de publicações e comentários em redes digitais – abrigam as formas de distinção social, a legitimação de poderes estabelecidos e as relações entre classes e fracções de classes dominantes e dominadas. Entendo que as lutas pelas classificações do ponto de vista comunicacional são engendradas por movimentos complexos de agenciamentos. As discussões sobre temas como mercantilização de dados e o poder das grandes corporações midiáticas e de tecnologia colocam em evidência a obscuridade que ronda as plataformas digitais, cujo potencial de pluralidade fica comprometido. Todavia, ressalta-se que, apesar de as plataformas digitais serem agenciadas por interesses dos setores dominantes, a produção de sentido que ali ocorre não é meramente baseada na reprodução da estrutura social e econômica. Sempre há possibilidade de inventividade e apropriações críticas das funcionalidades das redes por parte dos sujeitos que ali interagem. O próprio conceito de circulação que adoto nesta pesquisa se baseia na ideia de sentidos em disputa:

a circulação não é um lugar, uma vez que não há formas de retenção, nem um espaço físico ou fechado para circular objetos. A circulação consiste exatamente na disputa, no embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos. No entanto, este embate, cada vez mais, envolve contatos, fusões, que tornam opacos os contornos entre as gramáticas de produção e recepção (VERÓN, 2004). Isso não significa o fim das defasagens, mas, ao contrário, sua potencialização, quando tanto instituições midiáticas quanto atores sociais têm condições efetivas de agenciar a circulação (ROSA, 2019b, p. 22-23).

Em função desses agenciamentos possíveis por parte de instituições e atores sociais, acontecimentos que ganham relevância midiática, como a guerra na Ucrânia, podem ser representados nos mais variados contextos, dependendo dos interesses em jogo e da legitimação conferida por compartilhamentos, curtidas e comentários. E como defendido anteriormente, esta dimensão simbólica está em relação com o imaginário e o real. Imaginários sociais constituídos historicamente sobre determinado tópico – imaginários sobre “guerra” ou sobre “Rússia”, por exemplo - são evocados nas representações midiáticas dos acontecimentos atuais e nas disputas de sentido que dali se originam. Como discutido na seção sobre a tríade lacaniana, a produção de sentido nas lutas simbólicas poderia, eventualmente, eufemizar certa dimensão do real. Interessante que Bourdieu (2011) formula algo semelhante ao falar do uso da linguagem política, por meio da qual é possível eufemizar os fatos e censurar a expressão dos interesses dos dominados:

Através da linguagem e da relação com a linguagem, solidários com todo um estilo de vida, que se impõem a qualquer um que queira participar da “vida política”, trata-se de uma verdadeira relação com o mundo que se encontra imposta, relação de denegação que, à maneira da arte, coloca à distância, neutraliza, permitindo falar sem pensar no que fala. Essa linguagem intrinsecamente eufemizada e eufemizante, que se impõem com as aparências da universalidade, desrealiza tudo o que ele nomeia – assim, tal ministro do trabalho pode falar, em plena crise de desemprego, de “certa erosão do pleno emprego” -, infligindo uma censura, ao mesmo tempo, total e totalmente invisível à expressão dos interesses próprios dos dominados, destinados à eufemização do discurso oficial ou à indignidade do “mau-humor e da impertinência” (BOURDIEU, 2011, p. 431).

Vale destacar que Bourdieu utiliza o termo “desrealiza” ao se referir a essa eufemização. Quer dizer, a dimensão do real é apartada, encoberta pelo que é dito. É possível “falar sem pensar no que fala”, como diz Bourdieu acima. Cabe pensar, por exemplo, em como publicações que trazem determinada representação da Rússia e de Putin – sob a ótica do anticomunismo – podem ter um objetivo afetar a produção de sentido sobre outros temas. A guerra pode servir de pretexto para propor uma determinada interpretação da realidade mais imediata em que os sujeitos que interagem estão inseridos. Imaginemos que uma postagem traz a imagem de uma bandeira vermelha da antiga União Soviética nos tanques russos e condena supostos crimes de guerra cometidos na Ucrânia. Então, abre-se a possibilidade de algum agenciamento relacionar a bandeira vermelha a agentes políticos que supostamente defendem o comunismo no Brasil. Nesse caso, não importa que a narrativa proposta

seja ou não coerente com os fatos; o real que está sendo eufemizado é um objetivo prático de impactar no cenário político local. Sem mencionar camadas mais profundas desse real, que incluiriam elementos da estrutura social e de uma determinada forma de produção de opinião política – questões a serem analisadas dentro de seu contexto histórico.

Investigar a produção de sentido em circulação é ter mente um conjunto de relações de poder e de agenciamentos. O próprio conceito de circulação não deve ser interpretado a partir de uma perspectiva funcionalista, como se fosse um mero lugar ou processo de transmissão de mensagens. Como dito anteriormente, se a circulação se constitui nas disputas pela produção de sentido, torna-se essencial a identificação de quais são as operações e estratégias que estão sendo engendradas em cada circuito. Da mesma forma, identificar quais são os principais tópicos de embates, quais visões de mundo estão em jogo e quais são os agentes envolvidos - incluindo seus interesses. Quanto a isso, parece-nos importante ponderar o fato de que, apesar de as plataformas digitais proporcionarem a possibilidade de agenciamento por parte de instituições e atores sociais, existem desníveis no poder e no potencial de cada agente envolvido. Isso se dá tanto por motivos técnico-materiais de produção e acesso, como também pelas posições que os agentes ocupam nos sistemas de classificações sociais, os quais não são dissociados do ambiente comunicacional virtual.

4.2.3 Desrealização e operações de eufemização

No capítulo 2, trouxemos a ideia de que a midiatização da sociedade está entrelaçada com o desenvolvimento do capitalismo em vários aspectos. Na atualidade marcada pela financeirização, pode-se estabelecer analogias na forma pela qual circulam os capitais econômicos e os capitais simbólicos – a informação e comunicação, que nos interessam mais especificamente. Muniz Sodré (2021) trabalha com o conceito de desrealização, como correlato, na comunicação, daquilo que é a financeirização para a economia. O autor cita, por exemplo, operações de ficcionalização e virtualização do real:

“Ficcionalizando ou virtualizando o real em função da atualidade histórica do capital, o par comunicação/informação contribui, portanto, para tentar ‘naturalizar’ o mercado financeiro como base da aceleração do desenvolvimento econômico e como fonte da ideologia capitalista do bem-estar humano na atual etapa da penetração da lei estrutural do valor (o

capital) em todos os espaços existenciais dos indivíduos” (SODRÉ, 2021, p. 64-65).

Essa é uma discussão interessante para esta pesquisa, já que trabalhamos com o real compondo a tríade lacaniana com o imaginário e o simbólico. Concordo que a midiatização, na atualidade, passa por processos de desrealização. No entanto, opto por compreender essa desrealização enquanto processos de eufemização do real. Quer dizer, não pretendo situar uma separação entre um mundo real e um virtual (ou imaginário); o real está presente em nossa vida e em nossas interações, porém esse real passa por eufemizações, as quais atendem a interesses dos agentes envolvidos na circulação.

As imagens e relatos da guerra na Ucrânia surgem em função de algo que é real e concreto (o conflito armado, as mortes, a destruição) e chegam a sujeitos que estão também inseridos em um real (o da sociedade brasileira, no caso abordado). O que acontece é que na circulação desses conteúdos, entre produção e reconhecimento, muitos elementos entram em jogo. Eufemizar parece ser uma operação potente nesse contexto. Por exemplo: um vídeo de uma bandeira soviética exibida pelos soldados russos pode ter seu sentido construído, na circulação, totalmente a despeito do real contido ali. Ou pode ser usado para eufemizar o real no qual os sujeitos que interagem estão envolvidos, com a construção de uma suposta conspiração comunista que estaria se desenvolvendo a partir da invasão russa e teria adeptos entre nós brasileiros.

Uma das consequências disso para a semiose é a desvalorização da noção de verdade consensual, em troca de um “jogo cênico dos fatos” (SODRÉ, 2021, p. 156). Esse tipo de arranjo na produção de sentidos cria problemas para a resolução de questões colocadas socialmente. Se torna comum a dificuldade de sujeitos e grupos com diferentes visões de mundo se comunicarem e estabelecerem um diálogo construtivo. Um dos aspectos inerentes à polarização social é justamente que “um determinado público recusa-se a aceitar uma evidência factual em favor de sua adesão irracional a uma encenação adequada a seu desejo ou a sua particular opinião” (SODRÉ, 2021, p. 156).

Não é de surpreender que essa conjuntura de incapacidade de reconhecer o outro leve não só à disseminação de conteúdos falsos, mas a extremos como comportamentos agressivos, de ódio e até mesmo fascistas:

o fascismo é tanto uma *situação* societária quanto um *padrão* existencial, em que prospera o aprofundamento da dominação sobre um “outro”, um inimigo imaginado. Esboça-se uma micropolítica do cotidiano, em que o “inimigo” é um próximo (o vizinho, o colega de trabalho etc.) conotado como comunista imaginário ou então simplesmente como sujeito de uma corporeidade inaceitável. Seu pano de fundo operativo é a mobilização permanente das consciências pelo estado de guerra, real ou sonhado, fomentador do ódio ou do ressentimento como afetos fundamentais (SODRÉ, 2021, p. 163).

Vários pontos interessantes nessa passagem de Sodré. Destaco: “micropolítica do cotidiano”, “inimigo imaginado” e “mobilização permanente das consciências pelo estado de guerra”. É uma reflexão alinhada com o que discutimos, já o imaginário de um inimigo que precisa ser combatido afeta diretamente nosso cotidiano. Quer dizer, a guerra atual pode ser na Ucrânia, mas ao interagir com a cobertura midiática os sujeitos têm seus afetos provocados, transpondo para as questões do cotidiano aquela lógica de uma mobilização contínua contra possíveis encarnações reais daquele inimigo imaginado. Certamente, esse tipo de experiência encontra terreno fértil em uma sociedade midiaticizada, na qual a produção de sentido está menos regulada por instituições jornalísticas comprometidas em fornecer índices do real e pelas lógicas de mediação dos campos sociais, constatando:

a fragilização da vitalidade das operações de mediação dos campos sociais, com a ascensão de novas práticas tecnocomunicacionais, cujas dinâmicas de caráter interpenetrante engendram sentidos que tecem e alimentam novos processos interacionais, no contexto de uma nova paisagem de produção de sentidos (FAUSTO NETO, 2020a, p. 212.)

Penso, porém, que não se trata de afirmar que vivemos uma desrealização completa ou uma virtualização absoluta. Lidamos diariamente com inúmeros signos, os quais têm sua dimensão real – assim como imaginária e simbólica. O que parece ocorrer é a reprodução de um determinado modo de produção de sentido que eufemiza o real, como foi proposto anteriormente. Em função disso que se torna essencial uma abordagem crítica para compreender a semiose em seu contexto, buscando os indícios do real e superando a predominância das aparências superficiais nos casos isolados.

4.3 Conflitos mediados

Por fim, penso que é essencial incorporar, nesse capítulo, uma reflexão sobre as dinâmicas que perpassam os conflitos em uma sociedade – como temos defendido até agora – marcada pela mediação. Os questionamentos e inquietações sobre como os meios de comunicação representam as guerras não são novidade; tampouco é algo recente a discussão sobre o papel e o potencial da mídia nas guerras que já assolaram a humanidade. Pelo contrário, as disputas pelas narrativas, pela moral, pela justificação e pelo sentido das guerras sempre acompanhou os combates armados. De fato, a preocupação com a narrativa sobre os combates e seus potenciais efeitos psicológicos aparece em obras tão antigas quanto a Arte da Guerra, de Sun Tzu (2011, p. 27): “A Lei da Guerra se baseia no engano. Finja ser incapaz quando puder atacar e ser capaz quando não puder. [...] Se as tropas inimigas estão em ordem, tente bagunçá-las. Se estão unidas, semeie a discórdia” ou também “A habilidade suprema não consiste em ganhar cem batalhas, mas sim em vencer o inimigo sem combater” (2011, p. 35).

Comumente, lembramos com mais clareza do impacto dos meios de transmissão massivos do século XX – rádio e televisão, principalmente – como pontos de virada na propaganda de guerra. A própria noção de propaganda está atrelada à Segunda Guerra Mundial e, depois, com a Guerra Fria. E se pensa em um conceito de propaganda, nesses casos, sempre em tom de certa forma pejorativo ao ser associada com o inimigo da vez, Alemanha Nazista, União Soviética, entre outros. Ao estudar, pela ótica comunicacional, as campanhas dos países beligerantes sabemos que, na verdade, todos os países utilizam a propaganda e a disputa de interpretação dos fatos como arma, em maior ou menor medida.

Emerge, então, um conceito para dar conta dos conflitos que colocam a guerra de informações como elemento essencial na estratégia requerida para obtenção da vitória militar e política sobre o adversário: Guerra Híbrida.

Desde 2010, a OTAN utiliza o termo guerra híbrida para descrever ações adotadas por adversários com a capacidade de empregar, simultaneamente, meios convencionais e não convencionais de forma adaptativa na execução dos seus objetivos (RODRIGUES, 2021, p. 40).

Dentre esses meios “não convencionais” estão as ações de mídia, a tentativa de emplacar determinada narrativa que justifique o conflito ou mascare seus reais

objetivos. Nesse sentido, aparece como central o uso das tecnologias digitais de informação como parte do aparato de guerra:

A relativa novidade da Guerra Híbrida reside na habilidade de um ator em sincronizar múltiplos instrumentos de poder simultaneamente e, intencionalmente, explorar a criatividade, imprecisão, não linearidade e os elementos cognitivos da guerra. Normalmente, é adaptada de forma a permanecer encoberta da detecção óbvia contando, por vezes, com a velocidade, volume e ubiquidade da tecnologia digital que caracteriza a presente era da informação (LISBOA, 2021, p. 72).

Interessante ressaltar que o artigo citado acima traz como um dos exemplos do emprego da guerra híbrida a anexação da Crimeia por parte da Rússia em 2014. O que se pode dizer, do ponto de vista comunicacional, é que esse conceito de guerra híbrida trabalha com a instrumentalização do potencial das tecnologias de informação nos conflitos modernos. Trata-se de uma apropriação predominantemente técnica da difusão de informações. A discussão, porém, não adentra os meandros específicos do sentido que se produzem a partir dessa base tecnológica que permite a ocorrência de guerras híbridas.

Então, na perspectiva do presente trabalho sinto a necessidade de ir além do conceito de Guerra Híbrida para poder dar conta do que se observa na Guerra Russo-Ucraniana e outras disputas bélicas da atualidade. Isso não quer dizer que seja um conceito superado, longe disso; é uma parte importante, mas não totalizante para o estudo do fenômeno comunicacional. Trago para a discussão, então, o conceito de conflito midiaticizado ou guerra midiaticizada. Essa necessidade se justifica pelo fato de que não estamos lidando apenas com representações de conflitos em um contexto societário de intensificação do uso das mídias; são conflitos nos quais as estratégias midiáticas fazem parte do planejamento interno e de como essas guerras se desenvolvem e se apresentam para o mundo. Essa ideia está presente no trabalho de Ana Paula da Rosa, a qual, elaborando a partir do trabalho de Hjavard e Mortensen, descreve algumas dinâmicas que caracterizam os conflitos midiaticizados:

um conflito midiaticizado envolve dinâmicas que são geralmente de três ordens: amplificação, enquadramento e agência performática e co-estruturação. Por amplificação entende-se a capacidade da mídia de amplificar o conflito e de ampliar suas bordas geográficas e discursivas, inclusive por meio da disseminação de notícias desterritorializadas. O enquadramento diz respeito a uma ideia de “dramaturgia” dos conflitos a partir de diferentes gramáticas de mídia, visto que a linguagem, para os autores, tem tanto a função de enquadrar como de performar, isto é, atribuir uma

narrativa seriada entre conflitos. Por fim, a co-estruturação envolve as diferentes relações de poder que emergem nos conflitos (ROSA, 2023)¹¹.

Essas dinâmicas citadas dialogam com o que se observa a partir da guerra na Ucrânia. A circulação proporciona o terreno para a amplificação do conflito para além de suas bordas – especialmente as discursivas, no que tange a esta pesquisa. As publicações sobre a guerra, como analisaremos mais a frente, não só permitem que os embates extrapolem as fronteiras ucranianas, mas, sobretudo, desencadeiam disputas de sentidos que fogem dos tópicos militares imediatos. A disputa de sentidos sobre a guerra, da forma que me proponho a analisar, traz à tona os embates relativos ao anticomunismo no contexto brasileiro. Isso ocorre, em grande parte, de outra dinâmica citada, a do enquadramento e da agência performática. Ao inscrever na circulação imagens de soldados russos ostentando bandeiras da União Soviética, associadas a certo texto na legenda, temos uma configuração muito específica de enquadramento, com intencionalidades de agenciamento performático. Nas entrelinhas de todos esses movimentos que se desenrolam na circulação são perceptíveis indícios das relações de poder em disputa, buscando emplacar representações e interpretações dos fatos.

Hoskins e O'Loughlin (2015) destacam três fases que marcaram a midiatização dos conflitos do ponto de vista da mídia ocidental: Broadcast War, Diffused War e Arrested War (em tradução livre: Guerra de Transmissão Massiva, Guerra Difusa e Guerra Aprisionada, respectivamente). A primeira fase (Broadcast War), segundo os autores, seria caracterizada pelo predomínio dos meios de comunicação massivos na cobertura dos conflitos dos anos 90. Nesse contexto, os jornalistas detinham em maior medida o poder de gatekeepers e era proeminente uma ecologia midiática mais (ainda que nunca totalmente) unidirecional.

A segunda fase (Diffused War) teria emergido nos anos 2000 em um contexto que os autores descrevem como sendo marcado pelo caos e pela não-linearidade, com a entrada de novos dispositivos, outras formas de gerar e compartilhar conteúdo e a ascensão de atores variados no cenário midiático. Foi um momento de incerteza para os grandes conglomerados midiáticos, agentes políticos e militares, os quais

¹¹ Artigo aceito e aguardando publicação na Revista *Líbero*, sob o título: Conflitos midiatizados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação.

tentavam compreender os movimentos que se organizavam a partir dos dispositivos que a tecnologia digital ofereceu a um vasto público que passou a produzir conteúdo.

Por fim, a terceira fase (Arrested War), a partir da década de 2010, seria caracterizada pela reafirmação de instituições midiáticas hegemônicas – ainda que remodeladas em relação à Broadcast War – e pela apropriação do potencial da mídia por parte dos agentes militares e políticos na condução das guerras:

The initial efforts by mainstream news to appropriate user-generated content or monitor what was happening in other regional or linguistic media ecologies prefigured what is normalized within the third phase of mediatization. Today, in that third phase, we suggest that this process has widened and deepened with a range of military, media, and political actors, who initially struggled to adapt to the new media ecology (phase two) and who have now more fully harnessed its digital potential¹² (HOSKINS; O'LOUGHLIN, 2015, p. 1325).

É uma dinâmica de “captura” ou “aprisionamento” das lógicas da midiatização para seu emprego nos conflitos contemporâneos. O jornalismo e o poder das narrativas de propaganda estatal não morreram, como em certo momento alguns cogitaram. As instituições midiáticas e agentes do campo militar se reinventaram e passaram a se integrar melhor nessa ambiência de produção de conteúdo por sujeitos diretamente do local dos acontecimentos.

Penso que o conceito de conflito midiatizado traz um pouco de cada uma dessas três fases, apesar da predominância da terceira, e provavelmente vá além. O que vemos na Ucrânia é um conflito não apenas permeado pela midiatização, mas engendrado para ser midiatizado. A produção de conteúdo diretamente do front e sua inscrição em circulação nas plataformas digitais ocorre concomitantemente aos esforços midiáticos em larga escala para emplacar as narrativas de cada lado em disputa na guerra – Ucrânia/OTAN e Rússia.

Com o que discutimos até aqui, não se pretende dizer que se tratam – guerra híbrida e conflito midiatizado – de dois processos totalmente diferentes ou mutuamente excludentes. São, na verdade, processos que se interpenetram. A

¹² Tradução livre: Os esforços iniciais por parte da mídia tradicional para se apropriar de conteúdo gerado por usuários ou monitorar o que estava acontecendo em outras ecologias midiáticas regionais ou linguísticas prefiguraram o que é normalizado dentro da terceira fase de midiatização. Hoje, nessa terceira fase, nós sugerimos que esse processo se expandiu e se aprofundou com um espectro de atores militares, midiáticos e políticos, os quais inicialmente tiveram dificuldade para se adaptar a essa nova ecologia midiática (segunda fase) e que agora têm aproveitado completamente o seu potencial digital.

definição de um e de outro se dá por lógicas específicas que os compõem. Pode-se estabelecer uma relação com a discussão de José Luiz Braga (2015) sobre as lógicas de mídia e lógicas de midiatização. Ainda que aquilo que definimos como midiatização inclua aspectos próprios da influência das mídias nos seus públicos e na sociedade em geral, há lógicas outras que permitem caracterizar processos midiatizados. A inventividade social que faz pulsar a midiatização supera a noção de uma mera mediação da comunicação por parte das instituições midiáticas ou mesmo dos avanços tecnológicos que viabilizam a troca de informações. Sobre isso, algumas das considerações que Braga pontua são:

- a) Embora o processo da midiatização inclua alguns padrões relacionados ao que se pode explicitar como lógicas da mídia, nem todas as dinâmicas são dependentes destas, e algumas, mesmo, se contrapõem a elas.
- b) Mesmo quando encontramos na midiatização uma influência de determinados processos e lógicas originadas nas mídias, é preciso investigar porque e como tais lógicas aí incidiram e não outras.
- c) A ênfase nas lógicas de mídia instituídas restringe seriamente a apreensão dos aspectos dinâmicos e tentativos, não plenamente estabelecidos, da midiatização — é preciso investigar esses encaminhamentos experimentais (BRAGA, 2015, p. 31).

Nessa mesma linha, a noção de conflito midiatizado amplia os horizontes da pesquisa, permitindo entrever as invenções sociais e analisar de forma crítica a influência das mídias, refutando a sua suposta onipotência. Em vista disso, os corpora dessa dissertação trazem materiais diversos, conjuntos com lógicas próprias que servirão para compor um recorte do que seriam as representações de um conflito midiatizado inserido na circulação midiática do contexto brasileiro.

A seguir, no capítulo metodológico, evidenciaremos quais caminhos foram escolhidos e como foram trilhados objetivando a construção das inferências articulando observáveis e conceitos teóricos.

5 PERCURSO METODOLÓGICO: UM EXERCÍCIO TENTATIVO

Ao iniciar no mestrado em março de 2021, meu projeto de pesquisa e formulações iniciais traziam como tema a questão do anticomunismo atualizado na representação da China na pandemia de Covid-19. Esse tópico esteve muito efervescente em 2020 e continuou tendo desdobramentos ao longo de 2021. Porém, ao iniciar o segundo ano de mestrado, minha atenção é capturada pela deflagração das hostilidades entre Rússia e Ucrânia. Em conversas com o orientador à época, Jairo Ferreira¹³, decidimos pela troca do tema, que passaria a se focar nas disputas de sentido a partir da guerra, especificamente em relação aos embates ideológicos – incluindo anticomunismo – que eram desencadeados. A natureza do conflito na Ucrânia, com uma proliferação ininterrupta de imagens e informações, com muitas facetas e perspectivas, mostrou-se desde o início um campo muito promissor para os interesses comunicacionais desta pesquisa.

Este capítulo metodológico se divide em duas partes. Na primeira, trago uma reflexão sobre método e como foram pensadas as estratégias analíticas e inferenciais desta dissertação. Na seção seguinte, descrevo os procedimentos adotados durante as coletas e análises dos materiais empíricos, os caminhos metodológicos seguidos para execução da pesquisa.

5.1 Discussões de método

A reflexão sobre o método aqui gira em torno da tríade de inferências abduativas, dedutivas e indutivas. No primeiro movimento inferencial, o abduutivo, objetiva-se desenvolver hipóteses e perguntas para configurar o caso de pesquisa. Nessa fase, faço uma exploração das materialidades em paralelo a experimentações teóricas, objetivando formulações criativas para a construção da problematização da pesquisa. Entende-se como essencial esta fase abduativa para a constituição de um caso de investigação com boas perguntas e observáveis pertinentes, pois “uma Abdução é

¹³ Em outubro de 2022, meu trabalho passou por uma mudança de orientador, momento em que foi assumido por Ana Paula da Rosa. A mudança se deu a partir do anúncio da descontinuação do PPGCC Unisinos e da demissão de Jairo Ferreira, meu orientador até aquele momento.

Originária quanto ao fato de ser o único tipo de argumento que começa com uma nova ideia” (PEIRCE, 2017, p. 30).

A partir disso, foi possível iniciar um tensionamento teórico mais sintonizado aos observáveis – um movimento inferencial de caráter dedutivo – o segundo movimento, no entendimento de Ferreira (2012). Nesse sentido, tem destaque o esforço para produzir inferências que deem conta da problematização da tríade imaginário, real e simbólico, sempre tendo em mente a importância de contribuir com os estudos de mediação e circulação, conceitos igualmente centrais neste trabalho. A partir dessas formulações, as interfaces teóricas derivam e se expandem para outros debates, como a circulação de imaginários, lutas simbólicas e desrealização.

Chega-se, então à fase de inferências empíricas. Nessa etapa, os observáveis são analisados de maneira sistemática, identificando rastros, fazendo analogias entre materiais e explorando os sentidos produzidos. O objetivo é a produção de inferências que vão além de simplesmente confirmar as interfaces teóricas; elas devem dialogar, tensionar as teorias, propor acréscimos e indicar lacunas, se for o caso, objetivando produzir um conhecimento de valor para o campo da Comunicação e para os estudos em Mediação. Trabalha-se na perspectiva da análise da circulação como atribuição de valor, entre operações de produção e de reconhecimento. Essa forma de trabalhar metodologicamente busca compreender os caminhos, usos, apropriações, ressignificações e outros movimentos que podem ser identificados na circulação midiática, na forma pela qual os sujeitos adentram e se deslocam no ambiente dos meios, negociando e disputando sentidos – uma negociação na qual há disparidades de capital simbólico e poder de agenciamento entre os agentes.

Compreendo que esses movimentos inferenciais não devem ser pensados em uma ordenação estanque; eles continuam se desenvolvendo e se imbricando em rodadas sucessivas. O trabalho com os empíricos permite um novo olhar sobre as teorias, permitindo novas inferências nesse campo. Nesta pesquisa, por exemplo, após a coleta dos observáveis surgiu a necessidade de explorar uma nova frente de discussão teórica - aquela sobre os conflitos mediados. Novas inferências dedutivas (teóricas) foram alcançadas, resultando em uma análise empírica mais robusta. E após essa lida de interpenetração entre o âmbito dedutivo (teorias) e indutivo (empírico) emergem também novas inferências abducativas, que superam aquelas ideias iniciais que serviram para construir o caso de pesquisa. As abduções, portanto, vão surgindo ao longo de todo o processo, servindo à construção do caso,

do problema de pesquisa, na percepção da necessidade de mobilizar certos conceitos teóricos, nos insights durante a análise dos observáveis e, por fim, no momento de produzir inferências que sejam transversais a tudo que foi discutido, descrito e analisado.

Um outro ângulo que julgamos importante no fazer desta pesquisa, inserida nos estudos de midiatização, é o paradigma indiciário (BRAGA, 2008), que não é entendido como uma metodologia, mas uma forma de conhecimento. Na lida com os materiais da pesquisa, às vezes pode ser difícil sair da inércia (saber por onde começar). Um movimento muito útil é explorar e descobrir as diferentes entradas que os materiais oferecem, sendo que nesse processo se apresentam ao pesquisador, sobretudo, indícios. O paradigma indiciário preconiza que se trabalhe com esses indícios, essas pistas, de uma forma a superar a mera descrição, para construir conhecimento:

Apesar da proximidade com o concreto, o indiciário não corresponde a privilegiar exclusivamente o empírico. A base do paradigma não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências. Uma perspectiva empiricista ficaria apenas na acumulação de informações e dados a respeito do objeto singular. Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos (BRAGA, 2008, p. 78).

A quantidade e a natureza dos indícios identificados podem ser amplas demais, portanto é necessário fazer recortes e seleções. Estas escolhas, segundo Braga (2008), devem ser guiadas tendo em mente o problema de pesquisa, as lógicas próprias da estrutura do processo que se está analisando e o conhecimento que já existe sobre o objeto de pesquisa e seu contexto. Esses elementos ajudam a definir quais são os indícios essenciais. Também é relevante tratar os indícios em suas inter-relações e não apenas de forma isolada:

É do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso. Eventualmente alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais (BRAGA, 2008, p. 81).

No trabalho de análise da circulação midiática, o paradigma indiciário se apresenta como uma abordagem muito valiosa, sendo que a partir da identificação de

indícios e suas relações é possível desvelar operações que não são visíveis em um olhar superficial.

Constituir um corpus de observáveis que dê conta da complexidade da circulação, mas que não seja demasiado extenso é um grande desafio. Se o objetivo é olhar para o fluxo da circulação, é difícil recortar o observável tendo como base um período muito restrito de tempo e um único perfil, vídeo ou site, por exemplo (claro que existem situações excepcionais, mas falamos em sentido geral). Para buscar aportes que auxiliassem a construção do caso de pesquisa, recorreremos às experimentações de Aline Weschenfelder (2021) sobre a construção de um caso midiaticado. A autora parte de um movimento que resgata algumas características do clássico Estudo de Caso de Howard Becker. Quando este método é transposto para o estudo de processos de comunicação. Weschenfelder fala em Caso Midiático, em um sentido mais geral. Ao se deparar com casos cujas lógicas são muito particulares e ligadas aos processos de midiaticação, a autora então propõe o Caso Midiaticado.

Uma característica do Caso Midiaticado é que sua construção é muito particular de cada pesquisa. Essa abordagem busca dar conta da análise de “processos não lineares a partir de fases e/ou etapas definindo as condições de um circuito, independentemente de seu início, uma vez que para pontuar o princípio de um fenômeno também dependemos dos objetivos da pesquisa” (WESCHENFELDER, 2021, p. 12). Esse entendimento do Caso Midiaticado parece muito interessante para a análise de observáveis inscritos na circulação, como os propostos nesta pesquisa, já que as temporalidades dos acontecimentos são difusas, sendo orientadas por fluxos cujo comportamento é bastante volátil e não linear. Processualmente falando, Aline Weschenfelder escreve que:

buscando acionar o “caso midiaticado” na prática, entendemos que, preliminarmente é necessário restringir o observável, delinear o recorte, para tornar a análise efetivamente possível, mas sem perder de vista o fenômeno como um todo, uma vez que é a ambiência que o complexifica, diferenciando-o do que designamos como “caso midiático” Sucessivamente, podemos procurar e apontar marcas de sua singularidade, assim como características inerentes aos processos de midiaticação para então, através de um trabalho descritivo, refletir sobre o observável (WESCHENFELDER, 2021, p. 7).

Levando em conta esta ideia de que é a ambiência que complexifica o fenômeno, construímos, para esta dissertação, três conjuntos de postagens a serem

analisadas no Twitter, cada conjunto com uma temática diferente. O que os une não são medidas temporais ou episódios específicos, mas a constatação de que reúnem postagens cujas interações engendram disputas ideológicas relevantes para o problema de pesquisa. Os conjuntos não foram formados ao acaso, mas devido a sua potência para auxiliar na investigação da midiatização à qual nos propomos. Os procedimentos adotados serão detalhados na seção seguinte.

Assim, a ideia de Caso Midiatizado tem valor para esta pesquisa na medida em que se trabalha, aqui, com um recorte de um fenômeno no qual não há um ponto inicial e um ponto final demarcados; os observáveis estão imersos no fluxo, sendo que há movimentos de circulação e operações que precedem as postagens analisadas, assim como há movimentos e operações que ocorrem posteriormente (e concomitantemente) às interações analisadas na seção dos comentários/respostas. A discussão que é introduzida com o conceito de conflito midiatizado também se beneficia dessa abordagem metodológica que leva em conta a proposta de Caso Midiatizado.

Não basta, porém, simplesmente debater se estamos ou não diante de um caso midiatizado, apenas para mero efeito de categorização abstrata. É preciso pensar em formas tentativas de operacionalizar metodologicamente a análise dos materiais. Entendemos que os estudos em midiatização requerem uma construção do pesquisador nesse sentido, levando em conta as particularidades e necessidades do objeto, sem recorrer a modelos estanques. Nesta pesquisa, elaborou-se um processo metodológico experimental e tentativo que, para além das reflexões descritas até aqui, propõe uma abordagem dos materiais empíricos que tensione um dos eixos teóricos centrais da dissertação, a tríade Imaginário, Real e Simbólico.

A proposta consiste, essencialmente, em analisar como são engendradas as operações na zona de contato entre produção e reconhecimento, levando em conta as dimensões do Imaginário, do Real e do Simbólico. Importante ressaltar que mobilizamos os conceitos da forma que foram trabalhados no capítulo teórico. A dimensão do Simbólico, por exemplo, não comporta apenas símbolos; trata-se, antes, da dimensão na qual se explicitam as disputas pelo poder, os agenciamentos, o embate entre interpretações diferentes. A dimensão do real, por sua vez, diz respeito às operações que utilizam de índices do real, enquanto a dimensão do imaginário trata de operações ligadas a imaginários sociais e midiáticos. Dessa forma, não são categorias puras, pois elas estão inter-relacionadas e transbordam elementos entre

si. Esse processo tentativo, inclusive, foi descrito em um texto dedicado à experimentação metodológica, a ser publicado em livro (no prelo) do grupo de pesquisa do qual faço parte, Laboratório de Circulação, Imagem e Midiatização (LACIM):

A partir dos elementos e sentidos percebidos na postagem principal e nas respostas – textos, imagens, sons do vídeo, memes, emojis etc. – procedemos a um movimento inferencial de tentar identificar inter-relações entre esses signos. Elencou-se, principalmente, rastros de circulação, trajetórias que o sentido descreveu na zona de contato das gramáticas. A partir disso, na dissertação, desenvolveu-se uma tabela e passamos a situar – mas não aprisionar – esses rastros na tríade com a qual pensamos a semiose. [...] Esse exercício não ambicionou encaixotar os rastros em categorias refratárias umas às outras, mas sim permitir enxergar relações a partir da representação sistemática dos elementos (FALCHI; MALLMANN, no prelo)¹⁴.

Essa sistematização é feita ao fim de cada um dos três conjuntos, com uma tabela que contém: o cruzamento de: linhas denominadas Dimensão do Imaginário, Dimensão do Real e Dimensão do Simbólico; colunas denominadas Agentes produtores. Zona de negociação/disputas de sentido e Agentes Debatedores. A expressão “Agentes debatedores” diz respeito aos perfis que fazem as postagens analisadas, enquanto “Agentes Debatedores” se refere aos sujeitos que comentam e interagem a partir dessas postagens. A ideia de debatedores surge a partir da percepção de que estes sujeitos não apenas comentam, mas trazem conhecimentos aprofundados sobre os temas das postagens, promovendo intervenções que superam comentários superficiais, chegando, muitas vezes, a questões estruturais dos processos. A opção pela palavra “agente” – ao invés de ator social, por exemplo – se justifica pelo enfoque proposto pela dissertação, que é nas disputas, nas lutas simbólicas, nos agenciamentos em circulação. Então, a ideia de agente se refere a sujeitos tentando agenciar a circulação, seja em referência aos perfis que postam os conteúdos ou em relação aos perfis que comentam.

Como dito na citação anterior, a tabela elaborada não pretende ser uma categorização inflexível, mas uma ferramenta para enxergar relações e servir de suporte à produção de inferências acerca dos rastros e operações identificados. A seguir, descrevo como se deram, na prática, esses procedimentos metodológicos.

¹⁴ Texto no prelo, aguardando publicação como capítulo de livro do grupo de pesquisa Laboratório de Circulação, Imagem e Midiatização (LACIM).

5.2 Procedimentos metodológicos

Como dito no início do capítulo, houve uma mudança de tema da pesquisa após o início da guerra na Ucrânia. Para a pesquisa exploratória, a principal fonte foi o perfil “Hoje no Mundo Militar”, o qual eu já acompanhava e conhecia. Dadas as características temáticas dessa página – abordado assuntos militares e geopolíticos, com um público relativamente variado em termos ideológicos – foi um bom ponto de partida para começar a identificar questões que eram discutidas sobre a guerra. Obviamente, porém, a imersão exploratória não se restringiu ao perfil do *Hoje no Mundo Militar*, nem ao Twitter, transitando por outros perfis, plataformas digitais e meios de comunicação tradicionais.

A partir do início das operações militares em larga escala na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, estabeleci uma rotina de observação diária das publicações no *Hoje no Mundo Militar*. Busquei ler e assistir todas as postagens de forma linear, sempre que possível também conferindo os comentários – ao menos os com mais engajamento, já que a quantidade de interações nas publicações é da ordem das centenas. O objetivo desta rotina, não era, obviamente utilizar todas essas publicações na pesquisa, mas sim constituir uma visão geral do rumo da cobertura feita pelo perfil e monitorar as tendências gerais nas interações. Posteriormente, fui selecionando algumas postagens dentre toda a cobertura da guerra que, conforme as minhas constatações no monitoramento praticamente ininterrupto, melhor representam as temáticas e tensionamentos pertinentes a essa pesquisa. Estas postagens, somadas às interações que ocorrem na sessão de respostas/comentários, ainda não eram necessariamente as que iriam compor os corpora da pesquisa. Elas serviram para selecionar quais eram os tipos de postagens e temas que geravam mais debates, especialmente debates de cunho político-ideológico e que tocavam em questões societárias e históricas (comunismo, o passado soviético, nazismo, o papel da OTAN, polarizações no Brasil, entre outras).

Esse exercício no âmbito do perfil do *Hoje no Mundo Militar*, somado à observação dos embates em outros perfis e meios, levou ao recorte de quais seriam os três conjuntos. O critério principal, obviamente, foi de que esses conjuntos deveriam dar conta do problema de pesquisa: **De que forma ocorrem as disputas de sentido sobre a Guerra Russo-Ucraniana sob o prisma ideológico e**

sociocultural brasileiro, a partir das dimensões do Imaginário, Real e Simbólico?

Definiu, assim: Conjunto 1 – Aparições da bandeira soviética; Conjunto 2 – A figura de Putin associado ao passado soviético; Conjunto 3 – O cerco à cidade de Mariupol, com embates sobre o Batalhão Azov e suas ligações com nazismo.

A escolha por trabalhar com perfis no Twitter se justifica pela gama grande de possibilidades de compartilhamentos (tanto por quem posta quanto por quem comenta), de uso de vários elementos textuais, imagens, memes, recursos audiovisuais, entre outros, e a dinamicidade dos debates existentes na plataforma em relação à guerra na Ucrânia. Também se percebeu que as discussões no Twitter não estavam fechadas em si mesmas, sendo possível observar efeitos do que é veiculado em outros meios (TV, por exemplo) – movimentos de circulação intermediária. O Twitter também oferece uma vantagem para a coleta de observáveis, dispondo de uma ferramenta de busca avançada que permite buscar postagens com os recortes desejados (espaço de tempo, assunto do texto, métricas, entre outras funcionalidades).

Levando em conta o que se observou na pesquisa exploratória, julgou-se apropriado um número de três postagens (incluindo suas respostas/comentários) a serem analisadas em cada conjunto. Para seleção destas, foi utilizada a ferramenta de busca avançada do Twitter mencionada anteriormente. A coleta dos observáveis foi realizada em dezembro de 2022. Os parâmetros utilizados na busca pelos tweets incluíram data inicial de 24/02/2022 (início da invasão russa); palavras-chave específicas para cada conjunto (Conjunto 1 – bandeira soviética, guerra, Ucrânia, Rússia; Conjunto 2 – Putin, guerra, Ucrânia, Rússia, União Soviética, KGB; Conjunto 3 – Mariupol, guerra, Ucrânia, Rússia, Batalhão Azov); número mínimo de 10 respostas ao tweet (para permitir que se analisasse a interação com o que viríamos a chamar de agentes debatedores). Também se optou por utilizar apenas tweets que trouxessem, além de texto, alguma imagem, link para matéria com imagem visível ou vídeo (o objetivo foi de enriquecer a análise dos sentidos da postagem).

O perfil do *Hoje no Mundo Militar* teve postagens selecionadas nos três conjuntos, pelo fluxo grande de interações registradas nos seus tweets. Não foi possível, no entanto, repetir os mesmos três perfis nos três conjuntos, pois nenhum outro perfil teve postagens sobre os três temas buscados que satisfizessem o parâmetro de ao menos 10 respostas. Isso, no entanto, não representa um problema em nosso entendimento, pois o critério foi selecionar as três postagens que

apresentassem o maior nível de interações em cada recorte escolhido. Além do hoje no Mundo Militar com uma postagem em cada conjunto, também se selecionou: perfil Pensar a História (1 postagem no Conjunto 1 e 1 postagem no Conjunto 3); perfil O Antagonista (1 postagem no perfil 1); perfil Jornal Brasil Sem Medo (1 postagem no Conjunto 2); perfil BBC News Brasil (1 postagem no Conjunto 2); perfil DW Brasil (1 postagem no Conjunto 3). Ressalto o foco da pesquisa não foram os perfis, mas sim as operações de circulação observadas nas postagens.

A análise das postagens levou em conta vários aspectos de sua construção, como texto, imagens, vídeos e outras marcas que contribuíram para a produção de sentido. O mesmo processo se deu com os comentários, analisando os elementos que compunham os comentários/respostas. O objetivo não foi de fazer descrições longas de cada elemento isolado, mas de olhar para as relações existentes, os sentidos, as dimensões acionadas. Como mencionado anteriormente, trabalhou-se com as dimensões do Imaginário, Real e Simbólico atravessando as interações existentes na circulação. As análises de cada postagem perfazem, sobretudo, um levantamento e discussão dos rastros e pistas encontrados, os quais foram sistematizados em uma tabela ao fim de cada Conjunto, conforme descrito anteriormente. Algumas inferências específicas aparecem também na análise de cada postagem. O movimento inferencial principal, porém, se dá na análise transversal, a qual leva em conta as tabelas e o trabalho desenvolvido com cada postagem, buscando relações, analogias, construções que permitam um olhar criativo e produtor de um conhecimento que atenda ao propósito da pesquisa. Sobretudo, buscou-se a identificação de operações de produção e de reconhecimento.

Nas Considerações, último capítulo, são trabalhadas as respostas, desdobramentos e novos horizontes que a pesquisa oferece ao problema de pesquisa e aos objetivos traçados. As principais inferências produzidas na pesquisa servem de base para um diagrama que é apresentado também neste último capítulo. Reflete-se, ainda, sobre as contribuições que a dissertação traz aos estudos de Miatização.

A análise transversal contém uma articulação com as interfaces teóricas discutidas na dissertação. Esse movimento demonstrou que as análises não foram, em nenhuma instância, uma confirmação das teorias. E tampouco as teorias ficaram apartadas dos empíricos. Os conceitos teóricos foram tensionados, serviram para extrair mais dos observáveis, para superar abordagens empiricistas e para produzir conhecimentos que superassem os casos singulares. Por sua vez, os observáveis

permitiram aprimorar a discussão teórica, problematizar os conceitos e propor abordagens teóricas alternativas. A opção por trazer corpora de observáveis com três conjuntos com temáticas diferentes se mostrou relevante para validar as inferências e resultados da pesquisa. Isso garantiu que as operações identificadas não eram apenas percepções de contextos isolados, mas estavam associadas a movimentos mais amplos próprios da circulação sobre a guerra, sob o prisma brasileiro, na ambiência da midiatização da sociedade. O capítulo seguinte é dedicado às análises e inferências empíricas – a concretização da reflexão metodológica apresentada aqui.

6 ANÁLISE E INFERÊNCIAS EMPÍRICAS

Este capítulo se dedica à construção de inferências a partir da análise materiais empíricos. Como um estudo situado na linhagem de pesquisa de Mídia e Processos Sociais, os corpora desta pesquisa está focado na observação de movimentos e operações em circulação. Para tanto, serão trabalhados três conjuntos, cada qual com três postagens. Posteriormente, há uma seção de análise transversal, na qual são articuladas as principais inferências elaboradas. Do ponto de vista da autoria das postagens, apenas o perfil do Hoje no Mundo Militar aparece em todos os três conjuntos, por motivos explicados no capítulo metodológico. A seguir, são apresentados brevemente os perfis de Twitter dos quais as postagens provêm¹⁵:

Hoje no Mundo Militar: Perfil dedicado à abordagem de temas militares atuais, que também tem uma audiência expressiva no seu canal no YouTube. Compartilha conteúdo próprio e de terceiros no Twitter, trazendo contextualizações. Tem caráter predominantemente analítico. Possui 496,7 mil seguidores no Twitter.

Pensar a História: Perfil dedicado ao debate de temas históricos e atuais de fundo, sob uma perspectiva mais identificada com o campo da esquerda política. Compartilha conteúdo próprio mesclado com o de terceiros no Twitter. Tem caráter analítico e instrutivo. Possui 103 mil seguidores no Twitter.

O Antagonista: Perfil de portal dedicado principalmente a temas políticos, vinculado ao UOL/Grupo Folha, com linha editorial situada no campo da direita política. Compartilha conteúdo próprio. Tem caráter noticioso e opinativo. Possui 1,8 milhões de seguidores no Twitter.

¹⁵ Todas as informações apresentadas aqui relativas às métricas dos perfis (número de seguidores) são referentes ao dia 29 de março de 2023.

Jornal Brasil Sem Medo: Perfil de portal focado em temas com teor político, alinhado à direita política. Apesar do nome “Jornal”, não está vinculado a instituições midiáticas tradicionais. Compartilha conteúdo predominantemente próprio. Tem caráter opinativo e noticioso. Possui 473,4 mil seguidores no Twitter.

BBC News Brasil: Perfil da subsidiária da British Broadcasting Corporation (BBC) no Brasil. Compartilha conteúdo próprio. Tem caráter noticioso e analítico. Possui 3,4 milhões de seguidores no Twitter.

DW Brasil: Perfil do serviço brasileiro da emissora internacional da Alemanha Deutsche Welle (DW). Compartilha conteúdo próprio. Tem caráter noticioso e analítico. Possui 195,3 mil seguidores no Twitter.

6.1 Conjunto 1: aparições da bandeira soviética

6.1.1 Postagem do Hoje no Mundo Militar

A postagem selecionada (Figura 3) do Hoje no Mundo Militar foi publicada no Twitter no dia 2 de julho de 2022. Trata-se de um vídeo de 15 segundos no qual um soldado que integra as forças russas aparece erguendo a Bandeira Soviética da Vitória em um prédio com marcas de destruição e rodeado de escombros. Ao seu lado, outro homem em uniforme militar tem em mãos aquilo que parece ser uma câmera fotográfica. Na ambientação sonora do vídeo, é possível perceber algumas palavras ditas pelos soldados. Também se ouve um grito de *hurra* – um grito de guerra tradicional dos militares russos e soviéticos – presumivelmente vindo do próprio homem que está realizando a gravação.

Figura 3 – Post sobre bandeira soviética, prefeitura de Lysychansk



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

O texto publicado pelo Hoje no Mundo Militar como legenda para o vídeo¹⁶ inicia com uma descrição da composição das forças militares envolvidas no contexto das imagens: russas, chechenas e separatistas pró-Rússia. Isso evidencia a preocupação que o perfil tem em atender a algum nível de rigor informativo relacionado a temas militares. Depois, outros dados de caráter prioritariamente informativo são: “prefeitura” e “Lysychansk” – situando geograficamente o fato relatado.

¹⁶ Publicação com o vídeo disponível em: https://twitter.com/hoje_no/status/1543291455170650115. Acesso em 21 de dez. 2022.

A escolha da palavra “posando” para descrever as ações dos soldados retratados no vídeo atribui um caráter de encenação e de displicência frente ao cenário de guerra – o soldado se deslocando de uma preocupação bélica para uma demanda estética/propagandística. As palavras “destruída” e “ruínas” enfatizam os resultados práticos da guerra, cujos perpetradores são citados no início da legenda. Interessante, sobre isso, assinalar a leitura proposta pelo Hoje no Mundo Militar, cuja repercussão nas repostas será analisada logo à frente: “hasteada nas ruínas” compõe o predicado da frase sobre a “bandeira soviética da vitória”. Se a primeira frase da legenda traz vários dados de caráter informativo, como dito acima, a segunda frase tem um caráter sugestivo sobre a associação da bandeira soviética com o rastro de destruição que pode ser observado na filmagem. O perfil não indica de onde compartilhou o vídeo, mas do ponto de vista de sua captação se subentende que foi filmado por algum militar das próprias forças russas. Não é um vídeo que tem alguma sequência de imagens planejada ou qualquer cuidado profissional – a impressão que fica é de um registro improvisado.

Do ponto de vista das interações dos sujeitos que responderam à postagem, destaque, primeiramente, uma porção de comentários que demonstram um reforço à proposta interpretativa do Hoje no Mundo Militar: o par bandeira soviética e destruição. São comentários que trazem reproduções e desdobramentos a partir do sentido lançado originalmente na legenda da publicação, sem tensionamentos significativos, conforme apresentado na Figura 4:

Figura 4 – Respostas associando bandeira e destruição



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

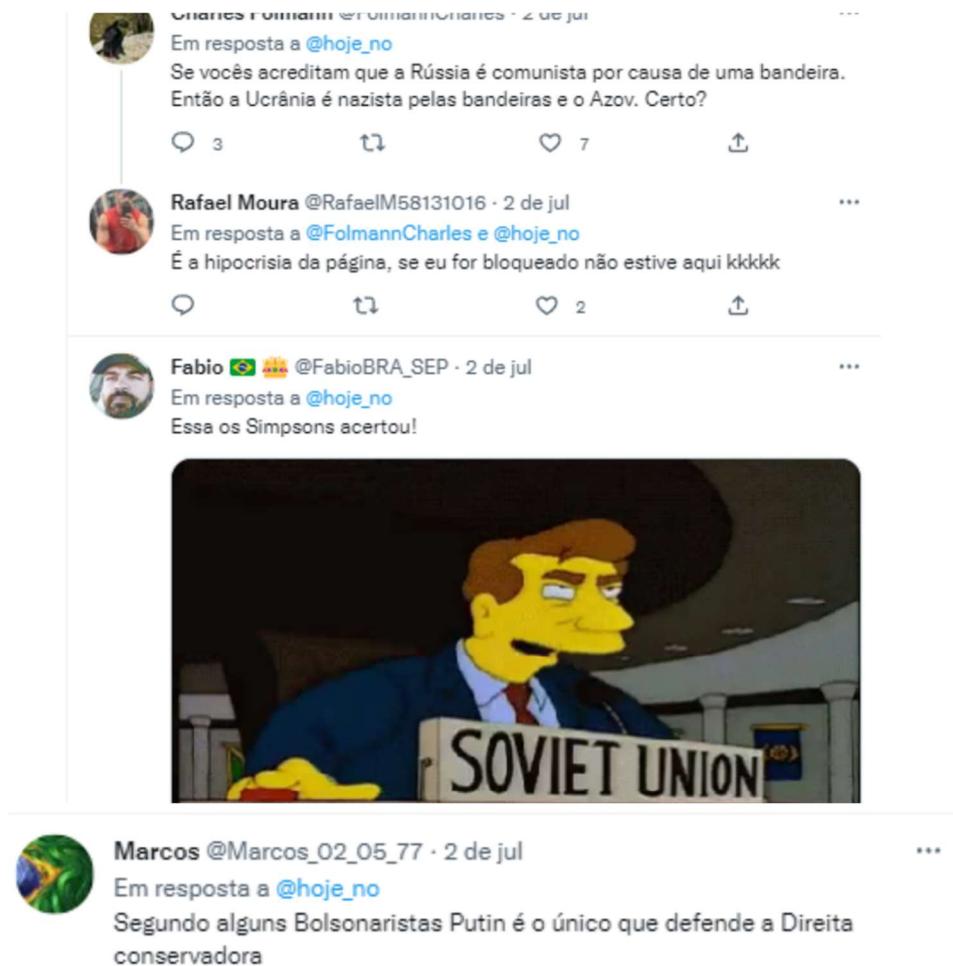
Como dito anteriormente, são comentários que apresentam consonância com a construção simbólica da legenda da publicação. Se no post o Hoje no Mundo Militar lançou a associação entre bandeira e destruição de uma forma sugestiva, os sujeitos respondem com afirmações mais explícitas e assertivas. O perfil – na esfera da produção – demonstra já conhecer seu público e os elementos necessários para desen cadear associações de ideias e determinadas interações. Assim, os signos que compõem o post sugerem um tópico para os tweets de respostas, em um entendimento tácito entre a esfera da produção e do reconhecimento. Não é que haja uma determinação da gramática de produção sobre o reconhecimento, mas certamente se manifesta uma margem de previsão - nesse conjunto específico de respostas - em relação a como o sentido será transmitido e reapropriado nas interações.

A associação entre a bandeira soviética e a destruição das infraestruturas gera o acionamento de elementos próprios de certos imaginários sociais. “Por onde essa bandeira foi hasteada, ficou um rastro de ruínas”, afirma um dos sujeitos que responde ao tweet principal. Não é difícil caracterizar essa frase como diretamente ligada aos imaginários negativos acerca dos países que historicamente foram caracterizados como socialistas ou comunistas. Interessante, no entanto, que essa resposta é tensionada por outro sujeito, que traz à interação o papel da URSS na vitória sobre a Alemanha Nazista na Segunda Guerra: “Berlim e Hitler que o digam...”.

Outras palavras aparecem complementando a associação com a destruição, tais como “morte”, “lixos selvagens” e “assassinos”. Isso evidencia ainda mais a manifestação de imaginários arraigados no social, pois a interação se desloca dos fatos imediatos para o campo de emoções (raiva, repugnância), crenças, julgamentos e valorações genéricas. As imagens do vídeo – de escombros característicos de combates militares – auxiliam na ativação de memórias de guerras pregressas, estabelecendo uma ponte entre o imaginário midiático do conflito atual ali retratado com os imaginários sociais e particulares de cada indivíduo. Outro aspecto do audiovisual que pode contribuir nesse sentido é o grito de “*hurra!*”, pois pode soar como agressivo no contexto e potencializar a emergência de termos como “selvagem”. Da mesma forma – apesar de a maioria dos sujeitos que comentam provavelmente não compreenderem o idioma do vídeo – o tom comemorativo dos fonemas audíveis na gravação tem impacto na gramática de reconhecimento: “vangloriar-se em cima de um monte de escombros”, diz um dos agentes que comenta. Esses elementos, isolados, talvez não gerassem as mesmas interações, mas com o contexto engendrado a partir da proposta interpretativa do Hoje no Mundo Militar o acionamento de imaginários é potencializado. Selvageria, destruição, morte e assassinatos, por exemplo, são signos comuns nas referências simbólicas e nos imaginários construídos historicamente no Ocidente sobre o que vem a ser o “comunismo”.

Porém, a homogeneidade não está presente em todas as respostas da postagem. Vários sujeitos trazem problematizações, contestam respostas anteriores e até mesmo questionam a atuação do Hoje no Mundo Militar. A Figura 5 e Figura 6 trazem um conjunto de comentários que tensionam e geram embates em relação aos sentidos sobre comunismo e temas afins postos em circulação com a aparição da bandeira soviética.

Figura 5 – Respostas tensionando as noções sobre comunismo



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Figura 6 – Continuação dos comentários sobre comunismo



The image shows a vertical scroll of four tweets. Each tweet includes a profile picture, the user's name and handle, the date, and the text of the tweet. The first tweet is from Johan Marcell, the second from Bruno Hecht, the third from Nicolai 535, and the fourth from Calvo aos 20. The tweets are all in Portuguese and discuss the topic of communism, with some mentioning Vladimir Putin and the Russian flag.

Johan Marcell @marcell_johan · 2 de jul
Em resposta a @hoje_no
Comunista bom é comunista m@rtO !!!

Bruno Hecht @brunohecht · 2 de jul
Em resposta a @hoje_no
Cadê a turminha que diz não existir mais comunismo?!

Nicolai 535 @535Nicolai · 2 de jul
Em resposta a @hoje_no
Na boa, não dá para dizer que o Putin não é mais comunista.
Nos primeiros dias da invasão, isso aconteceu. Agora não dá para dizer que é só coincidência.
Isso lembra aquela história de que a maior vitória do Diabo é fazer as pessoas acreditarem que ele não existe.

Calvo aos 20 🇧🇷🇧🇷 @SouTrabalhistaa · 2 de jul
Em resposta a @535Nicolai e @hoje_no
Mas aquilo não é uma bandeira comunista... É a bandeira da vitória (que virou um símbolo do nacionalismo russo) da mesma forma os militares russos tbm utilizam a bandeira imperial e a ortodoxa pq tbm viraram símbolos nacionais

Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Várias respostas têm em comum um certo tom de denúncia – mais ou menos explícita – acerca de um suposto objetivo do governo russo em reestabelecer a União Soviética. Essa afirmação aparece, em muitos casos, materializada no presidente Vladimir Putin, o qual manteria veladamente afinidades com a ideologia socialista/comunista: “Na boa, não dá para dizer que o Putin não é mais comunista”, diz um dos tweets. Essa mesma resposta ainda propõe uma relação dessa característica escusa atribuída a Putin com a forma de agir do Diabo. A partir dessa construção de sentido se pode perceber a emergência de outro imaginário social atrelado ao anticomunismo: a dimensão moral e religiosa, a qual historicamente sugeriu que o comunismo seria uma manifestação demoníaca e contrária aos valores cristãos. A discussão lançada pelo tweet em questão não se encerra assim, pois outro sujeito responde argumentando a partir de outra leitura sobre a postagem. A resposta

afirma que a bandeira que aparece no vídeo compartilhado pelo Hoje no Mundo Militar não é comunista, mas sim um símbolo do nacionalismo russo pela vitória militar na Segunda Guerra Mundial. A disputa entre as visões do público do perfil se evidencia quando um terceiro sujeito entra na discussão, questionando “Cadê a turminha que diz não existir mais comunismo?!”.

Interessante observar os elementos que integram a forma como cada perfil dos sujeitos respondentes se apresenta. O agente que realizou esse último comentário, por exemplo, traz como imagem uma bandeira do Brasil – um símbolo, em nosso momento político, muito ligado (ou capturado) pelo movimento bolsonarista para expressar que sua ideia de pátria seria a única legítima. Essa ação de demarcar posição a partir de como o perfil se identifica é bastante comum no Twitter, aliás. Em muitas postagens aqui analisadas aparece outra forma de manifestação do alinhamento ideológico dos agentes: a inclusão, após o nome, de bandeirinhas de países. Muitos utilizam a bandeira da Ucrânia; outros da Rússia. Ocorre também a inclusão de um conjunto de bandeiras para as quais os sujeitos declaram apoio: Ucrânia, Taiwan e Coreia do Sul, por exemplo.

Nas postagens exploradas para realização dessa pesquisa, uma forma bastante utilizada para expressar a afirmação de que a Rússia tencionaria reviver a URSS é o compartilhamento de um *GIF*¹⁷ do seriado televisivo Os Simpsons – o qual aparece no conjunto de respostas abordado. Esse GIF traz imagens de um episódio que retrata o suposto retorno da URSS, com o costureiro tom de humor e entretenimento que caracteriza o seriado. A potência comunicativa desse GIF é reforçada pela concepção presente em muitos memes e piadas no ambiente digital de que Os Simpsons previram uma série de acontecimentos importantes da atualidade. A circulação, nesse ponto, deixa rastros de operações e circuitos que perpassam não só imaginários ligados aos temas políticos e militares, mas também da esfera da cultura popular e do entretenimento.

¹⁷ Graphics Interchange Format (GIF). De modo geral, o GIF é um formato de imagem. Pode ser utilizado tanto para imagens estáticas quanto para imagens animadas. O GIF não é um vídeo e não possui áudio. Trata-se de uma junção de imagens de baixa compressão que, quando vistas, dão uma sensação de movimento. Mais informações disponíveis em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/219225-gif-descubra-usar-o-formato.htm>. Acesso em 01 jan. 2023.

Uma resposta mais enfática, mais agressiva do que tensionadora, declara: “Comunista bom é comunista m@rt0 !!!”. Há uma mudança de caracteres proposital na palavra “morto” para fugir a possíveis mecanismos de identificação de conteúdos impróprios da plataforma digital. Essa frase tem clara ligação com outro bordão de setores sociais que defendem abordagens policiais mais radicais – “bandido bom é bandido morto”. Assim, infere-se uma associação do imaginário do comunismo como conjunto de atos criminosos.

Ressalto, ainda, a problematização da relação Putin e Jair Bolsonaro engendrada pelos sujeitos que ali disputam sentidos. A associação da figura de Putin como um líder que gostaria de reconstruir a União Soviética se desloca de uma crítica da ideologia comunista ou da própria Rússia para ser utilizada em ataques direcionados ao ex-presidente Bolsonaro e seus apoiadores. As respostas ironizam a simpatia de Bolsonaro para com Putin, principalmente rememorando a visita do então mandatário brasileiro a Moscou pouco antes do início da Guerra, assim como os elogios remetidos ao presidente russo¹⁸. Uma das repostas diz: “Segundo alguns bolsonaristas Putin é o único que defende a Direita conservadora”. Várias coisas emergem desse tipo de interação. Manifesta-se uma operação que: a) parte de um imaginário atrelado a posições anticomunistas e contrárias à Rússia na guerra; b) desloca a discussão em torno do sentido da Bandeira Soviética da Vitória para o terreno de uma disputa simbólica de atores do campo político; c) introduz o ambiente mais imediato vivido pelos brasileiros na época – a aproximação das eleições presidenciais de 2022. Percebe-se, assim, a elaboração de uma crítica a Bolsonaro que parte não de uma referência de esquerda ou progressista, mas sim de uma interpretação conservadora (anticomunismo). Isso evidencia as nuances e arranjos possíveis das interações e das posições ocupadas pelos sujeitos nas disputas simbólicas midiaticizadas.

Por fim, sobre esse conjunto de respostas, há sujeitos que questionam a atuação do próprio Hoje no Mundo Militar. A interação inicia com um tweet que argumenta contra outros seguidores: “Se vocês acreditam que a Rússia é comunista por causa de uma bandeira Então a Ucrânia é nazista pelas bandeiras e o Azov.

¹⁸ Matéria sobre declaração de Bolsonaro sobre Putin: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/16/bolsonaro-chama-putin-de-amigo-e-diz-ter-valores-em-comum-deus-e-familia.htm>. Acesso em: 02 jan. 2023.

Certo?”, ao que outro sujeito responde “É a hipocrisia da página, se eu for bloqueado não estive aqui kkkkk”. Essa crítica se insere em uma noção que foi crescendo dentre parte do público do Hoje no Mundo Militar no decorrer da cobertura da guerra – a de que o perfil estaria adotando uma posição demasiadamente pró-Ucrânia e pró-OTAN. Assim, ao mesmo tempo em que muitos agentes atribuem legitimidade ao perfil por meio das repostas que reforçam ou desdobram o sentido contido nas postagens, há outros, dissidentes, que questionam a sua autoridade.

Sobre as repostas dessa postagem do Hoje no Mundo Militar, destaco, para finalizar, os tensionamentos trazidos pelos sujeitos especificamente sobre a temática militar, conforme apresentado no conjunto de tweets da Figura 7.

Figura 7 – Respostas tensionando o conflito

The image shows a screenshot of a Twitter thread. The main tweet is from Agnus Beker Lins (@AgnusBeker) dated July 2nd. It contains a video showing soldiers in a city street and text stating that the Oblast of Luhansk has been captured. Below this are three replies: SrPapao (@SrPapao) questions the 'organized withdrawal' claim; Rafael (@Rafael207375684) also questions the 'organized withdrawal'; and Damnation (@pacemdomini) uses laughing emojis. The bottom tweet is from Felipe Rodrigues (@felipeCODE64) asking for more reports from residents.

Agnus Beker Lins @AgnusBeker · 2 de jul
Em resposta a @hoje_no
Pelo visto, parece que todo o território do Oblast de Luhansk foi capturada. Com isso, todo o território dos separatistas da República Popular de Luhansk está completo

SrPapao @SrPapao · 2 de jul
Em resposta a @hoje_no
Eu vejo agora os comunas pro-russia e pro-crimes de guerra cantar vitoria. Calma amigos, apenas houve uma retirada organizada de 2 cidades que não podiam ser defendidas por parte da Ucrânia. A guerra não acabou e ninguém venceu.

Rafael @Rafael207375684 · 2 de jul
Em resposta a @SrPapao e @hoje_no
"retirada organizada"

Damnation 🇧🇷 🇵🇹 @pacemdomini · 2 de jul
Em resposta a @AgnusBeker e @hoje_no
"República Popular de Luhansk" 🤔🤔🤔

Felipe Rodrigues @felipeCODE64 · 2 de jul
Em resposta a @hoje_no
Tem vídeo com relatos de moradores ? Gostaria de saber o que a população acha disso tudo.

Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Os agentes trazem seus conhecimentos e informações sobre a guerra e o campo militar em geral, conferindo dinamicidade à circulação observada. Essa dinamicidade é, por vezes, composta por debates entre os próprios interagentes. Não obstante, também são observados questionamentos e problematizações acerca da forma pela qual o Hoje no Mundo Militar aborda a Guerra Russo-Ucraniana. Quer dizer, existe um perene jogo de legitimação e atribuição de valor.

Abordam-se temas que vão desde as sanções até o desfecho de batalhas. Em um dos tweets, é utilizado o termo “comunias” ligado a “pro russia” e ‘pro crimes de guerra’. A seguir, o autor da resposta pede “calma”, argumentando que “ninguém venceu”, havendo apenas uma “retirada organizada” por parte das forças ucranianas. Uma resposta dirigida especificamente ao tweet citado ironiza justamente a expressão “retirada organizada”. A propósito, constata-se que ironia, deboche e sarcasmo são abordagens muito utilizadas por parte dos sujeitos que querem contestar alguma informação ou opinião emitida previamente por outrem. Outro exemplo, nesse sentido, é de um sujeito que fala com desdém da denominação de uma das repúblicas separatistas pró-Rússia na Ucrânia, comentando “República Popular de Luhansk” com uma série de emojis de risada na sequência.

São registradas, ainda, respostas à postagem que podem ser consideradas mais ponderativas ou que buscam, aparentemente, mais propriamente se informar sobre a temática da guerra, sem operacionalizar diretamente os conteúdos midiáticos para disputas com outros agentes. Um exemplo é do tweet que pergunta: “Tem vídeo com relatos de moradores? Gostaria de saber o que a população acha disso tudo”. Obviamente, apesar de não confrontar explicitamente outros sujeitos ou o perfil, essa pergunta deixa entrever uma desconfiança na capacidade do Hoje no Mundo Militar de dar conta de transmitir adequadamente o que está acontecendo na guerra. Da mesma forma, tenta demarcar uma distinção em relação aos outros agentes que interagem, dando a entender que os sentidos ali disputados não tocam no que *realmente* estaria sendo vivenciado por quem está no local do conflito.

6.1.2 Postagem do Pensar a História

A publicação do perfil *Pensar a História* apresenta uma construção bastante diversa daquela do *Hoje no Mundo Militar*, do ponto de vista do sentido e da atribuição de valor. De imediato, é possível perceber a ausência de termos negativos ou pejorativos em relação às tropas russas na legenda da postagem (Figura 8). Na verdade, são utilizadas expressões brandas, comuns em veículos jornalísticos tradicionais, em relação às manobras militares russas: “reforçando a presença” ou “áreas sob controle”. Não se fala em invasão, violência ou destruição.

Figura 8 – Post sobre blindado russo levando bandeira soviética



Fonte: Twitter/Pensar a História

O post¹⁹, de 9 de março de 2022, é composto pelo compartilhamento de um vídeo divulgado pelo Ministério da Defesa da Rússia – informação expressa na legenda *pelo Pensar a História*. Trata-se de uma gravação de mostra o deslocamento de uma coluna de veículos blindados russos em uma estrada no interior da Ucrânia,

¹⁹ Disponível em: https://twitter.com/historia_pensar/status/1501581309306617860. Acesso em 14 mar. 2023.

outra informação inclusa no texto. O que desperta a atenção no vídeo é uma bandeira da União Soviética carregada por um dos blindados. A bandeira vermelha se destaca no plano de fundo acinzentado transforma um registro corriqueiro de manobras militares em um conteúdo com potência para desencadear debates e disputas, atingindo circuitos que atravessam os campos militar, político, acadêmico, entre outros.

Demarcando ainda mais a sua abordagem sobre a guerra, o *Pensar a História* afirma, no final do texto do tweet, que a bandeira “é uma provocação aos anticomunistas ucranianos”. Portanto, aqui a bandeira não é retratada como indício de um desejo da Rússia de restabelecer a URSS ou como forma de relacionar a destruição da guerra com um certo inimigo histórico russo/soviético sempre à espreita. O tweet, de certa forma, apresenta de forma natural essa alegada provocação. O anticomunismo não é evocado de forma indireta por meio de associações de palavras; ele é, poder-se-ia dizer, denunciado neste texto. A intencionalidade da postagem é, portanto, já uma reação às operações, em circulação, que representam a guerra sob o prisma de imaginários anticomunistas.

Ao analisar os comentários, essa conexão fica mais clara, pois há um comentário que cita justamente o perfil *Hoje no Mundo Militar* como incomodado pela aparição das bandeiras soviéticas na Guerra Russo-Ucraniana (Figura 9). O sujeito questiona “Não disse que iam chiar”, publicando um print de um tweet do *Hoje no Mundo Militar*. Temos aqui um claro movimento de circulação em que se estabelece uma espécie de confrontação ou tensionamento entre dois perfis (*Pensar a História* e *Hoje no Mundo Militar*). Não há uma interação direta entre os perfis; é o trabalho da circulação, de seus partícipes, que possibilita esse desdobramento.

Figura 9 – Comentário tensionando postagem de outro perfil



Fonte: Twitter/Pensar a História

Um aspecto interessante sobre esse tweet que traz para a disputa o print do *Hoje no Mundo Militar* é que se utiliza do verbo “iam”, assim no plural: “iam chiar”. Quer dizer, o agente traz esse print como exemplo, mas deixa implícito que ele faz parte de um

conjunto de perfis que compartilham de uma reação negativa à aparição da bandeira soviética no front de batalha. Além disso, outro agente responde a esse primeiro tweet (que traz o print), dizendo “Odeio essa conta e o canal do youtube dessa conta”, referindo-se ao *Hoje no Mundo Militar*. Temos aí um indício de que ao menos em parte, os públicos e circuitos que transitam no *Pensar a História* têm conhecimento da existência do outro perfil citado, mas rechaçam sua abordagem do conflito.

Figura 10 – Respostas ao Tweet do Pensar a História



Fonte: Twitter/Pensar a História

Esse recorte de comentários (Figura 10) traz mais indícios dos movimentos de circulação. “Vai alimentar o discurso de que o Putin quer ‘recriar’ a URSS”, diz um dos sujeitos, demonstrando o reconhecimento das operações engendradas pelos circuitos que condenam a invasão russa. Ademais, a maior parte dos comentários manifesta atitudes positivas em relação à bandeira que o blindado carrega no vídeo. “Não é uma provocação apenas, É UMA ESPERANÇA!” e “Coisa linda de se ver” são exemplos

dessa reação comemorativa. Ademais, há também uma resposta/comentário alinhado com a narrativa russa de justificação da guerra pela desnazificação do estado ucraniano: “Homenagem à primeira desnazificação da Europa”, claramente relacionando a guerra atual com a vitória soviética na Segunda Guerra Mundial em 1945.

Portanto fica evidente que temos, nessa postagem, um conjunto de comentários relativamente alinhados com o texto do tweet do *Pensar a História*. Não há muitos tensionamentos dirigidas ao perfil, mas um importante acionamento da circulação a partir da menção à outra página, o Hoje no Mundo Militar, cujas postagens também analisamos nesta pesquisa. O fato de a maior parte dos comentários reforçar uma visão positiva da bandeira soviética e até mesmo pró-Rússia não deve ser menosprezada, podendo indicar que o *Pensar a História* é uma das páginas que aglutinam circuitos partidários de visões minoritárias sobre a guerra no Ocidente. É interessante, por fim, ressaltar o reconhecimento, por parte dos sujeitos que comentam, das estratégias de outras mídias e agentes que cobrem a guerra por um prisma diferente.

6.1.3 Postagem do Antagonista

De imediato, o que se deve levar em conta na próxima postagem que iremos analisar, de *O Antagonista*, é que ela provém de um perfil ligado a um portal jornalístico (UOL), controlado por um conglomerado de mídia tradicional (Grupo Folha). Isso é um uma primeira diferença em relação aos perfis que apareceram até aqui na análise, os quais não se caracterizam como mídias jornalísticas profissionais e são nativas do ambiente das plataformas digitais.

Partindo para a postagem a ser trabalhada (Figura 11)²⁰, uma outra diferença é o fato de o perfil compartilhar um link para matéria no site do próprio *O Antagonista*, não se trata de um vídeo compartilhado diretamente no Twitter; assim o perfil de certa forma tenta chancelar o conteúdo que está apresentando. Na verdade, trata-se também de um vídeo mostrando um blindado russo levando uma bandeira soviética,

²⁰ Disponível em: https://twitter.com/o_antagonista/status/1497162646482792500. Acesso em 14 mar. 2023.

dessa vez sem uma fonte especificada, apenas creditado como “que circula nas redes sociais”. Ao abrir o link da matéria não há muito o que ser visto para além do próprio vídeo e de umas poucas linhas de texto, que, para além das informações contidas já no título, apenas afirmam que as tropas russas devem chegar a qualquer momento a Kiev – essa matéria é do dia 25 de fevereiro de 2022, segundo dia de guerra, momento em que uma rápida vitória russa era bastante cogitada por diversos órgãos de mídia. A diferença em relação às postagens analisadas anteriormente, então, é de direcionar para o site ao invés de compartilhar o conteúdo diretamente na plataforma.

Figura 11 – Postagem de O Antagonista sobre bandeira



Fonte: Twitter/O Antagonista

O tweet de *O Antagonista* traz um texto curto, que apenas repete exatamente o título da matéria compartilhada. Dessa forma, predomina o tom informativo, que descreve a aparição da bandeira no vídeo, complementando com a afirmação de que o blindado estaria rumando para Kiev. Assim, o que dá mais dinamismo à postagem são as respostas (Figura 12) ao Tweet principal.

Figura 12 – Respostas ao tweet de O Antagonista sobre bandeira



Fonte: Twitter/O Antagonista

O primeiro conjunto de comentários que destaco é dos que questionam a veracidade do vídeo utilizado pelo *O Antagonista*. Muitos dizem ser “fake”, outro provoca: “Apaga que dá tempo”, brincando com a funcionalidade presente nas plataformas digitais de publicar e deletar posteriormente. Mesmo que *O Antagonista* tenha tentado cancelar o vídeo ao compartilhá-lo em seu site, os sujeitos que comentam não se furtam a questionar a credibilidade do que foi publicado – algo que

não se observou nas postagens dos perfis analisados nos itens anteriores desta seção.

Ademais, aparece outro grupo de comentários que repudia a aparição da bandeira, o que ela representa e a suposta intenção da Rússia de recriar a União Soviética. Inclusive, um sujeito responde da seguinte forma a um outro comentário que alega que o conteúdo é fake: “Mesmo vídeo sendo fake isso não quer dizer q putin não queira a reunificação soviéticas alguém acha q ele vai se dar por satisfeito em tomar a Ucrânia”. Quer dizer, para muitos agentes que participam dos comentários, a mera menção à bandeira soviética, sendo real ou não, já basta para evocar os imaginários negativos em relação ao passado soviético e suas supostas implicações no presente. Outro, nessa linha, descreve Putin como Rato da KGB, em referência à atuação do atual mandatário russo no passado. “Revanchismo soviético”, acusa o comentário, enquanto outro sujeito afirma que a Ucrânia já sofreu com a fome na era soviética, causando muitas mortes – em um movimento de relacionar o passado com o presente. Interessante assinalar que aparece, nos comentários, da mesma forma que na postagem do Hoje no Mundo Militar, o meme dos Simpsons sobre o retorno da União Soviética. Até mesmo uma letra de música de Cazuza aparece, em mais uma operação que faz uso de elementos da cultura popular, com o trecho “Eu vejo o futuro repetir o passado”. Apenas um dos comentários traz uma reação positiva à bandeira, “coisa MAIS LINDA”, diz.

Ainda sobre a alegação de que o conteúdo poderia ser fake, há um comentário bastante interessante, que compartilha um outro tweet, em inglês, que atestaria que o vídeo é verdadeiro, mostrando o blindado com bandeira passando, em uma tela compartilhada com outras imagens, semelhante a um monitor de câmeras de segurança. Em tradução livre, a frase postada junto ao vídeo diz “Sim cara isso é totalmente *photoshop*, mesmo que eu tendo visto isso ao vivo”. Essa interação revela um profundo movimento de circulação perpassando diversas camadas de sentido na disputa pela atribuição de valor à postagem de *O Antagonista*. Primeiro surgem as suspeitas sobre a veracidade do vídeo; então, para rebater as suspeitas, é trazido, via compartilhamento, outro conteúdo que circula na plataforma Twitter, em outro idioma, que se apresenta como um relato testemunhal, que se afirma por meio de um outro vídeo – que seria a prova do que aparece no vídeo que gerou toda a disputa. Interessante que essa disputa pelo real contido na postagem se dá entre os agentes

no espaço das respostas ao tweet principal, sendo que *O Antagonista* não entra na discussão.

Do ponto de vista da discussão política focada no Brasil, aparecem, como em outras postagens, a associação de Putin a Bolsonaro, com a intenção de capitalizá-la nas disputas político-eleitorais. Um exemplo é o comentário “Fora Bolsonaro amigo de Putin”.

Por fim, há uma interação interessante, de um agente que destina críticas a três partes envolvidas na guerra: classifica Putin como facínora extremista, governo ucraniano como de “neoliberalismo antipolítica totalmente burro” e a OTAN como promotora da instabilidade e imperialismo dos EUA. Em resposta a esse tweet, outro sujeito o critica, mirando também, indiretamente, o sistema educacional brasileiro, ao afirmar “Neoliberalismo” “imperialismo”, já pode tirar 1000 na redação do enem, mas 0 na vida real”. Esse comentário corrobora um imaginário que circula nos circuitos conservadores brasileiros segundo o qual as universidades conspiram a favor de ideologias comunistas/socialistas.

6.1.4 Sistematização do Conjunto 1

Com vistas a organizar o pensamento e sistematizar os rastros encontrados na análise da circulação desta publicação e respectivas respostas, elaborou-se uma tabela que tenta expressar alguns atravessamentos observados entre gramáticas de produção e reconhecimento e a tríade Imaginário, Real e Simbólico, que depois serão importantes para construção de um diagrama e inferências:

Tabela 1 – Rastros da circulação a partir da tríade IRS (1º conjunto)

Circulação/ semiose	AGENTES PRODUTORES	ZONA DE NEGOCIAÇÃO/DISPUTA DE SENTIDOS	AGENTES DEBATEDORES
			
DIMENSÃO DO	Imagens de soldados	Convergência entre imaginário midiático e	Imagens mentais e sensações/sentimento

<p>IMAGINÁRIO</p>	<p>russos erguendo a bandeira vermelha nos escombros; grito de <i>Hurra!</i>; imagens da bandeira soviética em blindados russos; associação textual entre bandeira soviética e ruínas;</p>	<p>social (reprodução da associação bandeira e destruição); tom conspiratório de suposta ameaça comunista sempre à espreita; inscrição, na circulação, de elementos da cultura popular (por meio de memes, principalmente; emergência de imaginários concorrentes ou complementares; reforço da relação do atual conflito com a luta contra o Nazismo na Segunda Guerra (desnazificação).</p>	<p>s associados à ideia de comunismo e à URSS (repulsa, temor, raiva etc.); referências imagéticas de guerras pregressas; arranjos de imagens e textos atribuídos à bandeira vermelha no Brasil (Cor do PT, bordão “nossa bandeira jamais será vermelha, entre outros); imaginários referenciados em posições positivas ao passado soviético.</p>
<p>DIMENSÃO DO REAL</p>	<p>Relato de indícios da destruição da prefeitura de Lysychansk (efeitos do conflito); Relato de bandeira em blindados em deslocamento na Ucrânia.</p>	<p>Escrutínio e tensionamento dos interesses e estratégias engendradas pelos perfis na cobertura da Guerra; desvelamento, nas interações, dos objetivos práticos para os quais serve a convocação do ideário anticomunista (capitalização para desmoralizar certas figuras políticas, partidos, povos, sujeitos etc; disputas sobre o real</p>	<p>Ambiente imediato dos embates relacionados à eleição presidencial de 2022; interesses que motivam os agentes nas interações e nas apropriações dos conteúdos midiáticos para querelas do cotidiano; posições objetivas ocupadas pelos agentes na estrutura social (elementos inferidos</p>

		dos conteúdos nas postagens.	apenas por índices); compartilhamento de conteúdos com vistas a dar peso a uma determinada concepção de real.
DIMENSÃO DO SIMBÓLICO	intencionalidade e de mediação das informações sobre a guerra, legitimada a partir do capital simbólico conferido pelos agentes que interagem nas postagens; uso de termos para eufemizar ações dos envolvidos na guerra.	Discussões acerca da significação da posição política do presidente Putin e tensionamentos a partir de sua relação amistosa com Jair Bolsonaro; questionamentos sobre a capacidade de mediação dos perfis; disputas de sentido e pela atribuição de valor entre os agentes, compondo circuitos que perpassam, principalmente, os campos político e militar.	Manifestação de posicionamento político ou preferência na Guerra por meio da identidade visual e textual dos perfis; opinião dos sujeitos em relação aos agentes políticos (Bolsonaro, Putin); discursos e construções simbólicas internalizados sobre a Rússia e a antiga união Soviética; conhecimentos e informações em relação à guerra originadas em fontes diversas.

Fonte: Elaboração do autor

Importante ponderar que esta tabela – assim como outras que aparecerão mais à frente – não pretende ser uma categorização ou ordenação estanque da análise empírica. A intenção é estabelecer, tentativamente, uma problematização dos rastros e indícios identificados na circulação proveniente dos observáveis atravessados pela

tríade proposta para análise da semiose midiaticizada. Com isso, pretende-se enriquecer – e não restringir – as inferências empíricas.

6.2 Conjunto 2: a figura de Vladimir Putin

6.2.1 Postagem do Hoje no Mundo Militar

O primeiro post a ser analisado neste segundo conjunto tem uma particularidade que o torna bastante representativo dos movimentos de circulação que estamos observando: trata-se de uma reação do *Hoje no Mundo Militar* a uma declaração²¹ de Vladimir Putin feita no dia anterior. Na declaração, no contexto de uma visita a uma exposição dedicada ao czar Pedro, O Grande, o presidente russo traçou um paralelo com as ações do homenageado, que teria lutado por territórios de direito da Rússia, com a situação atual do país, em disputa com a Ucrânia. Frente a isso, o Hoje no Mundo Militar traz um tweet (Figura 13) cuja legenda cita esse fato somado a outro, dando conta de que Putin tencionaria revogar o reconhecimento da independência da Lituânia. O contexto disso é a apresentação de projeto de lei, por parte de parlamentar do partido de Putin, para revogar o decreto de reconhecimento da independência da Lituânia²². A legenda do perfil lembra, por fim, que o país báltico foi a primeira República Soviética a declarar sua independência em 1990.

²¹ Matéria sobre o ocorrido: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/putin-se-compara-a-pedro-o-grande-czar-que-conquistou-territorios-no-seculo-18/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

²² Matéria sobre o assunto: <https://jornaleconomico.pt/noticias/depois-da-ucrania-a-lituania-esta-agora-na-mira-da-russia-903778>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Figura 13 – Post do Hoje no Mundo Militar sobre Putin



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

A postagem, de 10 de junho de 2022, traz como ilustração uma fotografia de um protesto na Lituânia pedindo que o Exército Vermelho fosse para casa (Red Army go home!). Apesar de não trazer diretamente comentários sobre a atual guerra na Ucrânia, o que mais interessa nesse tweet – publicado com três meses e meio de guerra – é a operação do Hoje no Mundo Militar de utilizar a figura de Vladimir Putin para ligar o presente com o passado, apresentando o mandatário russo como uma espécie de representante, no século XXI, da antiga URSS. Corroborando de alguma forma a ideia que circula midiaticamente de que Putin planejava recriar a União Soviética – ou pelo menos sua extensão territorial.

Pode-se dizer que o post destaca o aspecto autocrático da gestão de Putin, enquanto também o relaciona com o que os líderes soviéticos faziam. A imagem escolhida para ilustrar o tweet traz uma particularidade que se relaciona com o embate atual entre Rússia versus Ucrânia/OTAN: a frase que aparece em destaque no protesto traz os dizeres na língua inglesa, em um aceno de que os países vizinhos da Rússia teriam preferência por uma relação com o Ocidente, ao invés de estarem na esfera de influência russa. A interpretação proposta pelo *Hoje no Mundo Militar* é de que, assim como em relação ao povo lituano em 1990, a guerra atual na Ucrânia é sobre um povo que apenas quer seu direito de independência e livre associação com o Ocidente. É algo bastante de acordo com o discurso do governo ucraniano.

Ao se adentrar nos comentários, o combate à Rússia – orquestrado já na gramática de produção do post do *Hoje no Mundo Militar* - aparece fortemente por meio do compartilhamento de vídeos gravados no front de batalha, os quais normalmente exaltam os feitos do exército ucraniano, como a destruição de blindados russos, por exemplo - um tipo de conteúdo bastante difundido nas plataformas digitais desde o início da guerra.

Para além desse tipo de comentário baseado em compartilhamento, há outros que aproveitam os elementos contidos no tweet original para atribuir sentidos negativos em relação a Putin. A Figura 14 traz um primeiro comentário que questiona se Putin não seria o “novo Hitler”. Essa associação corrobora a ideia de Putin como autocrata implacável – comparado, nesse comentário, a um dos líderes mais odiados da História. Interessante assinalar que, nesse caso, se traz a comparação com o líder nazista e não com o passado soviético – o que também não é algo incomum, pois no imaginário conservador brasileiro, principalmente, o comunismo soviético e o nazismo são representados, muitas vezes, como sendo ideologias sanguinárias e odiosas na mesma proporção.

Figura 14 – Comentários relacionando Putin a Hitler, genocida e vacinas



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Ademais, o segundo comentário reproduzido na imagem afirma que “Ainda tem dementes que apoiam esse genocida do putin... Ele está se transformando no verdadeiro anticristo”. Essa construção de sentido traz ao menos – mas não só - duas dimensões interessantes para nossa pesquisa: confirma mais uma vez a noção de Putin como autocrata ou ditador, descrevendo-o como genocida; afirma que o presidente russo está se transformando no anticristo, acionando o imaginário religioso. A palavra genocida, curiosamente, esteve bastante em voga no Brasil, sendo utilizada por parte dos críticos da atuação do ex-presidente Bolsonaro durante a pandemia. Já o imaginário religioso contido na figura do anticristo tem relações com os imaginários anticomunistas no Brasil, atrelados em boa medida ao ideário conservador cristão, como discutimos no capítulo de contexto.

Mais ainda, o que traz definitivamente a discussão para a conjuntura brasileira é o terceiro comentário da imagem que reproduzimos, o qual é uma resposta direta ao segundo comentário. “Ué tem demente que acha normal tomar 5 doses de uma vacina em seis meses...”, diz o agente que comenta. Ele traz uma referência clara,

ainda que hiperbolizada, à campanha de vacinação contra Covid-19. Importante lembrar que o imaginário anti-vacina que se constituiu no Brasil em setores mais extremos do movimento bolsonarista, principalmente, tinha como um de seus componentes o anticomunismo. Circularam e circulam ainda imaginários no qual a pandemia é representada como parte de uma conspiração comunista – ou globalista, termo recorrente nesse ideário. A origem da pandemia, a condução dos distanciamentos e a vacinação foram vistos, por essas visões mais extremadas, como formas de controle, supostamente como em regimes ideologicamente de esquerda. Portanto, é digno de nota que o tweet do *Hoje no Mundo Militar*, ao relacionar a memória do passado soviético à atualidade, por meio da figura de Putin, provoque acionamentos e operações que vão tão longe a ponto de tocar na questão da vacinação no Brasil. Essa é uma operação que se constrói na circulação a partir de associações imaginárias e simbólicas, atingindo a dimensão do real – neste caso a vacinação.

Figura 15 – Comentário relacionando PT e Rússia



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Há também outras manifestações que apontam para o tensionamento da realidade brasileira a partir do post do *Hoje no Mundo Militar*. Um exemplo é o comentário da Figura 15, no qual aparece a afirmação de que o Partido dos Trabalhadores (PT) apoia a Rússia, trazendo uma citação (“A culpa é do Zelenski!”), sem citar quem teria feito tal afirmação. Pelo contexto, pode-se inferir que a frase seja uma referência – imprecisa – a uma declaração de Lula²³, na qual o petista afirmou que tanto Putin quanto Zelensky tinham responsabilidade pela guerra.

Temos, mais uma vez, uma operação que se utiliza do contexto da guerra para capitalização na luta eleitoral que estava em curso naquele momento, alguns meses

²³ Matéria sobre o assunto em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/05/lula-diz-que-zelenski-e-tao-responsavel-quanto-putin-pela-guerra-da-ucrania.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2023.

antes do pleito presidencial de 2022. Se em outros momentos desta análise observamos os agentes se utilizando dos comentários amistosos de Bolsonaro para Putin para atacar o ex-presidente, aqui temos uma associação com a Rússia utilizada contra Lula, a partir da fala do atual presidente brasileiro em relação à responsabilidade de Putin e Zelensky. Interessante destacar que essas duas operações (contra Bolsonaro e contra Lula) se apoiam ambas no sentimento anti-Rússia, demonstrando a multiplicidade de sentidos que podem ser engendrados na circulação, a partir dos contatos entre imaginários midiáticos e sociais.

Perfis como o *Hoje no Mundo Militar* tentam agenciar a circulação propondo determinado tipo de leitura aos conteúdos que já estão na mídia. Porém, esse agenciamento não consiste em uma construção rígida de interpretação; são lançadas associações de sentidos um tanto vagas, fazendo emergir certos imaginários (na publicação analisada temos a rememoração e a imagem da independência da Lituânia frente aos soviéticos). A partir daí, são os sujeitos nos comentários e nas interações que vão atribuir variados sentidos e disputar o valor desses sentidos, momento no qual muitas vezes a circulação se aproxima mais da dimensão do real (a vacinação, a pandemia, a disputa eleitoral).

6.2.2 Postagem do Jornal Brasil Sem Medo

O tweet que será analisado a seguir, do Jornal Brasil Sem Medo, traz o compartilhamento de um texto no site do Jornal, mas para fins dessa análise, utilizaremos apenas os elementos que compõem o post no Twitter – da mesma forma que nas outras postagens até aqui. O propósito disso é olhar especificamente para a zona de contato entre produção e reconhecimento, entre diferentes agentes presentes na circulação.

O post em questão (Figura 16), de 2 de março de 2022, traz uma legenda para o link compartilhado que enfatiza características de Vladimir Putin que, segundo o perfil, atestam que ele não é conservador. O perfil até uso o termo “entenda”, comum em linhas de apoio de portais de notícias, quando trazem alguma matéria instrutiva ou analítica. Não obstante, destacam-se as palavras usadas para descrever Putin. A legenda já começa citando o passado de Putin como espião da KGB, serviço secreto

soviético. Depois, o classifica como “líder máximo do eurasianismo”. A escolha desse termo pode significar muita coisa: pode se referir à integração da Rússia com a Ásia, em especial à China ou até mesmo a um suposto projeto dessa aliança em subjugar a Europa. Para os amantes de literatura, pode até remeter ao livro 1984 de George Orwell, sendo que uma das nações do mundo fictício da obra se chama Eurásia – e o próprio livro remete à ideia de governos autoritários, de repressão estatal onipresente. Seja como for, ao falar de Putin como líder de um suposto “eurasianismo” – termo muito vago e que aceita muitas interpretações – logo após de lembrar de seu passado em órgão do governo soviético, o Jornal Brasil Sem Medo lança um tom de conspiração, de uma ameaça à espreita.

Figura 16 – Post do Brasil Sem Medo sobre Putin



Fonte: Twitter/Brasil Sem Medo

A legenda continua descrevendo a trajetória de Putin como “sombria”. A caracterização feita pelo perfil se revela ainda mais no título do link compartilhado: “Putin, o czar vermelho do século XXI”. Se o Basil Sem Medo afirma enfaticamente que Putin não é conservador e que é um “vermelho”, claramente o associa com o comunismo – a suposta ameaça à espreita de que falamos, a conspiração. Ressalta-se, porém, que o título de “czar vermelho” é bastante dúbio e peculiar, já que na Revolução Russa de 1917 os bolcheviques derrubaram o czarismo por meio da força. O termo “czar” junto à “vermelho” pode ser uma forma de tentar imprimir um tom ainda mais despótico ao presidente russo.

Figura 17 – Comentário sobre globalistas



Fonte: Twitter/Jornal Brasil Sem Medo

Olhando para as respostas ao tweet principal, pode-se perceber que diferentes circuitos da esfera ideológica conservadora são acionados a partir da associação de

sentidos contida na legenda e no título da matéria compartilhada. Na Figura 17, reproduzo um comentário que propõem uma “reflexão” a partir de um print de post de outro agente. Nesse print, a argumentação do agente se articula no alerta de que, apesar de Putin e os “globalistas ocidentais” se oporem não os torna defensores da liberdade. O termo “globalista”, como dito anteriormente, está muito presente nos circuitos conservadores mais radicais, sendo vago e por isso podendo significar muitas coisas. Genericamente, para a direita ideológica, o globalismo estaria associado à esquerda e seria contrário a valores tradicionais como a noção de pátria. Portanto, ao trazer esse print “para reflexão”, o agente que responde ao Brasil Sem Medo reforça a ideia de que Putin não representaria o verdadeiro conservadorismo. E de certa forma dialoga com o imaginário de conspiração do tweet original, já que o print compartilhado discute o globalismo – um termo por si só baseado em ideias de conspirações, ancorado também no anticomunismo.

Figura 18 – Comentário sobre “direita perfeita”



Fonte: Twitter/Jornal Brasil Sem Medo

O comentário reproduzido na Figura 18 traz outro tipo de tensionamento, nesse caso uma provocação ao que o sujeito chama de “direita perfeita”, se utilizando da sonoridade da palavra em inglês “cool” para mascarar o palavrão com som semelhante em português. Não fica claro qual seria a tal direita perfeita, mas se pode inferir que seriam os setores da direita ideológica que se identificam com Putin. Assim, percebe-se que as disputas em circulação existem também entre diferentes setores da direita e do conservadorismo, com perfis de nicho como o Jornal Brasil Sem Medo se apresentando como espaço para essas manifestações. A associação de Putin com o passado soviético serve, então, não apenas para atacar a esquerda, mas é capitalizado para legitimar determinada visão de conservadorismo, de qual seria o verdadeiro sentido do conservadorismo, quase que uma forma de educar o público que já tem uma aproximação maior com o ideário de direita.

6.2.3 Postagem da BBC News Brasil

A terceira postagem analisada neste conjunto traz uma particularidade em relação ao seu autor: trata-se da BBC News Brasil, uma subsidiária da corporação pública BBC do Reino Unido. Além de ser um portal voltado ao jornalismo profissional, é subordinado a uma rede estrangeira, o que certamente tem impacto no recorte escolhido para a abordagem dos temas.

Figura 19 – Post de BBC Brasil sobre Putin



Fonte: Twitter/BBC News Brasil

O post da BBC Brasil (Figura 19), de 24 de fevereiro de 2022, traz o link para uma matéria da própria BBC sobre Putin. Na legenda do compartilhamento, o perfil elenca diversos elementos capazes de acionar imaginários e promover uma determinada representação do presidente russo: é assinalada sua permanência no poder por mais de 20 anos; “mobilizado por revisionismos históricos que remontam ao fim da União Soviética, à queda do Império Russo”, “ressentimentos com o Ocidente” e “preocupações com seu legado pessoal”. Ainda que em uma linguagem um pouco mais contida, a BBC Brasil representa Putin de uma forma não tão diferente do que os outros dois perfis observados até aqui. Sua ligação com a União Soviética está presente por meio dos “revisionismos históricos”, assim como características de um líder autocrático (“há mais de 20 anos no poder”). Essa imagem é reforçada pela ideia de “ressentimentos com o Ocidente”, dando a impressão de que a querela seria algo individual e emocional, não uma questão de Estado. Da mesma forma, o fato de se preocupar com “legado pessoal”, nesse contexto, é somado à representação de um líder autoritário e vaidoso, que coloca suas emoções e vontades individuais acima do Estado Russo.

Figura 20 – Comentários rechaçando BBC Brasil



Fonte: Twitter/BBC News Brasil

Ao se adentrar nas respostas ao tweet da BBC, temos um cenário bastante diferente do que foi observado nas duas postagens analisadas anteriormente. Aqui temos uma maioria de comentários que rechaçam a representação proposta pela BBC, questionando a legitimidade da emissora e seu papel como órgão a serviço dos interesses ocidentais, conforme se pode observar nos comentários reproduzidos na Figura 20.

O primeiro comentário reproduzido já acusa a BBC de ser “linha auxiliar do imperialismo yankee” e de que vai “difundir a perspectiva imperialista de um conflito iniciado pelos EUA”. Então, subsiste aqui uma operação para deslegitimar não apenas o post da BBC, mas a própria emissora, uma desqualificação de sua abordagem em função do seu alinhamento político-editorial. O comentário finaliza trazendo uma comparação histórica para rebater a representação de Putin feita pela BBC: faz menção à Crise dos Mísseis de 1962, dizendo que “se não pode mísseis em Cuba, não pode na Ucrânia”. Dessa forma, se a BBC traz no seu post argumentos históricos

para sustentar sua análise de Putin, os agentes nos comentários também se utilizam desse artifício.

O segundo comentário reproduzido traz uma provocação, pedindo que a BBC fale do “golpe neofascista na Ucrânia e seu atual presidente palhaço fantoche dos States...”, se referindo ao passado de Zelensky como comediante. Sobre o golpe, a referência é da remoção, em 2014, do presidente ucraniano eleito, Viktor Yanukovych, por manifestações – as quais, segundo o governo russo, teriam sido instigadas e patrocinadas pelos Estados Unidos e aliados ocidentais. Portanto, mas um comentário que traz um argumento histórico, alinhado com a versão russa de justificação do atual conflito.

Por fim, no terceiro comentário da imagem, o sujeito afirma que não vai aceitar o “discurso pronto do ocidente em colocar apenas o putin com monstro da história”, além de dizer que o ocidente também tem culpa. O interessante aqui é que o agente coloca a BBC como parte do discurso pronto do ocidente, identificando-a diretamente como um órgão que expressa os interesses dos governos ocidentais. Pode-se refletir o quanto o fato de ser uma instituição midiática estrangeira impacta nessa visão negativa, além do fato de ser uma instituição de cunho jornalístico, o que por si só já identificamos no Conjunto 1 que causa algum grau de rechaço por parte dos agentes que comentam os posts. Diferente dos outros perfis, que parecem ter um nicho mais bem definido, o público da BBC não aparenta ter laços de afinidade com a abordagem do perfil no Twitter, utilizando-se do espaço dos comentários para atacar ao invés de reforçar as ideias expostas no tweet principal.

Figura 21 – Comentário que reforça representação de Putin



Fonte: Twitter/BBC News Brasil

Mas, para finalizar, é importante assinalar que existem alguns poucos comentários que reforçam, sim, a representação de Putin como déspota e ressentido

com o fim da União Soviética – a diferença é que são comentários mais curtos e com menos argumentação do que aqueles apresentados anteriormente. Na Figura 21, temos um comentário que questiona se Putin gostaria de ser “Stalin ou o Novo Imperador Russo?”. O próprio agente responde à pergunta, dizendo que “Para o ego desse cretino as duas opções seriam perfeitas!”. Nesse caso, a ênfase está na representação de Putin como líder autoritário e com interesses meramente pessoais – não é tão relevante sua ligação com a União Soviética, ele apenas gostaria de formas de aumentar seu poder pessoal. Vale destacar que, apesar de esse comentário reforçar a representação que a BBC faz de Putin, o agente que comenta não demonstra outras afinidades com o perfil da BBC. A única marca de suas preferências fica evidente com a bandeira ucraniana ao lado de seu nome de usuário.

6.2.4 Sistematização do Conjunto 2

Da mesma forma que fizemos no Conjunto 1, procederemos à elaboração de uma tabela para apontar alguns rastros importantes que foram observados na circulação do sentido nesse segundo conjunto, com o atravessamento do eixo de problematização teórica dessa pesquisa – Imaginário, Real e Simbólico:

Tabela 2 – Rastros da circulação a partir da tríade IRS (2º conjunto)

Circulação/ semiose	AGENTES PRODUTORES 	ZONA DE NEGOCIAÇÃO/DISPUTA DE SENTIDOS 	AGENTES DEBATEDORES 
DIMENSÃO DO IMAGINÁRIO	Associações de Putin com o passado soviético; representação de características	Estabelecimento de vínculos de Putin a figuras maléficas; emergência de sentimentos de repulsa e ódio; receios do comunismo soviético	Associações com narrativas de movimentos anti-vacina; figuras do imaginário religioso e anticomunista;

	despóticas; tom de conspiração e ameaça.	reencarnados em personagens da atualidade.	elementos do ideário conservador brasileiro (contra o globalismo, por exemplo).
DIMENSÃO DO REAL	Contexto do conflito militar na Ucrânia; utilização de fatos históricos documentados;	Indícios de que conteúdos sobre guerra são apenas pretexto para colocar em circulação ideias pré-concebidas, dotadas de interesses de intervenção no real.	Emergência de elementos da realidade brasileira;
DIMENSÃO DO SIMBÓLICO	Tentativas de agenciar a circulação, propondo uma leitura ou mediação negativa de Putin, mas com sentido um tanto vago, aberto a expansões e novos propósitos.	Reforço das representações de Putin, com desdobramentos em novos circuitos; tensionamento da legitimidade de mediação dos perfis que publicam ou compartilham conteúdos sobre a guerra; Putin como figura que provoca disputas e cisões ideológicas.	Disputas em torno das eleições presidenciais, capitalização das associações simbólicas e imaginárias para legitimar ou deslegitimar determinado ideário; emergência de argumentos contrários à abordagem dos perfis analisados, especialmente os de cunho jornalístico.

Fonte: Elaboração do autor

6.3 Conjunto 3: cerco a Mariupol

6.3.1 Postagem de Hoje no Mundo Militar

Da mesma forma que procedemos nos outros dois conjuntos anteriores, iniciamos a análise deste terceiro e último conjunto por uma postagem do perfil *Hoje no Mundo Militar*. O tweet (Figura 22) traz uma imagem aérea da siderúrgica Azovstal, em Mariupol, em ruínas, após ser palco de intensos combates, representando um reduto da resistência ucraniana na cidade. O post é de 7 de junho de 2022.

Figura 22 – Post de Hoje no Mundo Militar sobre fábrica Azovstal



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Uma primeira diferença que pode ser assinalada, em relação às postagens anteriores do Hoje no Mundo Militar que analisamos, é que o texto que acompanha a fotografia compartilhada tem sua construção assentada, principalmente, em indícios do real da guerra. É como se a força da imagem, seu poder de impactar, junto a um relato da dimensão da destruição, fosse o suficiente para dar seguimento ao fluxo da circulação. Não se faz uso, aqui, de uma associação mais complexa e profunda de imaginários – como no caso do primeiro conjunto, no qual a destruição da guerra aparecia relacionada com a bandeira soviética e todo seu peso simbólico. Não significa que esta postagem sobre a fábrica Azovstal seja desprovida de elementos da dimensão do imaginário; o que ocorre é que parece se tratar de um outro tipo de

imaginário, um imaginário midiático mais cru, feito para chocar e ter consumo imediato.

“Este é o estado em que ficou a siderurgia Azovstal após o ataque russo que destruiu também a sua cidade, Mariupol”, diz o perfil no início da postagem. Isso caracteriza bem o que foi dito, sobre a proposta do post de “mostrar” (“este é o estado”), como se a imagem que vem a seguir pudesse transmitir todo o sentido por si própria. Para realçar a dimensão do “ataque russo”, o *Hoje no Mundo Militar* traz, a seguir, algumas informações sobre a Azovstal; que era uma das maiores siderúrgicas do mundo; que era quase o dobro da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) – claramente tentando aproximar o fato relatado com a realidade brasileira; que sua reconstrução seria excessivamente cara, segundo fontes não identificadas – reforçando a condenação da ação russa. Importante ressaltar que a destruição é exclusivamente apontada como responsabilidade da Rússia, não de um combate de dois exércitos beligerantes. Esse fato, inclusive, aparece em questionamentos dos agentes que comentam no tweet.

Figura 23 – Comentário condenando esforço de guerra russo



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Entrando na análise dos comentários/respostas ao tweet original, há uma predominância de manifestações de apoio ao esforço de guerra ucraniano, como no exemplo reproduzido na Figura 23. Esse comentário, em específico, traz um vídeo mostrando artilharia e blindados russos sendo deslocados, supostamente para o front. O agente publica, junto ao vídeo compartilhado, um texto no qual usa a expressão “fascistas russos”. O sujeito adiciona, assim, um novo sentido à destruição que é mostrada no tweet do Hoje no Mundo Militar. Os autores dessa destruição não são apenas um inimigo, eles são fascistas – trazendo toda a memória relacionada a esse termo, de alguma forma tentando equiparar a invasão russa da Ucrânia às invasões do Eixo na Segunda Guerra Mundial (sendo que a maior delas foi nos territórios da própria Rússia e da Ucrânia).

Figura 24 – Comentários sobre



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

A Figura 24 traz um tensionamento interessante ao comentário visto anteriormente. Se naquele eram os russos classificados como fascistas, aqui o termo “nazistas” se dirige, pode-se supor, ao Batalhão Azov, que estava resistindo na fábrica Azovstal. Como mencionamos anteriormente neste trabalho, o Batalhão Azov levantou muitas polêmicas por ter elementos de apologia ao nazismo. Portanto, o comentário traz um sentido totalmente diferente à destruição retratada no tweet principal, dizendo que seria o preço a pagar para acabar com os nazistas. Fascistas e nazistas, termos tão próximos, acabam sendo empregados para descrever lados opostos no conflito, conforme a perspectiva e os interesses que os sujeitos trazem para as interações, caracterizando a circulação como uma intensa disputa pela atribuição de valor.

Figura 25 – Comentário criticando Hoje no Mundo Militar

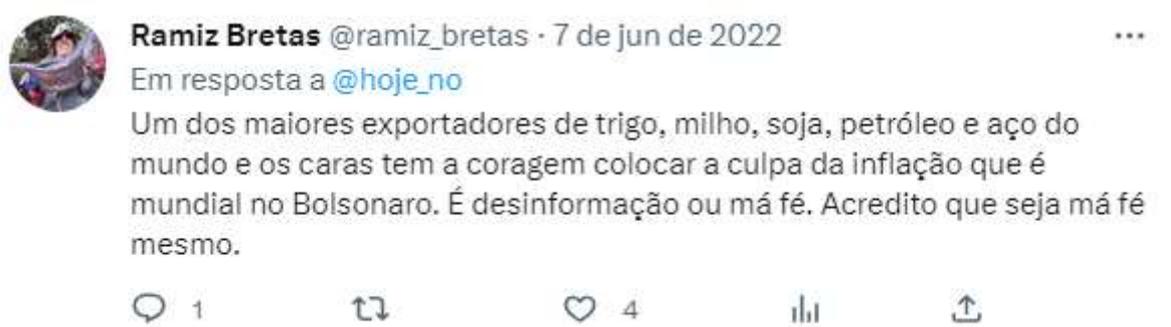


Fonte: Hoje no Mundo Militar

Outra referência implícita ao Batalhão Azov aparece no comentário reproduzido na Figura 25, no qual um sujeito expressa seu “nojo” por um dia ter gostado do canal do Hoje no Mundo Militar, acusando-o de ser “passador de pano pra nazi” e “cachorrinho da OTAN/EUA”. Portanto, apesar de o post do perfil ter a intencionalidade de aparentar “mostrar” a destruição, alguns agentes detectam a

presença marcada de um posicionamento do *Hoje no Mundo Militar* – como alinhado à perspectiva da OTAN e, de certa forma, eximindo o Batalhão Azon (“nazi”) de culpa pela destruição de Mariupol.

Figura 26 – Comentário ressaltando impactos econômicos da guerra



Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

Por fim, o último comentário a ser analisado desta postagem (Figura 26) não se remete diretamente à postagem do Hoje no Mundo Militar, apenas a usa como argumento para sustentar sua afirmação – de que seria incorreto imputar ao então presidente Bolsonaro a culpa pela inflação. O motivo principal seria a guerra, já que a Ucrânia era um grande exportador de vários produtos, como cereais. Não identifica explicitamente a quem se dirige sua crítica, mas se pode inferir que se trata dos críticos de Bolsonaro, no geral, dizendo ainda que seria uma atitude de má fé. Aqui, portanto, a operação é de capitalizar, para a defesa do então candidato à reeleição Bolsonaro, aquilo que seria um índice do real – o impacto da guerra na economia mundial.

6.3.2 Postagem de Pensar a História

A postagem que analisaremos agora traz uma perspectiva bastante diversa sobre os combates em Mariupol. Trata-se de uma sequência de dois tweets do perfil *Pensar a História*, datada de 21 de março de 2021. Nos tweets, são compartilhados vídeos de moradores de Mariupol relatando o sofrimento infligido pelo Batalhão Azov, que combatia na cidade ao lado do exército regular ucraniano, e pelo governo local

(tanto de Mariupol quanto pelo governo ucraniano). Os moradores também se dizem gratos e aliviados com a chegada das tropas russas, com uma das entrevistadas dizendo que os russos chegaram tarde, que deveriam ter chegado antes. Há legendas em português para todas as falas dos entrevistados e perguntas a eles dirigidas²⁴. As fontes dos vídeos não são especificadas, mas pelas logomarcas diferentes que aparecem no canto da tela em cada trecho, pode-se inferir que se trata de uma coleção de entrevistas realizadas em momentos e locais distintos – algo confirmado por diferenciações no ambiente (dia/noite, por exemplo). Pelo teor do conteúdo, supõe-se também que se trata de produções russas, até mesmo pelo fato de um dos clipes conter uma logomarca de “Z” – símbolo da invasão russa na Ucrânia, usado para identificar os blindados russos e incorporado na cultura como marca de apoio à Rússia, tanto dentro como fora do país.

²⁴ Para superar a barreira linguística e ter alguma comprovação da contiguidade entre as falas e as legendas do vídeo, utilizou-se a ferramenta do Google Tradutor, em sua função de reconhecimento por voz. A verificação confirmou a validade das legendas enquanto tradução do áudio dos vídeos.

Figura 27 – Post de Pensar a História sobre Batalhão de Azov

Pensar a História @historia_pensar

Escudos humanos: mais depoimentos de civis ucranianos resgatados de Mariupol confirmando as barbaridades cometidas pelo Batalhão de Azov, o uso de reféns e a incitação para que a população comum enfrentasse soldados russos.

Nós fomos enganados pelo governo ucraniano. Eles disseram que iam dar um jeito em tudo.

35,1 mil visualizações

6:29 PM · 21 de mar de 2022

706 Retweets 78 Comentários 1.802 Curtidas 81 Bookmarks

Pensar a História @historia_pensar

Escudos humanos: mais depoimentos de civis ucranianos resgatados de Mariupol confirmando as barbaridades cometidas pelo Batalhão de Azov, o uso de reféns e a incitação para que a população comum enfrentasse soldados russos.

Posso afirmar com toda certeza que 85% dos danos infligidos à cidade foram causados pelo Batalhão de Azov.

35,1 mil visualizações

6:29 PM · 21 de mar de 2022

Pensar a História @historia_pensar · 21 de mar de 2022

Em resposta a @historia_pensar

"Os russos chegaram tarde": o desabafo emocionado de um senhora resgatada pelas tropas russas em Mariuopol.

nossos presidentes e sobretudo esse bastardo desse Zelensky...

9.977 visualizações

fizeram tudo que era possível para destruir a Ucrânia.

9.977 visualizações

Fonte: Twitter/Pensar a História

A Figura 27 traz os dois tweets que compõem a postagem²⁵, destacando duas falas de cada vídeo compartilhado. No tweet principal, o Pensar a História traz um texto que afirma que os civis ucranianos foram usados como “escudos humanos” pelo Batalhão Azov, cujas ações são descritas como “barbaridades”. As pessoas da cidade de Mariupol teriam sido feitas de refém e incitadas a enfrentarem o Exército Russo. Destaca-se que o texto fala que os civis foram “resgatados” pelas tropas russas, o que condiz com o tom das entrevistas do vídeo. No primeiro frame reproduzido aqui, uma mulher entrevistada afirma que os civis foram enganados pelo governo ucraniano, enquanto no segundo frame outra mulher afirma que 85% dos danos infligidos à cidade teriam sido causados pelo Batalhão Azov.

²⁵ Disponível em: https://twitter.com/historia_pensar/status/1506020246049603584. Acesso em: 22 mar. 2023.

No tweet postado em sequência, há outro vídeo compartilhado, com uma legenda do Pensar a História que destaca uma fala da senhora que dá seu depoimento no vídeo, dizendo que os russos chegaram tarde demais – em uma clara construção simbólica das tropas russas como libertadoras. O perfil também reafirma a noção de “resgatada”, além de classificar o depoimento como “desabafo emocionado”. Nos frames reproduzidos na imagem acima, a senhora em questão afirma “nossos presidentes, e sobretudo esse bastardo desse Zelensky... fizeram tudo que era possível para destruir a Ucrânia”. O uso de palavras fortes como “bastardo” reforça o tensionamento que os relatos trazem, reforçando a noção de um sofrimento insustentável, que faz aflorar emoções diversas.

Todos os elementos da postagem, portanto, compõem uma interpretação bastante diferente da postagem analisada anteriormente, do Hoje no Mundo Militar, no sentido de que traz uma culpabilidade pela destruição e sofrimento em Mariupol atribuída ao Batalhão Azov e ao governo ucraniano – não à Rússia. Porém, há algo em comum, que é a ênfase na dimensão do real para sustentar a construção dos sentidos. Há um destaque para o que podemos chamar de índices do real, como os depoimentos de testemunhas que – se forem de fato autênticos - relatam o que viram e viveram. O post utiliza essa dimensão do real – os relatos – para dar força aos sentidos que introduz na circulação. As relações simbólicas e de imaginários são subjacentes aos relatos, ficando abertas para que sejam exploradas pelos agentes que vão interagir na seção de respostas do tweet ou em outros âmbitos da circulação. A expressão “escudos humanos”, por exemplo, pode fazer emergir inúmeras imagens mentais, de conflitos armados do passado ou mesmo de episódios cotidianos de violência nas cidades brasileiras, em relação a crimes que se utilizam desse artifício.

Figura 28 – Comentários reforçando post e questionando instituições jornalísticas



Fonte: Twitter/Pensar a História

Uma parte significativa dos agentes que comentam e debatem o post do Pensar a História traz uma valorização à iniciativa do perfil de compartilhar os depoimentos dos residentes de Mariupol, como se pode observar nos comentários reproduzidos na Figura 28. Um dos agentes até mesmo agradece: “Valeu! Esse canal mostra o que acontece realmente”. Essa é uma manifestação que atribui valor à estratégia do post, de trazer em destaque à dimensão do real na forma dos depoimentos, dando a ideia de que ali está exposto um real “mais puro”, como se os relatos se bastassem a si mesmos, sem a necessidade da mediação jornalística, por exemplo.

Aliás, uma operação central nesses comentários é a de agentes que atribuem valor ao conteúdo apresentado pelo Pensar a História e ao mesmo tempo tecem críticas e deslegitimam instituições jornalísticas – “grande mídia”, como dizem alguns comentários. O primeiro comentário da reprodução anterior (Figura 28) afirma que o post traz as imagens mais chocantes da guerra até o momento – legitimando a ênfase

na dimensão do real de que falamos antes, que de tão intensa é chocante. O agente também afirma que “nenhuma grande mídia tem a dignidade de mostrar isso”. Há, então, um componente de crítica estrutural e até moral (“dignidade”) ao que seria o campo da grande mídia. O comentário termina dizendo que esta conta (o Pensar a História) “deve estar incomodando muito, mesmo”, ressaltando a percepção de que o perfil seria um dos poucos a ir contra a narrativa predominante sobre a guerra na mídia.

O segundo comentário da imagem traz uma provocação direta ao jornalista e comentarista de política internacional Guga Chacra e à emissora GloboNews, questionando o que eles teriam a dizer sobre Zelensky, ironicamente referido como “herói”. Temos aqui mais uma operação de deslegitimação das instituições jornalísticas tradicionais, nesse caso especificamente em relação a uma instituição e um dos seus jornalistas. Está implícita a ideia de que as instituições midiáticas brasileiras apresentam uma cobertura deficiente (*não mostram*), tendenciosa (*“herói” Zelensky*) e com interesses escusos ou maliciosos (*não tem dignidade*).

O terceiro comentário reproduzido, por fim, reforça tudo que foi dito até agora, ampliando a crítica para outros “grandes” veículos de “imprensa” – cita DW, BBC e Reuters –, afirmando que estariam ocultando, dissimulando e manipulando os fatos. Questiona também se não haveria sequer um “jornalista ético” para “levantar a voz. Ou seja, novamente, há o reforço da crítica estrutural e moral ao fazer das instituições midiáticas brasileiras e, nesse caso, também estrangeiras atuando no Brasil. Por fim, o agente pergunta se alguém sabe como a mídia de outros países, como Índia e China – portanto, subentende-se que se refere a países não alinhados com o Ocidente –, estariam abordando os fatos. Esse é um ponto interessante, pois ao indagar de forma impessoal (“alguém”), o agente demonstra ter algum grau de confiança de que outros agentes que comentam na mesma postagem do Pensar a História podem ter respostas credíveis e fundamentadas para sua pergunta.

Figura 29 – Comentários questionando veracidade do post



Fonte: Twitter/Pensar a História

Existe, ainda, uma outra operação que pode ser observada nos comentários e é oposta àquela descrita anteriormente. Há agentes que levantam dúvidas sobre a credibilidade do conteúdo postado pelo Pensar a História e até mesmo acusam o perfil de estar a serviço da propaganda de guerra russa, como nos comentários reproduzidos na Figura 29. O primeiro comentário diz que duvida que seja verdade (o post com vídeo dos depoimentos), enquanto o segundo pergunta ao Pensar a História “quanro vc tá ganhando pra fazer propaganda russa?”. O terceiro, por fim, chama o perfil de “maluco” e afirma que está usando propaganda mascarada pela TV Russa. Também alerta para os demais sujeitos que estão visualizando a postagem: “não caiam nesse bait”. Ele conclui acusando o perfil de ser “um ator de desinformação de Putin”.

Assim, esses debates levantados pelos agentes que criticam o Pensar a História dirigem ao perfil a tentativa de deslegitimação – não às instituições

jornalísticas. É uma operação de apontar a falseabilidade dos índices do real trazidos na postagem, que estariam corrompidos pelo interesse do perfil (fazer propaganda russa) e, propositalmente, estariam em desacordo com a realidade da guerra (desinformação).

A postagem do Pensar a História, portanto, deixa muito evidente um embate sobre a atribuição do valor na circulação, uma disputa sobre quem tem legitimidade para falar sobre o conflito, um debate sobre se a dimensão do real apresentada está ou não de acordo com a realidade da guerra. É um jogo de agenciamentos e contra-agenciamentos, no qual se trabalha bastante a dimensão do real, na sua legitimidade. Com isso não se quer dizer que a dimensão do imaginário está ausente; mas ela aparece de outro modo – diferente das postagens sobre a bandeira soviética, por exemplo, nas quais a dimensão do imaginário era onde se desencadeavam os debates e embates. Na postagem do Pensar a História, o imaginário é acionado principalmente pelo aspecto de “choque” da imagens, pelas emoções expressas pelos relatos apresentados – sejam eles verídicos ou manipulados.

6.3.3 Postagem da DW Brasil

A última postagem²⁶ a ser analisada neste terceiro conjunto, de 25 de setembro de 2022, é de autoria do perfil da Deutsche Welle Brasil (DW Brasil), uma sucursal da emissora alemã no nosso país. O tweet traz o compartilhamento do link de uma matéria intitulada “‘É prisão ou morte’, diz membro do Batalhão Azov na Ucrânia”. O texto do tweet da DW (Figura 30), que serve de contexto para o link compartilhado, explica que o militar entrevistado foi prisioneiro de guerra da Rússia, sendo libertado em uma troca de prisioneiros. Ele sobreviveu ao cerco de Mariupol ao se esconder na usina Azovstal e deseja retornar ao combate quando estiver curado dos ferimentos.

²⁶ Disponível em https://twitter.com/dw_brasil/status/1573951337267691520. Acesso em 22 mar. 2023.

Figura 30 – Post de DW Brasil sobre militar do Batalhão Azov



Fonte: Twitter/DW Brasil

Pode-se dizer que essa postagem, da mesma forma que as outras duas deste conjunto, busca produzir sentido principalmente com a dimensão do real. Neste caso, temos o testemunho de um soldado que viveu os combates, foi capturado e sobreviveu para contar sua história – índices de um real. A imagem traz um outro índice que é a muleta, ali representado o processo de convalescência do militar, uma marca de que foi afetado pela guerra.

Mas não é a muleta o elemento do post e, especificamente, da imagem que chama a atenção dos agentes debatedores que se manifestam no espaço das

respostas ao tweet da DW. O que definitivamente é percebido pelo público da DW e está presente em praticamente todos os comentários, de uma forma ou de outra, é um elemento estampado na camiseta do militar do Batalhão Azov: um Sol Negro, símbolo associado ao nazismo até a Segunda Guerra Mundial e posteriormente a movimentos neonazistas e de extrema-direita²⁷.

Figura 31 – Comentários condenando post da DW Brasil



Fonte: Twitter/DW Brasil

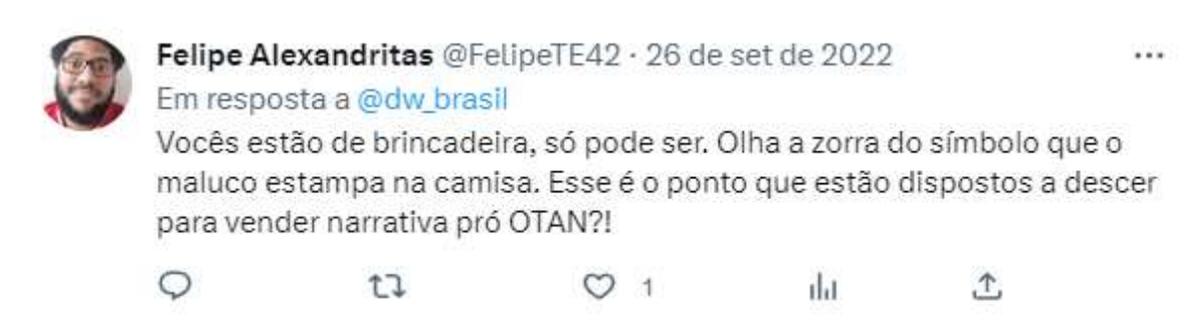
O primeiro comentário reproduzido na Figura 31 traz um tom de reprimenda à DW Brasil: “Acho que vcs como mídia alemã deveriam reconhecer o símbolo nazi na foto. Só acho.” O segundo comentário traz uma mensagem semelhante, porém com um tom mais forte, chamando de “verme” o militar que traz na camiseta o símbolo nazista, finalizando: “Uma pena que uma porra dessa sobreviveu” Note-se o emprego

²⁷ Mais informações sobre o tema em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60646562>. Acesso em: 23 mar. 2023.

da expressão “uma porra” para designar o militar ucraniano – um tom pejorativo e indicando que quem carrega símbolos nazistas não merece ser tratado com humanidade, nem o direito à vida. Outro comentário, na parte inferior direita da reprodução, reforça essa ideia: “Pena que não morreu”. O comentário da parte inferior esquerda da reprodução traz um recorte da imagem da matéria da DW Brasil, com zoom na camiseta, acompanhada da colagem de uma imagem do Sol Negro para facilitar a visualização e atestar que não há dúvidas de que é esse o símbolo que está na camiseta do militar.

Há um movimento interessante da circulação aqui. A simbologia do Sol Negro percebido na camiseta se sobrepõe totalmente a qualquer outro elemento da postagem. Nesse sentido, a proposta da DW de trazer a dimensão do real contida na entrevista com o soldado é totalmente esvaziada pelos agentes debatedores na seção de respostas em razão de um elemento simbólico e de um imaginário social. A vinculação com o nazismo parece acionar imaginários sociais muito bem enraizados, gerando desprezo e reprovação em relação à DW por dar voz a alguém associado a essa ideologia. Não importa o que ele tenha vivido ou feito, o símbolo em sua camiseta tem uma potência de desencadear agenciamentos muito fortes na circulação, deslegitimando completamente a postagem. Não há, também, debates significativos entre os agentes que comentam; os imaginários associados ao nazismo parecem superar outras eventuais discordâncias na interpretação dos fatos, sendo que a defesa dessa ideologia seria insustentável. Certamente o fato de o militar fazer parte do Batalhão de Azov sedimenta ainda mais essa ideia da associação com o nazismo, já que aquela unidade já ser alvo de acusações de simpatia com a ideologia.

Figura 32 – Comentário trazendo narrativa da OTAN para a discussão



Fonte: Twitter/ DW Brasil

Um tipo de operação interessante que se configura como um desdobramento disso é a de capitalizar a percepção negativa do uso do Sol Negro no militar do Batalhão Azov para reforçar determinada posição em outras disputas simbólicas. No caso do comentário reproduzido na Figura 32, o agente reitera o símbolo na camiseta e questiona: “Esse é o ponto que estão dispostos a descer para vender narrativa pró OTAN?!”. Dessa forma, o agente utiliza a associação com o nazismo para atacar a versão da Ucrânia/OTAN da guerra, já que o militar da matéria luta do lado ucraniano, contra a Rússia. Ele tenta, assim, deslegitimar a narrativa Ocidental que defende a posição da Ucrânia e condena as ações russas.

6.3.4 Sistematização do Conjunto 3

A seguir, estão organizados os rastros e operações encontrados na análise deste terceiro conjunto, organizados na tabela que contempla as dimensões do Imaginário, do Real e do Simbólico – conforme a discussão teórica que fizemos da tríade lacaniana.

Tabela 3 – Rastros da circulação a partir da tríade IRS (3º conjunto)

Circulação/ Semiose	AGENTES PRODUTORES 	ZONA DE NEGOCIAÇÃO/DISPUTA DE SENTIDOS 	AGENTES DEBATEDORES 
DIMENSÃO DO IMAGINÁRIO	Imagens de sobreviventes da guerra; relatos carregados com emoções; utilização de expressões que ativam imagens mentais (escudo	Imagens materiais – vídeos e fotografias – aparecem como elemento dinamizador das associações no campo do imaginário; Sol Negro desencadeia a emergência do imaginário do nazismo e serve como	Choque diante das imagens e dos relatos; emoções diversas, como revolta e repulsa; emergência de imaginários sociais

	humano, por exemplo).	barreira para outros sentidos na publicação da DW Brasil.	enraizados, como o de desprezo ao nazismo.
DIMENSÃO DO REAL	Postagens centradas em índices do real (relatos testemunhais de sobreviventes e vítimas da guerra, imagens da destruição causada pela guerra).	Tensionamentos entre o real trazido nas postagens e o real que emerge dos agentes debatedores; níveis diferentes de congruência entre o real proposto pelos perfis e a instancia do reconhecimento, variando desde o reforço até a negação total daqueles índices do real.	Explicitação dos efeitos econômicos da guerra; inscrição de outros índices de realidades na circulação (fatos históricos, por exemplo).
DIMENSÃO DO SIMBÓLICO	Seleção de imagens, vídeos e informações, operando recortes de acordo com os sentidos sobre a guerra que os perfis querem inscrever na circulação; reforço de simbolizações que já circulam sobre a guerra (narrativa da Rússia, narrativa da	Embates pela atribuição de valor aos conteúdos compartilhados, assim como operações para legitimar ou deslegitimar os perfis que os compartilham; disputas de sentido que se expandem para outras instituições, símbolos e discursos.	Questionamento da idoneidade e autenticidade das informações e relatos compartilhados pelos perfis; críticas e descrédito às instituições jornalísticas tradicionais, referidas como grande mídia; capitalização dos signos presentes nas postagens para outras

	Ucrânia/OTAN, etc.).		disputas simbólicas.
--	-------------------------	--	-------------------------

Fonte: Elaboração do autor

Vale assinalar que nesse conjunto as operações parecem ter, em grande medida, aquilo que chamamos como índices do real como ponto de partida. Mas, a partir de sua inscrição na circulação, esses índices passam a ser apropriados, tensionados e questionados. Eles tanto derivam em agenciamentos que tentam os apropriar para determinada simbolização da guerra, como também provocam a emergência de imaginários sociais diversos.

Municiados com as análises e sistematizações de cada conjunto, procedo agora às análises transversais, propondo inferências que articulem as observações empíricas com as interfaces teóricas.

6.4 Análises transversais

Trabalhar com três conjuntos que trazem temáticas e perfis diferentes implica a necessidade de uma vigilância constante para que não sejam negligenciados os aspectos que os aproximam e os tornam coesos. Por outro lado, a vantagem que essa abordagem trouxe para esta pesquisa foi a permitir a observação de movimentos mais complexos de circulação – os quais estariam mais restritos na análise de um único perfil de Twitter. Seguindo os rastros desses movimentos de circulação foi possível identificar sobretudo operações – embates pela produção de sentido, agenciamentos, reforços, legitimações e deslegitimações, entre outros.

Um primeiro aspecto a ser destacado, comum aos três conjuntos, diz respeito às diferenças que existem na relação dos públicos com os perfis que são de instituições jornalísticas tradicionais e com os que são produzidos por outros agentes, que não são necessariamente profissionais do campo jornalístico. Nas postagens dos perfis da BBC Brasil, de O Antagonista e da DW Brasil ocorrem operações de descrédito e deslegitimação por parte dos agentes debatedores – ainda que de diferentes formas e por motivos diversos. Há desde questionamento da veracidade

das informações até duras críticas estruturais sobre o campo midiático. Já nos perfis que não são de instituições jornalísticas tradicionais, como Hoje no Mundo Militar, Brasil Sem Medo e Pensar a História, existem também tensionamentos e problematizações nos comentários, mas esses são mais dirigidos aos conteúdos compartilhados – como debates sobre fatos históricos – ou sobre a visão ideológica que transparece nas postagens.

Nos perfis jornalísticos, o tensionamento precede o debate sobre os conteúdos, questionando a própria legitimidade que a instituição midiática em questão tem para compartilhar as informações ou levantando dúvidas sobre a idoneidade das postagens. Isso pode apontar uma desconfiança estrutural em relação às lógicas de mídia, enquanto nos perfis não jornalísticos existe um nicho de agentes debatedores que é interessado e possui conhecimentos sobre os conteúdos que consome naqueles perfis, em dinâmicas mais afins às lógicas de midiatização (BRAGA, 2015).

Da parte dos perfis que publicam os tweets analisados, existe um movimento que se poderia classificar como uma curadoria, uma vez que compartilham conteúdos – fotos, vídeos etc.) que já estão em circulação e cuja fonte não é explicitada – com exceção das postagens que trazem links de matérias produzidas pelos próprios gerenciadores dos perfis. Os conteúdos compartilhados são inseridos no contexto do perfil que o chancela, recebendo uma legenda que atribui novos sentidos, alinhados com a abordagem do agente que faz essa espécie de curadoria. Assim, as imagens e vídeos passam a integrar novos circuitos, ideologicamente e territorialmente (contexto brasileiro).

Porém, diferentemente do que ocorre em conteúdos regidos por lógicas de mídia (BRAGA, 2015), não há a pretensão, por parte dos perfis, de realizar uma mediação que traga sentidos “prontos” para o consumo na instância do reconhecimento. É esperado, de certa forma, que os agentes, nos comentários, deem sequência ao fluxo, principalmente em casos como o do Hoje no Mundo Militar, cujo produtor sabe que possui um público interessado em temas militares e históricos. É algo semelhante à ideia trazida por Fausto Neto (2020b) em um texto sobre as representações da Covid-19 – a ideia de que a circulação está fazendo seu trabalho.

Os sujeitos que comentam as postagens são aqui tratados com um termo alternativo: agentes debatedores. Isso porque eles não fazem apenas comentar. São agentes frequentemente versados nos temas abordados (Política, História, conflitos militares etc.), munidos de argumentos para sustentar suas ideias, sejam elas de

reforço ou tensionamento às postagens – algo muito relacionado a lógicas de midiaticização, de uma instância do reconhecimento que é também produtora. Essas lógicas de midiaticização não se instalam devido ao fato de tratarmos de uma plataforma digital (Twitter) – o que seria uma visão funcionalista -, mas sim pela natureza das interações, o tipo de contato com o social. Esses agentes debatedores também utilizam o espaço dos comentários para auferir capital simbólico a ser mobilizado em disputas de sentido outras que não aquelas diretamente retratadas nas postagens. Assim, temas importantes das lutas simbólicas atuais passam a ser acoplados à temática da guerra – eleições presidenciais, críticas à imprensa, vacinação de covid-19, atuação de instituições tais como universidades, entre outros.

Devemos lembrar, porém, que lógicas de mídia não estão excluídas da semiose observada nos perfis do Twitter, apesar de não serem predominantes. Há, por exemplo, o uso da potência das imagens para impactar o público, o agenciamento no campo das emoções (medo, comoção, repulsa), algo presente em coberturas de guerras, principalmente no meio televisivo, já no século XX. Isso demonstra que mesmo perfis que não integram o campo do jornalismo formal se apropriam de certos protocolos midiáticos – algo visível também no foco que algumas postagens têm em trazer um tom informativo outros índices do real (como analisado no Conjunto 3).

Mas, no geral, a força e legitimidade de perfis como o Hoje no Mundo Militar e o Pensar a História estão assentados em contratos de sentidos que são firmados com o público ao longo do tempo, em processos tentativos que levam a aprimoramentos técnicos e discursivos por parte da instância da produção. A regulação ocorre na zona de contato com o reconhecimento, sendo que princípios formais do jornalismo não parecem tão relevantes dentro desses nichos de públicos. Ter um posicionamento não é visto como negativo pelos agentes que comentam as postagens. O que importa é o perfil manter uma coerência com o seu próprio trabalho e com os contratos negociados com o público. Os agentes cobram o perfil quando julgam que houve alguma ruptura desses contratos. Por exemplo, observamos agentes se queixando da forma como o Hoje no Mundo Militar tem abordado a guerra na Ucrânia, apontando que o perfil, segundo esses sujeitos, já não segue certos princípios aos quais estavam habituados.

Em relação aos perfis de instituições jornalísticas (BBC Brasil, DW Brasil e O Antagonista) percebemos ocorrer um movimento diferente por parte da instância do reconhecimento. Os agentes que comentam as postagens desses perfis no Twitter os encaram com desconfiança, apontando brechas no discurso da neutralidade e

objetividade jornalística. Os sujeitos levantam dúvidas sobre os conteúdos compartilhados e questionam quais seriam os reais interesses e posicionamentos que estão sob os protocolos jornalísticos.

As operações na dimensão do imaginário são determinantes e atestam a relevância de valorizar seu estudo. Podemos começar por apontar uma potência transbordante do imaginário. Há imaginários que ao serem evocados midiaticamente nos textos e imagens dos tweets, transbordam as postagens, espalhando-se para além dos sentidos contidos nas associações trazidas pelos perfis. A dimensão do imaginário, como defende Lacan, dá consistência a nossa experiência com o mundo; mas não é uma consistência meramente com caráter de suporte aos sentidos que circulam. Há, no imaginário, uma força capaz de trazer imprevisibilidade à semiose, de quebrar e confundir estruturas lineares de produção de sentido. A circulação, em suas disputas por atribuição de valor, abrange uma miríade de imaginários provenientes do tecido social, resultando em processos fluidos. Os imaginários que emergem a partir da bandeira soviética, por exemplo, trazem à tona discussões que vão desde aspectos pontuais da guerra (brutalidade dos russos), passando por questões ideológicas (as políticas de esquerda), até dilemas sociais estruturais (o caminho que a sociedade ocidental, incluindo a brasileira, tomou nas últimas décadas).

No caso da postagem da DW Brasil, vimos um fenômeno que foi o total esvaziamento dos sentidos do tweet original na seção de comentários, suplantados pelo acionamento de imaginários sociais sobre o nazismo e consequentes reações de condenação à DW pela postagem. Foram acionadas imagens mentais muito potentes, capazes de dominar os rumos da discussão.

Quando se trata de imaginários ligados ao passado soviético ou ao comunismo (seja o soviético ou suas implicações no Brasil) há sobretudo imagens-sombra – utilizando o conceito de Ana Paula da Rosa (2019a). As operações engendradas entre instância dos agentes “produtores” e a instância dos agentes debatedores se focam justamente em fazer emergir, por meio de imagens materiais, aquelas imagens mentais que assombram, que retornam de forma cíclica, que estão presentes mesmo não estando materializadas. O reforço de ideias de conspirações, complôs, interesses ocultos e ameaças de um suposto comunismo sorrateiro, que se infiltram nas brechas do tecido social, aparece como uma fantasmagoria. Pode ser percebido nos rondando,

mas é difícil de capturar ou descrever. Assim são os sentidos produzidos a partir de imaginários ligados ao anticomunismo.

Na instância da produção, podem ser destacadas operações que se utilizam da eufemização – uma manifestação da desrealização, conforme nossa problematização. Em nome de enquadrar o conteúdo compartilhado na interpretação que o perfil deseja passar, alguns elementos que pertencem à dimensão do real se perdem, ocultados por expressões que deslocam o sentido para outros rumos, afastando-se desse real. Por exemplo, uso de termos genéricos e vagos, que não dão uma ideia adequada do que realmente se passa na guerra, com as mortes, os combates intensos. Isso também se manifesta quando o foco das postagens está em apenas um dos lados do conflito, sem o contraponto da perspectiva do adversário, gerando uma abordagem um tanto reducionista – na qual as lacunas são preenchidas com expressões prontas, provocando a desrealização. É como se existissem verdades comprovadas a priori, sem compromisso com as complexidades e nuances da dimensão do real.

Outro fato com poder de desrealização é o uso, em algumas das postagens analisadas, de imagens focadas em blindados e outros equipamentos militares, além de imagens de destruição que não dão a dimensão do que viveram ali as pessoas envolvidas (militares e civis). Isso parece favorecer uma proliferação de debates focados mais em questões políticas e ideológicas do que na dimensão humana da guerra.

No entanto, há também uma operação levada a cabo pelos agentes debatedores que, de certa forma, identificam e denunciam essas eufemizações. Eles exigem que os perfis prestem contas da desrealização que promovem. Isso fica muito evidente na postagem da DW Brasil, quando os agentes condenam fortemente a negligência para com o símbolo nazista ao mesmo tempo em que o perfil dá voz e até um certo tom positivo ao militar do Batalhão Azov. Os agentes denunciam, nesse caso, que a DW estaria disposta a eufemizar a associação do militar com o nazismo para reforçar a defesa do lado ucraniano e da OTAN na guerra. Algo semelhante ocorre... Assim, podemos dizer que se em alguns momentos os agentes, nos comentários, podem reforçar as operações de eufemização, eles também operam no sentido de exigir um reencontro com o que seria o real. Esses movimentos são mais perceptíveis nas postagens de perfis de instituições jornalísticas – o que pode estar concatenado

ao posicionamento mais cético dos agentes para com esses perfis -, mas também podem ser observados nas demais postagens.

Há, ainda, operações que se desenvolvem a partir de dinâmicas que caracterizam um conflito midiaticizado. A Guerra Russo-Ucraniana se apresenta com elementos de guerra híbrida – retornando à discussão trazida no capítulo teórico -, incluindo estratégias de dissimulação e de uso das mídias para disseminação de narrativas favoráveis a cada lado em disputa. Porém, a produção de sentido sobre a guerra vai além disso. Trata-se de uma guerra engendrada para circular, para ser debatida, disputada por agentes em diferentes partes do mundo – não apenas pelos militares combatendo em solo ucraniano. Em muitos aspectos, essa guerra se apresenta como um embate civilizatório. O trabalho da circulação faz com que se travem combates nas esferas da cultura, política, economia, entre outras.

Os perfis que produzem as postagens aqui analisadas operam a amplificação e enquadramento da guerra, que é então desterritorializada e se imbrica no contexto e nas disputas do cotidiano brasileiro – no caso desta pesquisa. São operações que tem a participação dos agentes que comentam. Usando como exemplo o Conjunto 2, temos a figura de Putin, que passa a ser apresentada com os mais variados sentidos. Ele aparece como um herdeiro do passado soviético, um personagem autocrático e cruel. A partir disso, associações com o presidente russo são operadas tanto em debates ideológicos (esquerda *versus* direita, por exemplo) como também em disputas sobre os candidatos à presidência do Brasil (Bolsonaro, Lula).

Na dimensão simbólica da circulação observada transparecem disputas que dizem muito sobre as diferentes esferas da sociedade, sendo que estão em jogo esquemas classificatórios do mundo social. O uso de termos como “comunista”, “fascista”, “vagabundo”, “demente”, entre outros, indica a tentativa de marcar posições, de traçar fronteiras e evidenciar distinções. São lutas pelas classificações nas quais se estabelece o lugar do “nós” e do “eles”, posições que não são estanques, mas sujeitas a sutilezas e nuances, complexificadas pelas lógicas de midiaticização (debates sobre o que é de verdade ser “conservador”, por exemplo).

O eixo teórico da tríade Imaginário, Real e Simbólico, por fim, não foi – e nem se pretendeu que fosse – uma forma de categorização dos materiais analisados, dos sentidos ou das inferências. Na verdade, serviu para identificar operações de sentido

que transitam entre dimensões diferentes e que geram reverberações em todas essas dimensões. Certamente que a produção de sentido e a circulação não estão restritas às dimensões do Imaginário, Real e Simbólico; existem outras que poderiam também ser trabalhadas. Mas essas três já permitiram uma complexificação maior da observação. Principalmente, ao serem trabalhadas em inter-relação, oferecem mais ângulos ao pesquisador. A partir dessa tríade, pode-se, por exemplo, investigar quais são as implicações dos imaginários em circulação para as lutas simbólicas. Ou a forma com que essas lutas na dimensão simbólica podem operar eufemizações do real.

7 CONSIDERAÇÕES

O trabalho de pesquisa desempenhado nesta dissertação resultou em avanços na discussão das interfaces teóricas, em uma experimentação metodológica construída em função das particularidades do objeto, inferências a partir das articulações com os materiais investigados e contribuições que acreditamos ter para os estudos de circulação e mediação. Além disso, a partir destas elaborações se abrem possibilidades para avanços futuros, com novas questões. Para iniciar este capítulo de considerações sobre o trabalho, penso ser importante retomar o problema de pesquisa:

De que forma ocorrem as disputas de sentido sobre a Guerra Russo-Ucraniana sob o prisma ideológico e sociocultural brasileiro, a partir das dimensões do Imaginário, Real e Simbólico?

A busca por respostas a esse problema inicia com um esforço para compreender o contexto social e histórico atrelado ao que se iria pesquisar. A identificação de temas centrais, como o anticomunismo no Brasil, mostrou-se chave. Também foi essencial a reflexão sobre a mediação, sobre quais perspectivas seriam mais potentes para este trabalho, para evitar um uso banal dos conceitos e construções realizadas nessa linhagem de pesquisa. A discussão teórica, buscando uma abordagem crítica dos processos midiáticos, dinamizou a análise. A proposta do eixo teórico do Imaginário, Real e Simbólico resultou em várias possibilidades para a construção de inferências, representou uma forma de trazer algo novo aos estudos de circulação e produção de sentido. O mesmo pode ser dito de sua aplicação no arranjo metodológico, de forma experimental, junto à análise de circulação. Obviamente, é uma elaboração inicial, portanto entendo que ainda há muitas potencialidades a serem exploradas e aperfeiçoadas. Aqui, apresenta-se formulações que puderam ser desenvolvidas no espaço de tempo limitado de uma dissertação de mestrado. Da mesma forma, a discussão de conflitos mediados trouxe um ângulo enriquecedor, sendo ainda um conceito promissor para avanços nos estudos de mediação, em especial no que diz respeito à guerra, como da Ucrânia.

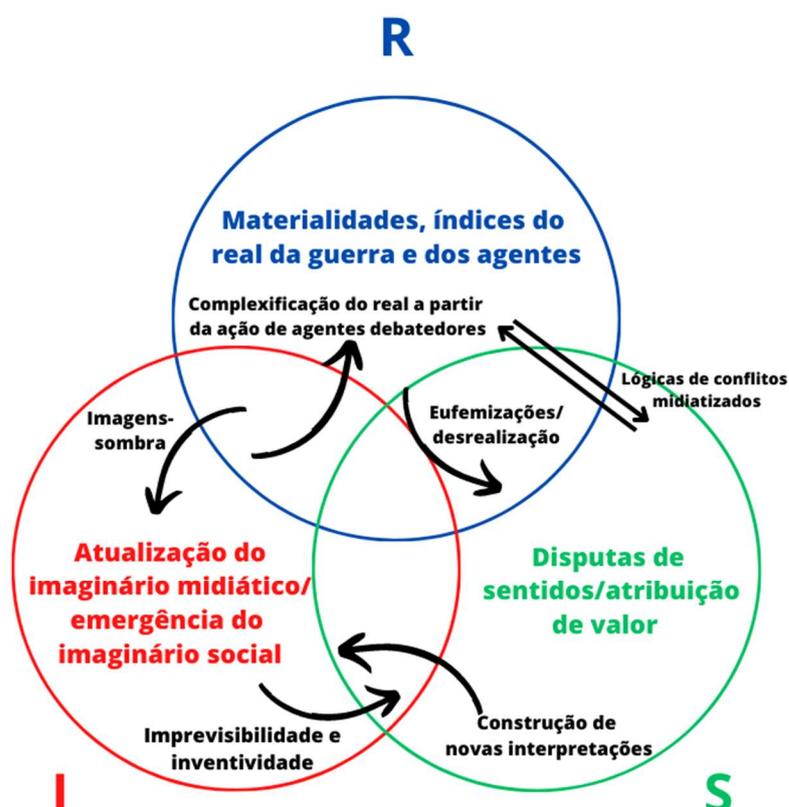
Dirigindo-me diretamente ao problema de pesquisa, as disputas de sentido analisadas sobre a guerra ocorrem a partir do encontro entre tentativas de recontextualização e agenciamento a partir do real da guerra por parte dos perfis

autores das postagens e as ações, por parte dos agentes debatedores, de ampliar e aprofundar esses sentidos em disputa. Os agentes produtores não tentam, no geral, propor interpretações inflexíveis; eles baseiam suas intervenções na circulação em associações que alimentam o imaginário midiático, de certa forma esperando que os sujeitos que comentam as postagens levem o debate adiante. Os perfis que fazem as postagens, por exemplo, não respondem comentários, nem mesmo aqueles que trazem críticas ou ataques a sua abordagem da guerra. As disputas de sentido (que compõem a dimensão simbólica), então, são engendradas na seção de comentários/respostas. Os imaginários sociais que ali emergem provocam um transbordamento, fazendo a discussão alcançar vários outros temas não previstos na postagem original. Isso confere imprevisibilidade ao rumo das operações em circulação. Se existem operações de eufemização e desrealização na intervenção dos agentes produtores, há, por outro lado, operações dos agentes debatedores que tentam um reencontro com um real, questionando e trazendo ao debate elementos que dão conta de outras vivências e relatos.

Compreende-se que a Guerra Russo-Ucraniana, enquanto conflito midiaticizado, apresenta lógicas comunicacionais que não podem ser compreendidas apenas nos termos da propaganda e narrativas de cada lado combatente. A proliferação de imagens e relatos do conflito que chegam incessantemente têm um grande poder de mobilização, sim; mas é igualmente relevante aquilo que retroage sobre a discussão da guerra a partir do tecido social, de embates que estão ocorrendo em outros circuitos. A análise de perfis como *Hoje no Mundo Militar* ou *Pensar a História* permite tomar conhecimento de segmentos da sociedade que estão construindo também esses conflitos midiaticizados. Muitas vezes essa construção se dá por violência simbólica, com indícios de polarizações. E, como discutimos, as “armas” simbólicas, digamos assim, tem poder significativo. Certamente os presidentes e generais russos e ucranianos não têm como controlar o trabalho que a circulação midiática fará sobre a guerra, mas o essencial, para eles, é que essa circulação ocorra, mesmo que de formas não planejadas. Estamos diante de um conflito claramente feito para circular e se imbricar com disputas que ocorrem em outros espaços. Há a influência de diferentes estruturas de poder (econômico, político), assim como também se registram complexificações que desafiam algumas dessas estruturas, como, por exemplo, divisões no interior de vertentes político-ideológicas causadas por não haver consenso sobre os sentidos introduzidos pela guerra.

Entendo que a experimentação teórica e metodológica envolvendo as dimensões do Imaginário, Real e Simbólico, fica como uma contribuição propositiva, uma abertura para novos avanços. Como forma de sintetizar esse trabalho tentativo e promover um enlace entre o âmbito teórico, metodológico e empírico, apresento a seguir um diagrama (Figura 33):

Figura 33 – Diagrama de operações em circulação no esquema das três dimensões



Fonte: Elaboração do autor

Esse diagrama não pretende, sozinho, contemplar toda a complexidade de nosso objeto, mas se configura numa expressão gráfica da argumentação promovida. Como dito anteriormente nesta dissertação, não se pretende afirmar que as dimensões do Imaginário, Real e Simbólico sejam as únicas existentes na produção de sentido; existem muitas outras dimensões. Essa tríade é uma das possibilidades de abordagem, um enfoque, que no caso dessa pesquisa entendemos que trouxe uma relevante complexificação, assim como pode ser potente para outras pesquisas também.

O diagrama explora, sobretudo, as zonas de contato entre as dimensões, já que o nó borromeano (a forma usada por Lacan para o esquema RSI) consiste em três fios que se entrelaçam uns aos outros. Assim, temos: as imagens-sombra, as fantasmagorias, que são acionadas no imaginário midiático a partir das materialidades da guerra; a imprevisibilidade e a inventividade que emerge do imaginário social e que os agentes levam às disputas de sentido; as lógicas do conflito midiaticizado entre o real da guerra e as disputas de sentido; as eufemizações do real em operações no campo simbólico; as interpretações sobre a guerra que são construídas nas disputas de sentido e contribuem na proliferação de outros imaginários; a complexificação que se é engendrada a partir do trabalho dos agentes debatedores, com sua capacidade de ligar imagens mentais às materiais, retroagindo na dimensão do real.

Os primeiros meses de 2023 apontam para um acirramento da guerra, tanto no campo militar quanto simbólico. Fala-se muito mais nas esperadas ofensivas de primavera planejadas por ambos os lados, ao invés de tratativas de paz. Da mesma forma, no Brasil temos novos desdobramentos das disputas ideológicas, com um novo governo – o qual já teve em seus primeiros dias uma invasão de bolsonaristas aos prédios dos Três Poderes em Brasília.

Como a circulação é sempre cambiante, novos sentidos emergem, outros são reforçados ou rechaçados. A reflexão sobre conflitos midiaticizados, nesse contexto, é cada vez mais relevante. Como se comportará, daqui para frente, a produção de sentido sobre uma guerra que já dura mais de um ano? Haverá uma saturação do imaginário midiático com tantos conteúdos produzidos diretamente do front circulando? A duração da guerra no tempo trará um declínio no seu poder de provocar embates na circulação ou, pelo contrário, irá potencializar esses embates? Qual será o impacto comunicacional de uma OTAN cada vez mais empenhada em patrocinar uma vitória ucraniana e uma possível maior influência da China no conflito? O que dizer das ameaças de uma escalada rumo à guerra nuclear?

Essas são apenas algumas das questões que ficam em nossa mente. Acredito que o desafio para a Comunicação, em específico os estudos de midiaticização, é construir arranjos metodológicos, teóricos e analíticos inventivos, capazes de dar conta de objetos cada vez mais complexos e multifacetados – dessa forma que guiei o esforço tentativo dessa dissertação.

Encerro esse trabalho com um sentimento de gratidão à pesquisa acadêmica e com a infinidade de aberturas e novos olhares que ela proporciona. O encantamento inicial com o mestrado de alguma forma se renova, depois de dois anos intensos, por vezes exaustivos, com a certeza de que há muito mais a explorar. Sempre fui um grande interessado por História, especialmente em relação a guerras que transformaram os rumos da humanidade. Ter a oportunidade de sair da condição de mero curioso para me empenhar em um esforço científico para efetivamente contribuir na compreensão de um evento tão traumático como a Guerra Russo-Ucraniana foi uma importante experiência de crescimento pessoal. Aprendi que sempre há visões divergentes, sempre há complexificações possíveis. Mas o certo é que, enquanto pesquisador, o curioso que vive em mim está ainda mais inquieto ao final dessa jornada de mestrado.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (org.). **Mediação e Mdiatização**. Salvador: UFBA, 2012. p. 31-52. Disponível em http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf

_____. Lógicas de mídia, lógicas de midiatização? In: FAUSTO NETO, Antônio; ANSELMINO, Natalia; GINDIN, Irene (orgs). **CIM- relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosário: UNR, 2015. P. 15-32.

COULDERY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: UNISINOS, 2020.

FALCHI, Maria do Carmo. “Você se abre para escrutínio”: o público e o privado nas elaborações sobre Síndrome de Turner na ambiência da midiatização. **Revista Panorama**, Goiânia, v.11, n.2, p.7-12, 2021. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/12122/5522>

FARIA, Michele Roman. **Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan**. São Paulo: Toro Editora, 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Trajetórias do coronavírus e interpenetrações de discursos sociais. In: FERREIRA, Jairo... [et al.] (org.). **Mdiatização, polarização e intolerância**: (entre ambientes, meios e circulações). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020a. p. 209-230.

_____. Coronavírus - Sentidos em Circulação: do laboratório às discursividades sociais. **Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación**, v.19, n.35, p.61-71, 2020b. Disponível em: revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/659. Acesso em: 1 mar. 2023.

_____. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FERREIRA, Jairo. Semiose midiatizada e poder: interfaces para pensar os meios algorítmicos e plataformas. In: FERREIRA, Jairo... [et al.] (organizadores). **Sapiens midiatizado**: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie. – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2022. p. 212-235.

_____. Valorização do capital e semiose midiatizada: entre modos de produção e formas de produzir. In: MIÈGE, Bernard... [et al.] (org.). **Operações de midiatização**: das máscaras da convergência ao tecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016. p. 81-93.

_____. O objeto, o método e a metodologia na pesquisa da circulação e midiatização (inferências a partir da obra *Ethnographie de l'exposition*). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-17, jan.-dez. 2020.

_____. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 2. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2019. p. 145-160.

_____. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 161-172, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802/23491>. Acesso em 05 jun. 2021.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

HOSKINS, Andrew; O'LOUGHLIN, Ben. Arrested war: the third phase of mediatization. In: **Information, Communication & Society**, Vol. 18, No. 11, p. 1320-1338, 2015.

KIRIYA, Ilya. A dimensão industrial da midiatização: investigação do ponto de vista das indústrias culturais. In: FERREIRA, Jairo... [et al.] (organizadores) **Redes, sociedade e pólis**: recortes epistemológicos na midiatização. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2020.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23**: o sinthoma, 1975-1976. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LISBOA, Artur Krepp. Guerra Híbrida. In: **Revista Passadiço**: v. 34 n. 41, 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. **Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco**: como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1, p. XXX-YYY, jan./abr. 2021.

ROSA, Ana Paula da. Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra. **MATRIZES**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 155-177, 2019a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/150455>. Acesso em: 22 dez. 2021.

_____. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 42, n. 2, p.21-33, maio/ago. 2019b. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3137/2286>. Acesso em: 20 out. 2020.

SACRAMENTO, Igor. A melodramatização da pandemia: a Covid-19 e as dinâmicas de representação do inimigo. In: BARBOSA, Marialva; SACRAMENTO, Igor (org.). **Vozes consoantes**: comunicação e cultura em tempos de pandemia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020. p. 116-131.

SANTAELLA, Lucia. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 81-91, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 abr. 2021.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**: os treze capítulos originais. Adaptação e tradução de André da Silva Bueno. São Paulo: Jardim dos livros, 2011.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun 2014. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928/85961> Acesso em 1 de mar/2021.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiatizado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da midiatização. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. ISSN 2675-4290. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1354>. Acesso em: 04 jun. 2021.